

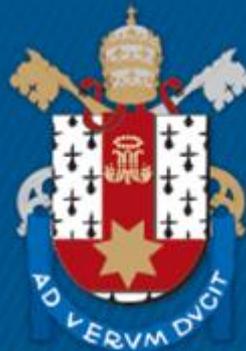
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
CURSO DE JORNALISMO

MARIA THEREZA ORO SARAIVA

**REALEZA NA MÍDIA: O JORNALISMO DE ENTRETENIMENTO E A INVASÃO DE  
PRIVACIDADE DE PESSOAS PÚBLICAS**

Porto Alegre  
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

MARIA THEREZA ORO SARAIVA

**REALEZA NA MÍDIA:**

**O JORNALISMO DE ENTRETENIMENTO E A INVASÃO DE PRIVACIDADE DE  
PESSOAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Maria Cassol

Porto Alegre

2019

MARIA THEREZA ORO SARAIVA

**REALEZA NA MÍDIA: O JORNALISMO DE ENTRETENIMENTO E A INVASÃO DE  
PRIVACIDADE DE PESSOAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau em  
Bacharela em Jornalismo pela Escola de  
Comunicação, Artes e Design - Famecos da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivone Maria Cassol - PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Regina Puhl - PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup>. Me. Glafira Furtado - PUCRS

Porto Alegre

2019

## AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer primeiramente aos meus pais, Rosmari e Celso, as duas pessoas mais importantes de minha vida, por terem sido dois pilares fundamentais nessa jornada, dando seu suporte, em todos os sentidos possíveis, para que eu pudesse iniciar e, mais importante, concluir essa etapa da vida. O clichê “eu não conseguiria sem vocês” ainda é válido. E ele vale desde o momento em que decidi a faculdade que iria cursar, o momento de me mudar de cidade (e de país, mesmo que por um curto período) para isso, aos momentos em que tudo parecia dar errado e a vontade maior era desistir de tudo (mas a graças a vocês, persisti. E sou grata por isso).

Muito obrigada por aguentarem cada viagem de mais de cinco horas dentro de um carro com os gatos miando no banco de trás (e claro, uma menção especial a eles, Bastet e Indiana, pela companhia e afeto, e aos outros tantos que ficaram em Erechim) e um número infinito de malas para subir e descer pelas escadas. Muito obrigada por permitirem, apoiarem e embarcarem em cada decisão minha (por mais louca que pudesse parecer) com um sorriso no rosto e palavras de apoio. Obrigada por não desistirem de mim. Amo vocês, mais do que tudo.

Agradeço ao meu irmão, Celso Filho, por todas aquelas risadas que um dia demos juntos. Por um momento, tudo parecia mais leve e mais fácil.

Às minhas tias e madrinhas, Cristiane e Elizabeth, por, a suas maneiras, também estarem presentes nessa trajetória. Vocês são muito especiais e as levo comigo em um lugar especial no coração.

À Clementina Rudnicki, minha “madrinha” extra, que já é parte da família há tanto tempo. Muito obrigada por seu apoio e carinho.

À minha “madrinha” porto-alegrense, Maura Graziadei, que, com um bom humor incomparável, me acolheu nessa cidade, fazendo com que eu me sentisse em casa e parte da família.

À minha “madrinha” portuguesa, Vera Romão, que me mostrou os encantos da colorida Lisboa (e feito me apaixonar novamente pela cidade). Muito obrigada por não ter deixado que me sentisse sozinha, mesmo há milhares de quilômetros de casa, com sua companhia encantadora. Até logo.

Ao Dr. Alcides Mandelli Stumpf, por seu acompanhamento e também pelo voto de confiança profissional.

Aos meus professores da Famedcos por todo conhecimento que transmitiram ao longo desses quatro anos. É uma bagagem mais do que necessária para o preparo profissional. Também um agradecimento aos professores da Universidade Autónoma de Lisboa por, não apenas pelos dos ensinamentos, mas também pela experiência e pelos contatos que certamente estarei levando comigo para o restante da vida.

Um agradecimento especial à minha orientadora deste trabalho, Ivone Cassol, por todo apoio e auxílio durante nossas reuniões de orientação. Sua disposição (e paciência) com todas minhas dúvidas foram elementais na construção da pesquisa e análise.

E por fim, gratidão ao Universo, por sempre alinhar os caminhos e o destino.

*Mahalo!*

“Enquanto existirem poetas, dramaturgos e homens com corações a serem quebrados, histórias serão contadas sobre a princesa que morreu do outro lado das águas e voltou para casa para ser coroada como rainha; a rainha de todos nossos corações. Diana, a princesa de Gales. Ela escreveu poesia em nossas almas. E nos deixou maravilhados.”

(Andrew Morton)

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a invasão de privacidade na abordagem por parte da mídia sensacionalista sobre celebridades, como a família real britânica. Para que isso fosse possível, a metodologia aplicada foi a de análise de conteúdo feita a partir de matérias do jornal Folha de São Paulo, comparando os objetos sobre Lady Diana Frances Spencer, Catherine Elizabeth Middleton e Rachel Meghan Markle. Como base para a construção dessa monografia foram utilizados em pesquisa e citados diversos autores ao longo dos capítulos, bem como códigos constitucionais e de ética, definindo conceitos de jornalismo de entretenimento, sensacionalismo, a profissão dos paparazzi, cultura de celebridades, ética e privacidade. A partir do evento da morte da Princesa Diana de Gales, em 1997, que resultou em um grande questionamento sobre a perseguição dos paparazzi às celebridades, o estudo apresenta e compara esse fato com o atual cerco midiático em torno das duquesas de Cambridge e Sussex, Kate Middleton e Meghan Markle, respectivamente. Ao final, se constata que as mudanças observadas na relação entre mídia e celebridades ocorreu muito mais por parte das personalidades, mas não de parte dos meios de comunicação e do público.

**Palavras-chave:** Jornalismo de entretenimento. Sensacionalismo. Ética. Privacidade.

## ABSTRACT

This research seeks to analyse the invasion of privacy from the approach of the sensationalistic media about celebrities, like the British royal family. To make it possible, the methodology applied was the content analysis made from subjects of the *Folha de São Paulo* journal, comparing the objects about Lady Diana Frances Spencer, Catherine Elizabeth Middleton and Rachel Meghan Markle. As a basis for the construction of this monography several authors were used in research and mentioned through the chapters, as well as constitutional codes and ethics codes, defining concepts about entertainment journalism, sensationalism, parazzi, celebrity culture, ethics and privacy. From the event of Princess Diana of Wales' death, resulting in a major inquiring about the harassment from paparazzi to celebrities, this study presents and compares that fact with the present media siege surrounding the duchesses of Cambridge and Sussex, Kate Middleton and Meghan Markle, respectively. By the end of it, it's noted that the changes in the relationship between the press and celebrities occurred much more from the personalities, but not from the media and the public.

**Keywords:** Entertainment journalism. Sensationalism. Ethics. Privacy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do caderno especial dedicado à morte de Diana.....	54
Figura 2: Notícia sobre a venda de fotografias de Diana no momento do acidente...	55
Figura 3: Os cinco mandamentos de um paparazzo.....	56
Figura 4: Manchete da notícia a respeito da reação dos tabloides.....	57
Figura 5: Imagem de Diana cercada de fotógrafos ilustra a manchete.....	58
Figura 6: Manchete e notícia a respeito da solução buscada pelo Parlamento britânico.....	59
Figura 7: Manchete da notícia a respeito da condenação da revista francesa e imagem ilustrativa de Kate Middleton.....	60
Figura 8: Exemplo de manchete a respeito de Kate Middleton, comparando-a à Diana.....	61
Figura 9: Manchete acompanhada de imagem ilustrativa sobre Meghan Markle.....	63
Figura 10: Tweets de Elton John a respeito da viagem de Harry e Meghan.....	64
Figura 11: Foto publicada pela conta oficial do casal no dia das mães.....	66

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 MÍDIA, SENSACIONALISMO E ENTRETENIMENTO.....</b>	<b>14</b>
2.1 NOTÍCIA SENSACIONALISTA .....	14
2.2 ENTRETENIMENTO NO JORNALISMO .....	17
2.3 JORNALISMO E CELEBRIDADES .....	20
<b>3 DIREITO À PRIVACIDADE.....</b>	<b>25</b>
3.1 ÉTICA NA COMUNICAÇÃO .....	25
3.2 PRIVACIDADE DE PESSOAS PÚBLICAS .....	29
3.3 PAPARAZZI À ESPREITA DA REALEZA.....	34
<b>4 FAMÍLIA REAL VISTA PELA MÍDIA.....</b>	<b>39</b>
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA .....	39
4.2 O JORNALISMO DA FOLHA .....	41
4.3 DIANA: A PRINCESA DO POVO E DA MÍDIA.....	42
4.4 KATE MIDDLETON E MEGHAN MARKLE .....	48
4.5 ANÁLISE: A MORTE QUE ABALOU O MUNDO, TOPLESS E A DUQUESA QUE NÃO AGRADOU A MÍDIA .....	53
4.5.1 Folha de São Paulo: Caderno especial - “Diana”; 1º de setembro de 1997 (edição número 24988).....	53
4.5.2 Folha de São Paulo: “Revista que publicou fotos de topless de Kate Middleton terá que pagar multa”; 19 de setembro de 2018 .....	60
4.5.3 Folha de São Paulo: “A duquesa difícil”: Por que os tabloides britânicos odeiam Meghan Markle”; 1º de agosto de 2019 .....	62
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO A - EDIÇÃO NÚMERO 24988 - 1º DE SETEMBRO DE 1997.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO B – 19 DE SETEMBRO DE 2018.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO C – 1º DE AGOSTO DE 2019.....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 31 de agosto de 1997, a Princesa Diana de Gales faleceu, em Paris, em decorrência de um acidente automobilístico durante uma perseguição de fotógrafos em busca de conteúdo para os meios de comunicação. Debater a maneira como a mídia aborda as personalidades públicas, muitas vezes, invadindo sua privacidade, perseguindo e explorando sua vida é o objetivo deste estudo que parte dos conteúdos da Folha de São Paulo voltados à vida da princesa no momento de sua morte. Também é observado o tratamento atual da mídia dispensado às noras de Diana, Kate Middleton e Meghan Markle para identificar alguma mudança na forma como são realizadas as coberturas envolvendo personalidades da realeza britânica. No período em que esteve na mídia, Diana Spencer foi alvo constante de perseguições de tabloides do mundo todo que buscavam expor seu cotidiano e sua presença em eventos reais de maneira intrusa. Ainda que soubesse fazer uso de sua imagem para promover causas sociais e levantar discussões a respeito de temáticas vistas na época como polêmicas (como a AIDS), a mídia a via como um produto para venda através de matérias sensacionalistas. Adorada pelo povo, este consumia qualquer conteúdo que fizesse menção a ela, mesmo que a informação fosse obtida infringindo sua vida íntima.

Segundo Mira (1999, p. 3), a ideia de privacidade, de um modo geral, aparece apenas a partir do século XVIII quando a estrutura das casas passa a ter divisórias que delimitam o espaço pessoal de cada indivíduo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (1948) assegura, em seu artigo XII, o direito à proteção legal contra interferências à vida privada e ataques à honra e reputação. Porém, a mídia passa a estar à beira da transpassar essa determinação para obter alguns conteúdos, especialmente quando se referem ao cotidiano e intimidade de celebridades, mercado que cresce nas últimas décadas com a expansão tecnológica e das formas de comunicação. Segundo o Observatório da Imprensa (2010), pesquisa realizada pelo Centro PEW de Pesquisas para a População e Imprensa (2007) afirma que 40% dos americanos acreditam que há um excessivo espaço dedicado à vida de artistas em relação a outras editorias, como saúde e economia.

Estudar o comportamento dos meios de comunicação nestes casos é relevante e de interesse desta pesquisadora pelo impacto destas informações junto ao público e pela necessidade de reflexão e debate sobre os limites entre o que é público e o privado e os questionamentos ao lado obscuro da comunicação. Não apenas o elemento principal sendo a circunstância da morte de Diana Spencer envolvendo uma perseguição de representantes da mídia, mas também que grande parte de sua vida teve a presença dos veículos buscando informações a seu respeito a todo custo. A princesa de Gales foi desprovida de seu direito à vida privada em detrimento da demanda por conteúdos que fossem além de suas aparições públicas e eventos, mas também sua intimidade. Esta mesma invasão de privacidade segue 22 anos depois com Kate Middleton e Meghan Markle?

No Brasil, a Constituição Federal (1988) conta com a presença do Artigo 5, inciso X que garante que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. A Convenção Europeia dos Direitos Humanos (1953), que regulamenta o cenário social e político europeu, incluindo a Grã-Bretanha, assegura em seu artigo 8º que “qualquer pessoa tem direito ao respeito da sua vida privada e familiar, do seu domicílio e da sua correspondência”. Ainda assim, há um abundante número de veículos que fazem uso de meios pouco éticos em seus materiais publicados e violando a privacidade de indivíduos (pessoas públicas ou não) para a obtenção de conteúdo.

O objetivo deste estudo é analisar como essa presença midiática transpunha o direito à privacidade não só de Diana - e posteriormente outros membros da família real, mas de qualquer pessoa pública, em favor da obtenção de conteúdo, bem como debater os conceitos e a relevância de um código ético dentro do meio jornalístico.

Os procedimentos metodológicos estabelecidos para a composição deste estudo são pesquisas bibliográficas e documental, bem como análises de conteúdo. De acordo com Lakatos e Marconi (2009, p. 183.), a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Este método deve auxiliar na construção de uma definição do conceito de privacidade nos meios de comunicação.

A pesquisa documental contribui para uma análise do caso citado da princesa Diana de Gales e sua constante presença em diversos veículos de comunicação,

mesmo em momentos privados. Este método tem como intuito recolher informações prévias sobre o campo de interesse (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 174).

A organização da presente monografia prevê cinco capítulos, incluindo entre estes Introdução e Conclusão.

O segundo capítulo - Mídia, Sensacionalismo e Entretenimento - aborda o culto às pessoas públicas e o mercado à sua volta ligado ao entretenimento e sensacionalismo na mídia. Dentro deste nicho são enfocados os membros da família real britânica (princesa Diana, Kate Middleton e Meghan Markle) e o interesse do público no consumo de informações a seu respeito. A pesquisa para o desenvolvimento do capítulo é fundamentada nas obras de autores como Aguiar (2008), Angrimani (1995), Arbex Jr. (2001), Dejavitte (2007), França (2014), Pena (2002) e Ramos (2012).

Em seguida, o terceiro capítulo, Direito à Privacidade traz os códigos de ética e leis referentes à privacidade dentro dos meios de comunicação. Também são debatidos os conceitos que definem a privacidade e a importância de seu respeito. Em relação ao conteúdo citado são consultados autores como Tófoli (2008), Martino e Marques (2018), Caldas (1997), Smith (2014), Mira (1999), Solove (1972), Karam (2014), Alach (2008), Samuelson (2017), Machan (1997) e Curry Jr. (2000)

O quarto capítulo (Família Real pela Mídia) apresenta uma contextualização a respeito dos personagens analisados. A partir disso e com os estudos dissertados nos capítulos anteriores, são analisadas, através de publicações do jornal A Folha de São Paulo, como a mídia abordava Diana Spencer naquela época e como é o relacionamento atual com suas noras, Kate Middleton e Meghan Markle.

Com este estudo, pretende-se discutir a respeito da importância da condução profissional ética e respeitosa em relação às fontes, principalmente de personalidades públicas, educando também o público para observar os limites comunicacionais.

## 2 MÍDIA, SENSACIONALISMO E ENTRETENIMENTO

O capítulo aborda o jornalismo sensacionalista, cujas características em várias oportunidades se entrelaçam com o entretenimento. Partindo da contextualização histórica da mídia e de como, ao longo do tempo, esta buscou envolver diferentes públicos através do apelo emocional, procura-se compreender e debater a presença das celebridades neste segmento comunicativo. A pesquisa tem como base os autores Aguiar (2008), Angrimani (1995), Arbex Jr. (2001), Dejavitte (2007), França (2014), Pena (2002) e Ramos (2012).

### 2.1 NOTÍCIA SENSACIONALISTA

A comunicação faz parte da sociedade humana desde a Pré-história. Não obstante, Ramos (2012, p. 19) argumenta que foi apenas após a criação dos tipos móveis, pelo inventor alemão Johannes Gutenberg, no Renascimento (1455), que a comunicação saiu da oralidade e ganhou maior densidade: “a partir daí, a escrita se multiplicou e se democratizou, através de sua industrialização”. Não há, precisamente, um fator determinante do surgimento da imprensa sensacionalista. Angrimani (1995, p. 19) evidencia Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst como referências da implantação deste tipo de jornalismo, mas ressalta “o sensacionalismo parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios”.

Com o passar do tempo, os meios de comunicação ganharam um caráter comercial, dispostos a investir em novos públicos que estavam menos interessados em matérias sobre política, mas que preferiam dedicar seu tempo de lazer à leitura de conteúdos mais leves (AGUIAR, 2008). Jornais como o *La Presse*, da França, criado em 1836, segundo Traquina (2005, citado por AGUIAR, 2008), inovaram deixando de lado os grandes artigos políticos, passando a produzir conteúdos mais próximos ao público, como notícias de rua, moda e furos jornalísticos.

Essa imprensa, que oferece aos leitores uma informação mais diversificada e atraente, assume uma narrativa marcada pelo sensacionalismo. A notícia - transformada em mercadoria - vai recebendo, gradativamente, mais investimento, com a finalidade de aprimorar o seu valor de uso. (AGUIAR, 2008, p. 18)

A partir desta concepção da notícia como uma mercadoria surgiu a *penny*

*press*, precursora da atual mídia sensacionalista. De acordo com Aguiar (2008), esse modelo de jornal era vendido ao valor de um centavo, o que fazia aumentar sua circulação e, conseqüentemente, atrair novos leitores. Mas apenas a redução dos valores não era o bastante para isso, fazendo com que houvesse também uma renovação na forma como eram escritos.

A emergência de um amplo mercado de massas incrementa a publicidade, que se torna o principal fator econômico de sustentação da empresa jornalística. Para assegurar fartas verbas publicitárias, os jornais precisam atingir uma alta vendagem, ampliando constantemente seu público através de estratégias comunicacionais. O sensacionalismo configurou-se (...) como uma das mais eficientes estratégias de comunicação para fascinar e seduzir o público, visto elevar a potencialidade de entretenimento do acontecimento. (AGUIAR, 2008, p. 20)

O veículo de valor reduzido e maior abrangência de públicos que surgiu no século XIX despolarizou o viés político que a imprensa apresentava até então. Traquina (2008, p. 67) salienta que, antes da criação da *penny press*, a temática mais frequente das notícias eram “discursos parlamentares, cotações da Bolsa, o câmbio, conflitos militares e informações comerciais”. O autor ainda destaca que jornais como *New York Sun*, além do usual, forneciam conteúdos criminais, escândalos e tragédias. O resultado positivo de suas vendas com esse incremento pôde ser visto rapidamente: em menos de quatro anos, o jornal havia vendido 30 mil exemplares diariamente - 15 vezes o que era comercializado em seu lançamento.

Bakhtin (2002, citado por RAMOS, 2012, p. 20) enfatiza a presença de uma linguagem própria que passou a incorporar esse tipo de imprensa, de caráter familiar ao leitor, que beirava muitas vezes o grosseiro: “distancia-se do estilo discurso escrito e incorpora Oralidade, com os tons e timbres das praças públicas”. Além da linguagem, o conteúdo, comenta Ramos (2012), traz a variação do excesso e apelo emocional ao leitor. Assim, a população consome notícias que estariam aproximadas dos dramas de seu cotidiano. Essas narrativas dentro do sensacionalismo (AGUIAR, 2008, p. 22) passaram a ser chamadas *fait-divers* e mais atualmente, infotimento. Na visão de Baillon (1988, citado por ANGRIMANI, 1995), o modelo dos *fait-divers* era encontrado ainda na Idade Média, em forma das canções dos trovadores. Mas foi no século XIX que se estabeleceram com convicção no mercado jornalístico.

Apesar do paradigma atual da prática do infotimento ser o jornal *U.S. Today*, fundado em 1982 para ser o primeiro jornal de circulação nacional dos Estados Unidos, os jornais ingleses em tamanho tablóide - como *The Sun*, *The Daily Mail*, dentre outros - construíram uma trajetória histórica com ênfase no *fait-divers* - isto é, jornalismo informativo relatando fatos que produzem sensações, sendo capazes de entreter o leitor. A estratégia dos jornais

tablóides sempre foi estampar notícias anunciadas como “revelações de verdades” sobre problemas da vida amorosa ou escândalos envolvendo autoridades celebridades. Infotainment, essa mistura de informação e entretenimento, cria técnicas para apresentar as notícias como se um segredo fosse revelado ao leitor. (AGUIAR, 2008, p. 22)

Pedroso (2001, citada por RAMOS, 2012, p.36) elenca algumas das características que marcam o sensacionalismo. De acordo com a autora, os impressos que se enquadram nesta temática costumam se valer de exageros na sua linguagem; valorizam causar impactos emocionais em seu público, ao invés de informar; e ainda uma “valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subsequentes e sem contextualização político-econômico-social-cultura”.

A linguagem editorial sensacionalista é a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca “romper o escudo contra as emoções fortes”. É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação. (ANGRIMANI, 1995, p. 39-40)

O valor-notícia (aspectos que indicam o que é, ou não, notícia) da dramatização, definido por Traquina (2008), enquadra-se na construção fundamental do sensacionalismo. Para o autor, a dramatização é o “reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual” (p. 91).

Em contrapartida, Angrimani (1995, p. 39-40) descreve a linguagem característica do sensacionalismo como a clichê. Enquanto as mídias tradicionais - “sérias” - utilizam a chamada linguagem sóbria, “neutra, objetiva, que permite o distanciamento, um não envolvimento entre o público e a mensagem informativa”, o sensacionalismo preza o contrário. Através do clichê, procura chocar e impactar o leitor, introduzindo-o no contexto do personagem e se beneficiando de suas emoções. “O sensacionalismo não admite moderação” (1995, p. 40).

Apesar de inicialmente apresentar-se como um modo mais elementar do jornalismo, através de abordagens que exploram as sensações do leitor (AGUIAR, 2008) para conquistar novos consumidores, o sensacionalismo passa a se tornar um produto de mercado. A atmosfera de inocência e lazer que o cercava é substituída pela constante necessidade da venda deste conteúdo.

A informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria. Não possui mais valor específico ligado, por exemplo, à verdade ou à sua eficácia cívica. Enquanto mercadoria, ela está em grande parte sujeita às leis do mercado, da oferta e da demanda, em vez de estar sujeita a outras regras, cívicas e éticas, de modo especial, que deveriam, estas sim, ser as suas. (RAMONET, 1999, p. 60)

Aguiar, ao se referir à *penny press*, alega que era recomendado ao jornalista noticiar os acontecimentos locais, sem preconceitos ou incluir sua própria opinião, porque sempre houveram restrições a esse tipo de jornalismo. O autor se sustenta em Lage (2001), afirmando que:

Sempre houve uma forte reação contra esse modelo de jornalismo informativo. De um lado, encontra-se a vertente educativa, apontando que a função social do jornalismo informar e educar aos cidadãos, além de vigiar e denunciar os abusos ou erros do poder político, nas organizações econômicas e demais instituições na sociedade (Lage, 2002: 15). De outro, a vertente sensacionalista defendendo que cumpre uma função socializadora ao atingir um público de massa. Sua justificativa é que consegue envolver o leitor para que tenha interesse em ler a notícia, mobilizando suas emoções no processo de leitura por abordar temas que o empolgasse. (AGUIAR, 2008, p. 20)

Um dos temas mais frequentes na narrativa sensacionalista é a morte, embora essa não seja uma característica exclusiva deste tipo de informação, pois é um dos valores-notícia de grande importância do jornalismo em geral pelo impacto que o fim da vida tem na sociedade. Ao apontar as especificidades da narrativa sensacionalista, Angrimani (1995) utiliza da metáfora do sangue para definir esse nicho jornalístico, onde bastaria “espremer o jornal” para sair o sangue. “Onde há morte, há jornalistas”, declara Traquina (2008, p. 79). Apesar de estar diretamente ligada ao estímulo de emoções negativas, não apenas da tragédia se faz o sensacionalismo. O entretenimento também se encontra entre os conteúdos consumidos pelos leitores, uma inclinação em crescimento nas últimas décadas.

## 2.2 ENTRETENIMENTO NO JORNALISMO

Inserido dentro da esfera sensacionalista, o entretenimento busca abranger o público que consome esse conteúdo se aproximando do lazer. A leitura de notícias passa ser uma distração, não apenas meio para se obter informação.

O termo “INFOtenimento”, segundo Dejavite (2007), surgiu na década de 1980, mas passou a ser utilizado com mais frequência a partir de 1990. Designa-se como “o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como [...] assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano”.

Profissionalmente, o entretenimento dentro da mídia é visto como negativo e superficial. As matérias “sérias” seriam as únicas capazes de trazerem informações aprofundadas e críticas, enquanto o infotenimento aparecia como um atrativo de

diversão.

O entretenimento oferecido no conteúdo editorial é julgado como subproduto ou um desvio da atenção do receptor de assuntos tidos de maior importância. Outras vezes, os receptores que solicitam este tipo de conteúdo são considerados alienados do mundo onde vivem. Assim, as matérias de entretenimento no espaço editorial seria a informação para aquele que não procura informação. (DEJAVITE, 2007, p. 1)

Arbex Jr. (2001) associa a teoria da sociedade do espetáculo, do francês Guy Debord, ao efeito que o entretenimento inserido nos meios de comunicação provoca no público. A teoria (DEBORD, 1997) é embasada na crítica aos meios de comunicação de massa e nas representações que oferecem, transformando a sociedade e as relações sociais em um espetáculo idealizado pelas mídias.

Guy Debord afirmava que “a sociedade de consumo”, apoiando-se nos meios de comunicação de massa, tornara-se a “sociedade do espetáculo”, ou melhor o espetáculo tornara-se a forma de ser da sociedade de consumo. O espetáculo – diz Debord – consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, grandiosidade e ousadia. (ARBEX JR; 2001, p. 69)

Validando o ponto de vista de Arbex Jr., Dejavitte (2007) complementa que o infotimento se alicerça em seus personagens e nos espetáculos que trazem à vida do público. Esses personagens atraem os leitores e os entretém com suas histórias de vidas e, por vezes, escândalos.

Dejavite (2007) ainda cita a Princesa Diana de Gales - sobre quem a pesquisa se dedica mais à frente - e sua morte como um elemento importante dentro dessas particularidades. O acidente rendeu para a mídia um grande aumento da procura por exemplares dos jornais como The Guardian, Daily Express e The Sun que tiveram acréscimos de 50% cada em sua tiragem regular, o último vendendo mais de um milhão de cópias extras, de acordo com a Folha de São Paulo<sup>1</sup>.

O fato foi um exemplo de “interação máxima entre a informação e o público” (DEJAVITE, 2007, p.6). O acidente se enquadra dentro de três características da notícia “*light*” (de entretenimento), segundo Taurela e Gil (citados por DEJAVITE, 2007, p. 6), que são:

- “a) Capacidade de distração – ocupa o tempo livre, para não aborrecer;
- b) Espetacularização – estimula e satisfaz aspirações, curiosidades, ajuste de

---

<sup>1</sup> Folha de São Paulo, 3 de setembro de 1997, p. 20.

contas, possibilidades de extravasar as frustrações, nutre a imaginação;

c) Alimentação das conversas – facilita as relações sociais, oferecendo temas de conversação do dia-a-dia, como boatos e notícias sobre celebridades.”

Dejavite (2007, p. 6) define o formato *light* como um “conteúdo rápido, de fácil entendimento, efêmero, de circulação intensa, que busca divertir o receptor”. Mas isso não desvaloriza a notícia, pois, segundo a autora, o entretenimento mesclado à informação satisfaz a curiosidade e chama a atenção do leitor, não podendo separar um do outro.

Berlo, por sua vez, também defende a inviabilidade de dissociar entretenimento de informação, quando avalia que “a distinção informar–persuadir–divertir causará dificuldade, se supusermos que esses fatores possam ser considerados como objetivos de comunicação independentes”, pois, segundo avalia, é inútil definir se dada comunicação é informativa, persuasiva ou tem meramente a função de entreter, já que a comunicação de massa possui todas essas características. (DEJAVITE, 2007, p. 8)

Essas características que compõe uma modelo mais “suave” de notícia têm um grande poder de persuasão, de acordo com Wainberg (2015), para quem o entretenimento exerce uma influência mais significativa que a notícia comum (*hard news*) a longo prazo. Essa influência é percebida na opinião e comportamento do público através deste formato mais brando. Para Wainberg (2015, p. 17), “seu disfarce na metáfora e no discurso mitigado é o mecanismo *soft* que lubrifica a difusão de conteúdos graves e sérios”.

Certamente, no curto prazo, o efeito cumulativo das mensagens que surgem das fantasias do entretenimento no inconsciente social é mais tênue que o gerado pelas *hard news* e por outros conteúdos similares. No entanto, o efeito de longo prazo que o bem simbólico é capaz de produzir na mente do público é politicamente relevante quando se leva em conta o fato de que boa parte do público prefere fugir do noticiário. Isso acontece porque o conteúdo *hard* demanda da audiência um grande desgaste de energia cognitiva em troca de [somente] um pequeno benefício afetivo (o prazer). (WAINBERG, 2015, p. 9)

Mesmo que tenha um papel importante em moldar opiniões do público além de informar, o jornalismo de entretenimento ainda é visto (autora escreve isso em 2007) de forma negativa pelo núcleo jornalístico de modo geral. Dejavite (2007, p. 11) o caracteriza como “Patinho Feio” da imprensa, rejeitado por ser diferente e “esquisito”. “O jornalismo que trata de assuntos da mídia através de notícias, matérias e reportagens das vidas dos artistas ainda é considerado, infelizmente, como um assunto menor”, diz Morales (1999, citada por DEJAVITE, 2007, p. 11).

Não há como negar sua relevância que cresce a cada dia. Se o jornalismo negar para o público esse conteúdo estará também negando a sua missão

principal: a de servir a sociedade. (DEJAVITE, 2007, p. 13)

A autora enfatiza que, indo contra o ideal moral jornalístico de estar sempre comprometido em dizer a verdade, o entretenimento e sensacionalismo, diversas vezes fazem uso de fofocas e especulações. “O limite ético que separa o jornalismo e entretenimento não existe. Um exemplo explícito são as revistas especializadas em celebridades”, diz a autora (2007, p. 3).

Ainda que seja motivo de disparidade de opiniões no que diz respeito a sua importância e conteúdos, o modelo jornalístico que une informação ao entretenimento - infotainment - possui certo valor. Apresenta-se como uma forma mais branda de trazer o conteúdo ao período de lazer do leitor e, conseqüentemente, o retorno econômico aos veículos ao atrair novos e variados públicos. Seu formato singular difere-se pela espetacularização da notícia, apelando às sensações deste leitor com linguagens clichês e uma narrativa povoada por personagens que reforçam essas características, como as celebridades, sobre as quais trabalharemos no tópico seguinte.

### 2.3 JORNALISMO E CELEBRIDADES

A palavra “celebridade” tem origem - segundo definição de Rojek (2008, citado por SIMÕES, 2013, p. 105) - no termo em latim “celebrem”, significando “fama” ou “aglomeração” e ainda indicando singularidade. A partir disso, Simões (2013, p. 106) desenvolve a ideia de que uma celebridade é “uma pessoa famosa e singular, reconhecida por um público e cuja fama pode variar conforme os ‘sentimentos humanos’”. Marshall<sup>2</sup> (2006, p. 316) destaca que celebridades são a “personificação do poder coletivo de um público investido em uma pessoa em particular”.

Os cultos à personalidades, como heróis, ícones religiosos e soberanos subsistem desde a antiguidade clássica, podendo citar nomes como Alexandre, o Grande e Júlio César como exemplos disso (SIMÕES, 2013). Mas, na visão de Morin (1989, citado por SIMÕES, 2013, p.107-108), foi com o desenvolvimento da vida urbana e da burguesia, proporcionando uma maior autonomia a essas pessoas, inclusive sobre o que pensar, que a partir do século XVII essa adoração tomou proporções maiores.

---

<sup>2</sup> Livre tradução desta autora

A valorização da expressão e da autenticidade individuais pode, assim, ser destacada como fator importante na constituição das celebridades. Sofrendo menos pressões do Estado e da Igreja, o indivíduo se via no direito de decidir os rumos da própria vida, inclusive, os ídolos a quem adorar. Assim, com o desenvolvimento da sociedade moderna, as celebridades preencheram a ausência gerada pela decadência da crença popular no direito divino dos reis, e a morte de Deus. (ROJEK, 2008, citado por SIMÕES, 2013, p. 10)

Hoje, esses personagens famosos aparecem frequentemente em conteúdos da mídia de entretenimento. “As celebridades podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente”, diz Marshall (citado por SIMÕES, 2009, p. 75). Simões argumenta que, através desses personagens, os produtos midiáticos afetam o público com uma interação entre a mídia e vida social.

Vendo e lendo sobre a vida dos astros, as pessoas se tornam cada vez mais próximas, mais íntimas deles. Através da revista, da TV e outros meios, eles se tornam “familiares” para elas. Os leitores entrevistados por Joke Hermes, como tantas outras pessoas, afirmaram acompanhar a vida de seus ídolos por anos a fio, expressando-se a este respeito com frases como: “Há anos que não tenho notícias dele...” Após tanto tempo, cria-se uma esfera de familiaridade, de intimidade, na qual a fofoca, como uma pequena comunidade, ganha sentido [...] Acompanhando a vida das celebridades, os leitores acabam se envolvendo com elas, chamando-as pelo primeiro nome, enfim, ampliando, o seu universo cotidiano pela incorporação dessas pessoas ao seu círculo de parentes, amigos e conhecidos, formando uma espécie de “família extensa” ou “comunidade imaginada”. (MIRA, 1999, p. 12)

Esse tipo de comportamento é classificado por Farley (em entrevista a DUCHARME, 2018) como “parassocial”, podendo criar “um relacionamento unilateral, onde alguém se apega a uma pessoa sem realmente interagir com ela de alguma forma significativa”. Esse tipo de acompanhamento e conteúdo proporcionados pelos meios de comunicação possibilitam ao leitor ou telespectador “viver um pouco de suas vidas” através da das pessoas que costumam seguir.

Como visto nos subcapítulos anteriores, a mídia sensacionalista e de entretenimento surgiu para atender os interesses de novos públicos. Além disso, Marshall (2006) acrescenta que o jornalismo de celebridades funciona como uma técnica para representar as dimensões de uma esfera pública. O autor ainda salienta que o nicho é utilizado pelo público para preencher o vazio social contemporâneo, chamando-o de “multidão solitária”. Essa ideia corrobora com a do comportamento “parassocial”.

O processo de industrialização, migração das forças de trabalho para cidades e internacionalmente para novos centros de manufaturas, e o sentimento geral de desconexão e deslocação que envelopou a arquitetura e organização das cidades, ajudou a criar um sentido de anonimato e

alienação. Perfis de celebridades providenciaram uma constelação de pessoas familiares e reconhecíveis, que preencheram o vazio e forneceram pontos de comunalidade para que as pessoas se reconectassem tanto com as celebridades, quanto consigo. Ao invés de um discurso que salientasse a distância e a aura de celebridade, o jornalismo de celebridade trabalhou para tornar os famosos mais reais e fornecer uma maior intimidade com suas vidas cotidianas. Celebridades, através desses perfis jornalísticos, se tornaram mais conhecidas por suas normalidades, juntamente por suas características extraordinárias, enquanto essas histórias trabalharam para conectar individualmente com a audiência de massa. (MARSHALL, 2006, p. 317-318)

Os meios de comunicação constroem um universo simbólico (SIMÕES, 2009, p. 77), em uma relação que “envolve indivíduos através da linguagem em determinados contextos”. De acordo com Simões (2009), o público é impactado pelos conteúdos que a mídia fornece de duas formas: como paciente, ou como agente. Na condição de paciente, é afetado de algum modo pelo acontecimento - ri, lamenta, irrita-se. O público agente, por outro lado, responde ao impulso da matéria com ações: compra produtos relacionados ao artista, ingressos, manifesta-se contra ou positivamente ao fato, construindo uma “experiência partilhada”, reafirmando o status de celebridade da pessoa envolvida.

Grandes acontecimentos, como a morte de Michael Jackson e o acidente da Princesa Diana de Gales reforçam ainda mais essas interações e reações, dada sua relevância e cobertura intensa da mídia, “emergindo da seção de entretenimento dos jornais para a primeira página” (MARSHALL, 2006, p. 322).

Esses significados que a mídia produz sobre uma celebridade são trabalhados a partir das vivências e das experiências (públicas e privadas) desse sujeito. São ações e reações deste mundo que suscitam o interesse dos diferentes veículos por sua narrativa biográfica. Ao se apropriar dessas ações, construindo um discurso que pode afetar outros sujeitos e impulsionar diferentes experiências. Nesse processo, a celebridade, os atores sociais e a mídia se adaptam e se transformam mutuamente, em um processo marcado pela reflexividade. (SIMÕES, 2009, p. 76)

Smith<sup>3</sup> (2014) divide as celebridades em três categorias: a) Adquiridas; b) Atribuídas; c) Designadas. Cada uma delas pode ser definida como:

- a) Adquiridas: a celebridade é reconhecida pelo público por suas realizações próprias, normalmente talentos peculiares. Exemplos: artistas (cantores, atores, bailarinos, pintores), escritores, esportistas;
- b) Atribuídas: semelhantes às celebridades de fama adquirida, os indivíduos que se enquadram nessa definição ainda recebem um suporte adicional de representação, sendo normalmente construções

---

<sup>3</sup> Livre tradução desta autora

- da própria mídia (Exemplo: participantes de *reality shows*);
- c) Designadas: condiz com a linhagem do indivíduo, ele nasce dentro da fama (Exemplo: realeza)

Um exemplo do segmento das celebridades conferidas são os membros da família real britânica, em especial as duquesas Kate Middleton, Meghan Markle e a princesa Diana de Gales, falecida em 1997. Smith (2014) diferencia a família real de outras celebridades de fama inconstante, como algo que perdura de geração em geração.

Os casamentos reais são eventos com elevada cobertura midiática. A cerimônia que selou o matrimônio entre Meghan Markle, duquesa de Sussex e o príncipe Harry em 19 de maio de 2018 foi assistida por uma estimativa de três bilhões de pessoas no mundo todo, entre transmissões televisivas ao vivo ou online<sup>4</sup>. O casamento de Kate Middleton, duquesa de Cambridge e o príncipe William em 2011 teve uma audiência global de mais de dois bilhões de pessoas. Em 1981, a cerimônia da Princesa Diana e Príncipe Charles foi assistida por cerca de 750 milhões de pessoas<sup>5</sup>.

Além dos fatores que levam ao consumo de conteúdo relacionado às celebridades, a nobreza ainda possui um aspecto adicional. Farley (em entrevista a DUCHARME, 2018) explica que esse interesse do público pela família real britânica - uma das poucas remanescentes do mundo - em específico, deriva-se de um sentimento de curiosidade. O psicólogo acrescenta à curiosidade a atmosfera de contos de fada que esses personagens estão envoltos, vivendo com influência, fama e fortunas herdadas em castelos.

Independente do que motiva o leitor a consumir e da relevância que possui dentro dos outros núcleos da mídia, o jornalismo de celebridade envolve importantes fatores psicológicos e sociais. As pessoas buscam entreter-se com informações sobre seus ídolos, que podem ser desde cantores, atrizes, jogadores de futebol ou até mesmo princesas e duquesas. Apesar de ser um relacionamento unilateral, a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/culture/culture-news/a20092105/prince-harry-meghan-markle-royal-wedding-numbers-cost/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/historyofthebbc/anniversaries/july/wedding-of-prince-charles-and-lady-diana-spencer>

linguagem e abordagem deste meio as fazem sentir-se incluídas no círculo íntimo dessas personalidades, tornando isso uma fuga de seu próprio isolamento.

Jornalismo tem sido instrumental em proselitizar uma nova esfera pública e celebridades tem sido um meio e método fundamentais para a expansão de elementos-chaves desta nova esfera pública. Nessa convergência, jornalismo tem expandido sua “cobertura” de entretenimento e esportes através do desenvolvimento de reportagens sobre personalidades. [...] Jornalismo de celebridade tem sido instrumental na exploração de uma forma diferente de políticas culturais, que são a investigação do eu, do privado e do íntimo. Através de perfis de celebridades, investigação de escândalos em todos seus sórdidos detalhes e uma ladainha psicoterapeuta nas entrevistas com celebridades, jornalismo de celebridade é o local para a exploração das “políticas do pessoal” em nossa transformada esfera pública. (MARSHALL, 2006, p. 323)

São muitos os fatores que levam o público a acompanhar essas personalidades. Sabendo disso, os meios de comunicação realizam um acompanhamento constante delas. Alguns destes veículos cruzam o limite ético do jornalismo e barreiras legais buscando conteúdos para essas publicações, tendo em mente o retorno financeiro que a venda gera. Os paparazzi são exemplos dos exageros cometidos, especialistas em perseguições para obterem “cliques” com as celebridades. A discussão em torno destes exageros ocupa o próximo capítulo.

### 3 DIREITO À PRIVACIDADE

No capítulo anterior foi abordada a presença de uma vertente jornalística sensacionalista ligada ao entretenimento. Essa área do jornalismo costuma se valer também de personagens célebres com seus conteúdos de alta rentabilidade, levando alguns desses veículos à busca incessante deste tipo de informação, podendo ultrapassar limites éticos e legais. Neste espaço nos dedicamos a registrar situações que colocam em xeque o código de ética do jornalismo, o direito à privacidade das pessoas públicas ou não em nome do interesse do público (não o interesse público) e da suposta liberdade de expressão.

Autores como Tófoli (2008), Martino e Marques (2018), Caldas (1997), Smith (2014), Mira (1999), Solove (1972), Karam (2014), Alach (2008), Samuelson (2017), Machan (1997) e Curry Jr. (2000) contribuem para a construção dos estudos deste capítulo.

#### 3.1 ÉTICA NA COMUNICAÇÃO

O jornalismo, entre tantos conceitos, é uma forma de contar histórias, com sua própria estrutura e linguagem. O ser humano não está presente fisicamente na maioria dos acontecimentos do mundo, seja eventos da cidade, grandes descobertas científicas ou até mesmo as últimas interações de uma celebridade. Por isso, existem os meios de comunicação para nos fornecer esses conteúdos. “Essas narrativas que se entrelaçam com nossas histórias são responsáveis, até certo ponto, por definir o que conheceremos ou deixaremos de conhecer sobre a realidade”, descrevem Martino e Marques (2018, p. 44). Assim como qualquer outra narrativa, a presença de personalidades requer algum tipo de relação com eles.

A narrativa é um espaço de encontro com o outro. Ao contar histórias, criamos vínculos que ultrapassam a dimensão pessoal e subjetiva e formam um tipo de repertório comum, que se torna a ligação entre quem narra e quem escuta. O compartilhamento da narrativa implica algum tipo de interação com o outro. (MARTINO; MARQUES, 2018, p. 46)

Dessa forma, a constante interação com pessoas e grupos sociais e a responsabilidade de delinear o que sabemos sobre a realidade através da informação solicitam comprometimento ético do profissional e dos meios de comunicação. “A ética pressupõe respeito aos valores mais intrínsecos ao ser humano”, afirma Tófoli (2008,

p.9). Com posição semelhante, Karam (2014, p. 66) reconhece que “a preocupação com a questão ética no jornalismo surge com as crescentes complexidades social e mediação da realidade exercida pelos meios de comunicação”.

Para Martino e Marques (2018), a ética está relacionada não apenas às escolhas individuais, responsabilidade e aos hábitos que as pessoas adquirem, mas principalmente na relação com o outro e as diferenças que este apresenta. Essa relação também é atribuída à comunicação e sua linguagem e discursos: “Qualquer conversa tem um delineamento ético e moral prévio, das simples interações cotidianas, às relações entre organizações ou mesmo entre países”, explicitam os autores.

Só é possível abordar a problemática ética se nos colocarmos uma finalidade, isto é, se estivermos baseados em alguns pressupostos, se levarmos em conta que o gênero humano, apesar de sua diversidade, é precisamente humano; que, apesar de suas particularidades sociais e singularidades individuais, possui um traço de universalidade; que sua ação, conhecimento e cultura, na escala contemporânea de conexões, têm uma totalidade que se interpenetra e, dialeticamente, nunca está acabada e completa (antes, está sempre, de certa forma, negando-se como presente para construir um outro, precisamente o futuro); que nessa trajetória e desalienação do sujeito que produz a vida e a história é fundamental para também produzir a si mesmo como indivíduo integral. (KARAM, 2014, p. 34)

Entretanto, essas relações de respeito ao próximo, suas peculiaridades e direitos, apesar de serem, teoricamente, essenciais ao desenvolvimento de conteúdos midiáticos e relacionamento com o público, nem sempre são seguidas. Tófoli (2008, p. 51) cita esses elementos, quando excedidos, como os sete pecados capitais da imprensa que são: “Distorção, deliberada ou inadvertida; culto das falsas imagens; invasão de privacidade; assassinato de reputação; super-exploração do sexo, envenenamento da mente das crianças; e abuso de poder.”

A autora atribui esses “pecados” principalmente aos jornais sensacionalistas, onde a “notícia extrapola a notícia”.

A superficialidade das narrativas da mídia, por exemplo, pode impedir um maior grau de envolvimento e responsabilidade dos indivíduos além da fina película do entretenimento individualista. Imagens dramáticas podem ser manipuladas e exploradas com a finalidade de mobilizar a simpatia ou a antipatia, a criação ou o questionamento de preconceitos. [...] Muitas imagens midiáticas impedem que escutemos o clamor; não permitem a emergência de sua voz, apenas exploram a representação de corpos que são julgados aptos ou inaptos a ser apreciados, valorizados e reconhecidos. (MARTINO; MARQUES, 2018, p. 27)

Uma das razões a que se atribui a infração dos códigos éticos do jornalismo é o mercantilismo. A monetarização da notícia, ainda que necessária como sustento dos

profissionais da área, acaba gerando uma maior competitividade comercial entre os meios, e, conseqüentemente, uma busca por conteúdos rentáveis, como visto a respeito do entretenimento, por vezes excedendo os limites éticos nessa busca. “No capitalismo, a comunicação é um produto. Mas isso não significa que a comunicação seja só um produto - ou que este deva ser pautado pela baixa qualidade”. (MARTINO; MARQUES, 2018, p. 219)

Tófoli (2008) aponta o espetáculo na mídia e a exploração das emoções do público como estratégias de venda. A representação de realidades - que muitas vezes não é a sua - atraem o consumidor, que se sente protagonista dessas representações. “Se a lógica do mercado é vender, gerar lucros, os produtos precisam apresentar fórmulas simples, garantir a aderência das massas, sem a discussão os valores que lhes são impostos” (CORREIA, 1995, citado por TÓFOLI, 2008, p. 40).

Nessa direção, o direito social à informação não pode, simplesmente, estar submetido à lógica e aos limites dos interesses políticos, financeiros e mercadológicos por onde transita, atualmente, o mundo da comunicação e de seus donos. Também, não pode ser restringido pela deliberada manipulação de repórteres, editores, fontes. Afinal, a imprensa não pode “invocar os privilégios de um sacerdócio protegido pela divindade, ao mesmo tempo em que se comporta como folião carnavalesco”. (KARAM, 2014, p. 31)

Como forma de regulamentação dos princípios éticos em um âmbito internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estabelece os Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo, acordado em 20 de novembro de 1983, em Paris. O documento serve como base e inspiração para os códigos nacionais.

Entre os dez princípios, encontram-se a dedicação do jornalista para realidade objetiva, integridade do jornalista profissional, respeito ao interesse público e outros itens que recebem nossa atenção por abordarem aspectos condizentes a esta pesquisa. Dessa forma, o Princípio VI - Respeito à Privacidade e à Dignidade Humana assegura:

Uma parte integrante dos padrões profissionais do jornalista é o respeito ao direito de privacidade do indivíduo e à dignidade humana, em conformidade com o que está previsto na lei nacional e internacional relativa à proteção dos direitos e da reputação de outros, proibindo calúnia e difamação. (UNESCO, 1983)

Atualizado no Congresso Extraordinário de Jornalistas em 2007 e em vigor desde 1987, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é o documento nacional que regula a atuação do profissional da área.

Entre os artigos presentes, destaca-se o Artigos 6º que assegura o direito à privacidade e respeito à fontes:

**Art. 6º** É dever do jornalista:

- I. opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos
- II. divulgar os fatos e as informações de interesse público
- III. lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;
- IV. defender o livre exercício da profissão;
- V. valorizar, honrar e dignificar a profissão;
- VI. não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;
- VII. combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;
- VIII. respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão
- IX. respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;
- X. defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;
- XI. defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;
- XII. respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria;
- XIII. denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;
- XIV. combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2007)

O Artigo 11º, por sua vez, se opõe à abordagem e produção de conteúdos obtidos inadequadamente ou com interesse econômico:

**Art. 11º** O jornalista não pode divulgar informações:

- I. visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica;
- II. de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;
- III. obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2007)

Apesar de representar um importante papel ao estruturar e regulamentar os conceitos éticos da profissão, Karam (2014, p. 73) observa que documentos como esse podem carecer de uma efetividade real. Segundo o autor, os códigos éticos “esvaem-se no mar de subjetividade, onde aquele que tiver mais força certamente puxará para seu lado os desdobramentos implícitos no conteúdo dos artigos, parágrafos, incisos”.

A existência de centena de debates, códigos, palestras, conferências, livros, revistas que tratam sobre a liberdade de expressão e de informação, ética profissional não impediu nem impede que continuem a ser ultrapassados todos os limites que, de algum ponto de vista ou juízo de valor, são considerados, precisa ou indeterminadamente, éticos. Se eles tivessem dado

o resultado que previa sua expectativa, os continuados problemas éticos não se sucederiam na intensidade atual. (KARAM, 2014, p. 48)

Chaparro (1997, citado por TÓFOLI, 2008) aponta a importância de medir e reconsiderar o valor de uma notícia baseado no interesse público, visto que os temas consumidos por esse grupo podem, por vezes, ir contra os valores éticos estabelecidos.

O jornalismo não sobreviverá como atividade séria se não for iluminado pela convicção de que, quando age, a agressão a valores fundamentais da sociedade humana, como o da privacidade e o do acesso à informação, só é aceitável se estiver em causa, como decorrência, a conquista ou a preservação de ganhos sociais significativos para o aperfeiçoamento da cultura e da vida. E isso, além de exigir lucidez, coragem e sabedoria, só se resolve no plano da consciência, diante da responsabilidade de tomar decisões que produzem efeitos irreversíveis (CHAPARRO, 1997, citado por TÓFOLI, 2008, p. 45)

Conduta ética dentro dos códigos jornalísticos é essencial para o profissional e os meios de comunicação, honrando o compromisso com a verdade e a liberdade de expressão, sempre respeitando indivíduos e instituições. Porém, ocorrem eventuais transgressões dessas normas pelos meios de comunicação, especialmente quanto ao direito à vida privada das pessoas, no caso do que interessa a essa pesquisa, as que possuem uma vida pública, como celebridades.

### 3.2 PRIVACIDADE DE PESSOAS PÚBLICAS

O conceito de espaço privado e intimidade não eram hábitos corriqueiros da sociedade até os séculos XVII e XVIII. Até então, os espaços e atividades públicas e privadas misturavam-se, principalmente na arquitetura das construções e ambientes.

Nas casas e palácios dos nobres, como de modo geral no Antigo Regime, os cômodos não eram especializados como o são hoje. Um mesmo aposento podia servir para comer, dormir, (a maioria dos cômodos tinha camas nos cantos), receber visitas e até fazer negócios. Apesar de luxuosas e com inúmeros cômodos, não havia corredores nessas habitações, de tal forma que, muitas vezes, para se chegar a um aposento passava-se por dentro de vários outros. Fundamentalmente, não estava aí presente a idéia de que determinadas atividades da vida diária pertenceriam a uma esfera íntima, devendo realizar-se longe da presença de estranhos ou mesmo de familiares. Isto era especialmente verdadeiro para os reis e rainhas, cujos amores, inclusive os adúlteros, o nascimento ou a morte eram considerados acontecimentos públicos. (MIRA, 1999, p. 2)

A noção de privacidade tem uma grande mudança com o crescimento da burguesia após esse período e a necessidade de exercer sua individualidade: “Intimidade’ é uma criação burguesa, que vai dividir o espaço social entre a esfera

pública e a esfera privada, no interior do qual se situará outra ainda mais recolhida, a esfera 'íntima'", explica Mira (1999, p. 2). Segundo a autora, essa alteração social aconteceu de forma mais lenta nas classes mais baixas.

Até o século XVIII, as classes populares ainda viviam no modelo social anterior à privacidade, principalmente por sua utilidade como estratégia de sobrevivência. Os ambientes compartilhados, por exemplo, eram úteis durante os frios inverniais, onde a família - normalmente numerosa - compartilhava calor dormindo próximos. "Devido às terríveis condições de vida dessas classes, onde a fome, o frio, a carência física e psíquica estão sempre presentes, o isolamento é sinônimo de perigo", esclarece Robert Muchembled (1978, citado por MIRA, 1999, p. 4).

Essa divisão das vidas familiares e profissionais - mesmo que tardias em alguns círculos sociais - contribuiu para a construção do que passam a ser esferas públicas e privadas, e consequentemente, a privacidade.

O indivíduo, por mais reservado, mais misantropo que seja, expõe a todos, necessariamente, uma fração, ao menos, de sua vida, sua forma de ser, de pensar [...] Já a outra parte, aquela que pode escamotear a todos e que de todos pode exigir uma distância profilática, uma não-intrusão, por só dizer respeito a si próprio, por estar murada pelo conceito de intimidade, pode-se rotular de vida privada, coberta pelo sinete do direito à vida íntima ou privada. (CALDAS, 1997, p. 30).

A privacidade é um conceito bastante amplo, não possuindo uma delimitação exata. Solove<sup>6</sup> (2008, p.7) a descreve como "algo que engloba tudo e ao mesmo tempo parece não ser nada em si". Ela pode ser descrita como um direito fundamental que engloba:

(entre outras coisas) liberdade de pensamento, controle sobre o corpo de um indivíduo, isolamento dentro da residência do indivíduo, controle sobre informação pessoal, liberdade de vigilância, proteção da reputação do indivíduo e proteção de pesquisas e interrogatórios. (SOLOVE, 2008, p. 1)

Essa dificuldade em estabelecer uma definição concreta de privacidade e por que ela é relevante, segundo Solove (2008), prejudica as leis referentes ao direito de privacidade, podendo torná-las inefetivas e fazê-las perder o propósito a que deveriam servir.

Apesar disso, a Constituição Federal Brasileira (1988) assegura ao cidadão o direito à privacidade. O Artigo 5º, inciso X garante que "são invioláveis a intimidade, a

---

<sup>6</sup> Livre tradução desta autora

vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

Ainda dentro do Artigo 5º, da Constituição Federal Brasileira (1988), o inciso IX assegura que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

Num âmbito internacional, a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, em vigor desde 1953, orienta o controle dos Direitos Humanos e liberdades fundamentais de 47 países - membros do continente europeu e ainda Turquia, Rússia, Ucrânia, Azerbaijão e Geórgia - que compõem o Conselho da Europa. O tratado garante aos cidadãos desses países, em seu Artigo 8º, o direito à vida privada e familiar:

“1. Qualquer pessoa tem direito ao respeito da sua vida privada e familiar, do seu domicílio e da sua correspondência.

2. Não pode haver ingerência da autoridade pública no exercício deste direito senão quando esta ingerência estiver prevista na lei e constituir uma providência que, numa sociedade democrática, seja necessária para a segurança nacional, para a segurança pública, para o bem-estar económico do país, a defesa da ordem e a prevenção das infracções penais, a protecção da saúde ou da moral, ou a protecção dos direitos e das liberdades de terceiros.”

Além dele, a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, assim como a Constituição Federal Brasileira, estabelece em seu Artigo 10º o direito à liberdade de expressão:

“1. Qualquer pessoa tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de opinião e a liberdade de receber ou de transmitir informações ou ideias sem que possa haver ingerência de quaisquer autoridades públicas e sem considerações de fronteiras. O presente artigo não impede que os Estados submetam as empresas de radiodifusão, de cinematografia ou de televisão a um regime de autorização prévia.

2. O exercício desta liberdades, porquanto implica deveres e responsabilidades, pode ser submetido a certas formalidades, condições, restrições ou sanções, previstas pela lei, que constituam providências necessárias, numa sociedade democrática, para a segurança nacional, a integridade territorial ou a segurança pública, a defesa da ordem e a prevenção do crime, a protecção da saúde ou da moral, a protecção da honra ou dos direitos de outrem, para impedir a divulgação de informações confidenciais, ou para garantir a autoridade e a imparcialidade do poder judicial.” (CONVENÇÃO EUROPEIA DOS DIREITOS HUMANOS, 1953)

Segundo Caldas (1997, p. 146), “o direito de viver uma parte da existência longe da interferência de terceiros, constitui uma necessidade primária do homem civilizado, não se podendo conceber qualquer regressão que suprima, às completas,

tal direito”. Esse direito - o da intimidade - é, por vezes, invalidado erroneamente por alguns veículos sob o pretexto de exercer sua liberdade de expressão, também prevista na legislação. O núcleo mais propício a recorrer a isso é o de entretenimento.

Caldas (1997) menciona a atenção do público por conteúdos jornalísticos voltados a essa temática, especialmente quando se referem às pessoas públicas. “Dentre muitas matérias que aguçam o interesse e a curiosidade da grande massa, repontam aquelas que lidam com pessoas que, pelos motivos mais variados, ganharam notoriedade ou fama, boa ou má”, diz o autor (p. 67). Essa demanda por assuntos relativos à vida de celebridades, pode, por vezes, ferir seu direito à privacidade.

Uma notícia ou investigação jornalística qualquer, penetra, pelos seus desdobramentos ou conseqüências, em esfera ou trato da vida de alguém, violando-lhe a privacidade, causando tensão, turbulência ou atrito entre o exercício da liberdade de imprensa, que se desdobra, em relação ao público-alvo da notícia, em direito à informação – e o direito de alguém a não ser molestado em sua vida privada. Os dois direitos em conflito têm suportes normativos de uma mesmo estatuto jurídico (constituição), portanto de mesmo nível hierárquico e cronológico. (CALDAS, 1997, p. 88).

Tanto o interesse do público pelo assunto quanto a liberdade de expressão são apontados como justificativas pelo comportamento pouco ético em relação à privacidade de fontes de conteúdo, especialmente as celebridades. O comportamento sob esses preceitos anuvia e prejudica o julgamento destas ações e as medidas necessária para corrigi-las. “Temos, então, de um lado, o direito de informar e de ser informado, e, do outro, o direito a uma vida protegida da curiosidade ou do conhecimento alheio. O conflito de interesses tem de ser arbitrado.” (CALDAS, 1997, p. 67)

A maneira de tratar aspectos da vida privada em sua dimensão de dor, tragédia ou humor duvidoso de forma tão visível – às vezes cruel e às vezes grosseira – tem algo a ver com a vida de quem é atraído pela informação. Afinidade de conflitos e problemas, curiosidade social ou morbidez mesclam-se no interesse comum que mantém, cotidianamente, um jornal com esse perfil nas bancas. E tal projeto editorial não pode, a nosso ver, simplesmente ser rejeitado como socialmente “maligno” (KARAM, 2014, p. 87)

As celebridades são os personagens principais desta trama de violação à intimidade por veículos jornalísticos e paparazzi. Suas vidas públicas podem parecer um convite à transgressão, mas, tanto quanto qualquer outro ser humano, é seu direito estipular o que é ou não íntimo e permitido divulgar. “O fato de que uma celebridade possa solicitar ou permitir publicidade, não significa que tenham desistido de todos os

direitos à sua íntima vida privada” (SMITH, 2014, p. 116), embora muitos meios pensem - e ajam como - o contrário.

Essas pessoas – os homens públicos – perdem, por assim dizer, grande parte de sua vida privada, como se os limites de sua vida reservada recuassem para fronteiras mínimas e imprimíveis, quando cotejadas suas vidas com a vida do homem comum em ordinárias circunstâncias. Por conseguinte, as vidas e as imagens dessas pessoas são esquadrihadas às largas pelos meios de comunicação, em busca de fatos ou imagens reveladoras de suas preferências, às vezes pelas coisas mais banais, suas idiossincrasias, seus estilos de vida, relacionamentos íntimos, etc. Enfim, suas vidas e modo de ser são escrutinados a todo tempo sem que essas figuras notórias nada, ou quase nada, possam fazer. Este é o ônus de quem goza de uma vida predicada por uma das hipóteses acima ou assemelhadas, exibindo-se como o campo de privacidade mais restrito de todos o dos chamados homens públicos, cujas vidas podem ser uma referência, ou uma advertência, para toda a sociedade. Quando alguém busca uma função inerente ao que se pode chamar de homem público está automaticamente abdicando do direito de manter certas reservas que a qualquer dos simples mortais é conferido. (CALDAS, 1997, p. 104)

Machan<sup>7</sup> (1997, p.3) nega a existência de um “direito de saber” por parte do público, argumentando que tal “direito” não justifica a invasão da intimidade de outros. O autor alega que, dessa forma, os meios de comunicação se tornariam, de fato, “escravos do público”.

Sabemos que se uma pessoa, celebridade ou não, está fazendo algo digno de uma matéria em sua residência privada, a imprensa não tem direito de entrar em sua propriedade para investigar. Se o público tem o “direito de saber”, esse não seria o caso. Patrulhando por notícias em uma propriedade privada sem o consentimento do dono é invasão de privacidade e uma violação de direitos. Nenhum “direito de saber” alegado tem vantagem sobre direitos básicos genuínos. (MACHAN, 1997, p. 3)

A invasão da intimidade de pessoas públicas, neste caso a família real britânica, não é algo que tenha começado com Lady Diana, na década de 1980, mas sim no século XIX. Smith (2014) cita o caso, conhecido como *Prince Albert v Strange*, como o precursor do apoio legal contra a quebra de privacidade.

Em 1848, a Rainha Vitória e seu marido, Príncipe Albert, tomaram a decisão de fazer cópias das gravuras que desenhavam como hobby para as guardar e dar como presentes, confiando o trabalho ao profissional John Brown. Ao final do trabalho, Brown devolveu ao palácio os desenhos originais. Porém, seus empregados acabaram fazendo cópias extras, das quais 60 foram vendidas ao escritor Jasper Tomsett Judge, que “fez sua carreira como um observador da realeza, criando notícias

---

<sup>7</sup> Livre tradução desta autora

e boatos sobre a corte e publicando panfletos baratos contendo descrições dos estábulos e cozinhas do palácio de Windsor para os turistas” (SMITH, 2014, p. 43).

O editor de *Judge*, William Strange, imprimiu 50 cópias do catálogo criado pelo escritor com as imagens e as divulgou, enviando duas delas ao palácio para a Rainha e ao Príncipe Albert. O Príncipe processou o editor pela divulgação dos desenhos. O caso foi considerado invasão de privacidade pelo Lorde Chanceler Cottenham, pelas gravuras serem propriedade de Sua Alteza e divulgadas sem seu consentimento. A exibição e distribuição das imagens foi proibida.

O caso é uma prova severa que mistura todos elementos principais: a fama atribuída da família real, um jornalista itinerante e desafetuoso (o precursor dos modernos paparazzi), um editor motivado pelo lucro, um “público brotando ávido por notícias” e as tecnologias que permitiram a rápida e massiva impressão e distribuição do produto (SMITH, 2014, p. 43)

Smith (2014) sustenta que realeza tem direito de receber suporte legal em casos como este. Em síntese, é dever dos veículos encarar a responsabilidade de informar e exercer sua liberdade de imprensa dentro de uma conduta ética e respeitosa para com a privacidade dos indivíduos a quem se referem às matérias.

Não é possível falar qualquer coisa sobre tudo ou todos sem que se assuma o compromisso pelas consequências dessa “liberdade”. É o reconhecimento de que há outros que também devem expressar-se ou dar sua versão, que nem tudo pertence à esfera pública, que há coisas de foro íntimo. Para isso, contudo, é necessário reconhecer que há uma dimensão pública e privada da sociedade e que o conceito de liberdade está relacionado com o conceito de liberdade também do outro” (KARAM, 2014, p. 66)

Ainda que a intimidade seja um direito universal assegurado pela legislação de nações, dentro do conteúdo produzido por jornais, ela muitas vezes é ferida. Sob a máscara do interesse do público e da liberdade expressão, alguns destes veículos ultrapassam a privacidade, especialmente das pessoas públicas, como celebridades e, nessa categoria, a realeza, para vender sua mercadoria: a informação. Os principais colaboradores deste delito são os profissionais conhecidos como paparazzi.

### 3.3 PAPARAZZI À ESPREITA DA REALEZA

Segundo o dicionário Michaelis<sup>8</sup> (2019), *paparazzo* - *paparazzi* no plural, palavra italiana incorporada à língua portuguesa - é um profissional, geralmente

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=paparazzo>

fotógrafo, que “segue persistentemente pessoas famosas em suas atividades públicas ou particulares, com o intuito de conseguir fotos interessantes ou indiscretas”.

O termo foi, assegura Samuelson<sup>9</sup> (2017, p. 2), popularizado pela revista *Time* em 1961, que os comparava a andarilhos “procurando por um lugar na sociedade” e afirmando que ninguém estava a salvo deles, nem mesmo a realeza.

A analogia elaborada por Alach<sup>10</sup> (2008, p. 205) compara a busca pelas fotografias à uma caça em um safári africano: “se ele ou ela atingir seu alvo, você será emoldurado e montado no manto de outra pessoa, como uma besta indescritível”.

Para Curry Jr<sup>11</sup>, (2000), a “fome” de nossa sociedade por celebridades é a responsável por gerar a existência destes profissionais.

Armados com lentes objetivas, microfones de alta potência e a promessa de grandes recompensas em dinheiro por uma exposição exclusiva de alguma celebridade, os paparazzi têm se tornado mais intrusivos e agressivos que nunca em sua perseguição por informações privadas de celebridades. (CURRY Jr, 2000, p. 946)

Samuelson (2017, p. 3) expressa que o maior responsável pela disseminação dos paparazzi foram os jornais de formato tabloide (com cunho sensacionalista), especialmente o britânico *The Sun*.

Após a perseguição incessante de paparazzi à Princesa Diana, culminando em sua morte em Paris, Curry Jr. (2000) afirma que o público se manifestou negativamente em relação aos profissionais, sua conduta agressiva e a mídia. Não obstante, mais de 20 anos após o acontecimento, as pessoas não pararam de consumir conteúdos a respeito de suas celebridades favoritas, bem como os paparazzi deixaram sua função de lado (e com as mesmas atitudes).

Em abril de 2019, de acordo com revista *Hollywood Reporter*, a atriz Scarlett Johansson foi perseguida de carro por paparazzi ao deixar as gravações do programa *Jimmy Kimmel Live!* em Los Angeles, nos Estados Unidos. A artista fez uma crítica<sup>12</sup> à conduta pouco civilizada dos profissionais, lembrando o caso do acidente de Lady Diana:

Os paparazzi consistentemente vão até limites perigosos para perseguir e assediar as pessoas que estão fotografando. Mesmo após a trágica morte de Princesa Diana, as leis nunca foram mudadas para proteger os alvos dos paparazzi sem-lei. [...] Ontem, após deixar o Jimmy Kimmel Show, fui seguida por 5 carros com as janelas escurecidas, cheios de homens, que passavam por sinais vermelhos, colocando outros motoristas e pedestres em risco para

---

<sup>9</sup> Livre tradução desta autora

<sup>10</sup> Livre tradução desta autora

<sup>11</sup> Livre tradução desta autora

<sup>12</sup> Livre tradução desta autora

que pudessem me seguir e descobrir onde eu estava hospedada e, conseqüentemente, perseguir minha filha e eu durante o tempo que ficasse. (JOHANSSON, 2019)

Alach (2008, p. 236) salienta que a legislação contra esse tipo de comportamento vindo de profissionais como os paparazzi é essencial para não apenas controlar suas violações à privacidade de indivíduos, mas também a segurança física deles. Além das celebridades, podem, por exemplo, “imputar risco a incontáveis pedestres e motoristas de automóveis que podem estar enredados em uma perseguição de paparazzi em alta velocidade”.

O status público de celebridade de uma pessoa é limitado a sua função específica (ALACH, 2008, p, 235).

[...] A celebridade pode ser classificada como uma figura pública limitada por qualquer coisa relacionada ao seu status de celebridade (atuação, musicalidade, etc). Por exemplo, um ator pode estar aberto ao olhar do público em cerimônias de premiação, *première* de filmes e outras atividades relacionadas à atuação. Contudo, isso não significa que uma celebridade é uma figura pública por virtude de seu status de celebridade enquanto estiver andando na rua, indo a uma festa ou se aventurando para comprar brinquedos para uma criança. (ALACH, 2008, p. 235)

Uma solução simples é apresentada por Alach (2008, p. 238) ao transtorno dessa perseguição: um pedido de consenso. O indivíduo pode permitir a produção de fotos suas, mesmo que em situações que façam parte de sua vida íntima. Caso negue, seu direito deve ser respeitado. “A mídia tem a opção de obter o consentimento de celebridades para fotografá-los em atividades particulares. Essa opção deveria ser a mais encorajada, porque respeita os interesses privados e elimina potenciais processos legais”

Outro modo de evitar a exploração e perseguição desenfreada de paparazzi por conteúdo, sugere Alach (2008, p 237) seria penalizar o veículo que utilizar as imagens captadas de forma ilegal pelos paparazzi, não apenas os fotógrafos.

Dados os valores altos pagos aos paparazzi, é importante eliminar a fonte de sua fortuna para deter sua conduta. Mirar a fonte é mais efetivo que atacar uma hydra paparazzi de múltiplas cabeças, porque mesmo que um paparazzo seja processado e eliminado, há outro para substituí-lo. (ALACH, 2008, p. 237-238)

Uma terceira opção - que tem sido adotada pelas pessoas públicas - é a do uso das redes sociais, onde podem “controlar sua própria marca publicitária, divulgando suas próprias notícias antes que a mídia tenha a chance de fazer” (SAMUELSON, 2017, p. 8). Elas estariam, assim, alimentando os editores dos veículos e seus

públicos com conteúdos previamente selecionados, que estariam confortáveis em compartilhar, dentro de seu direito à privacidade.

As redes sociais permitiram às celebridades recuperar o controle da imprensa. Isso deu à elas a opção de não apenas publicar o que querem publicar, e se tiverem patrocínios de marcas, podem fazer por conta própria - não precisam da ajuda de revistas ou jornais para isso. (FIRTH, em entrevista à TIME, 2017)

Durante o funeral de Lady Diana, em 6 de setembro de 1997, seu irmão, Charles Spencer, durante seu discurso, descreveu-a como “a pessoa mais caçada da história moderna”, jurando proteger os sobrinhos, William e Harry de um destino semelhante. “Não vamos permitir que eles sofram da angústia que regularmente a levava a um desespero cheio de lágrimas”, assegurou o nono Conde Spencer. Contudo, “20 anos após sua morte, os ‘amados meninos’ de Diana continuam como alvos ricos” (SAMUELSON, 2017, p. 2) para a imprensa. Mas a circunstância da morte da Princesa do Povo mudou o modo como sua família passou a lidar com a insistente presença de jornalistas ao seu redor.

O público virou seu humor contra os paparazzi e a mídia, e como consequência, tabloides britânicos como *The Sun* e *The Mirror*, atestaram suas vendas mais baixas desde 1962. Oito dias após a morte de Diana, presumidamente em uma tentativa de retomar sua popularidade, o *Daily Mail* prometeu banir fotos feitas por paparazzi de suas páginas - uma promessa que não refletiu no jornal e seu site afiliado 20 anos depois. (SAMUELSON, 2017, p. 4)

Em 1993, Diana usou pela primeira vez o apoio legal contra a invasão de sua privacidade. Imagens suas foram capturadas praticando exercícios na academia e divulgadas para a mídia. A Princesa processou os veículos que a publicaram e o fotógrafo. “A decisão da Princesa Diana marca uma nova abordagem pela família real, que tradicionalmente resistiu usando a lei como contra-ataque” (BBC, citada por SAMUELSON, 2017). Essa decisão é agora difundida como opção para lidar com a constante presença dos paparazzi no cotidiano da família real.

“A família não tolerará mais fotógrafos usando lentes objetivas para capturar imagens deles em situações ‘privadas’, e advertiu que a realeza estará preparada para tomar ações legais contra fotógrafos conduzindo o que veem como ‘comportamento intrusivo e inaceitável’” (SAMUELSON, 2017, p. 7)

A autora cita a família real britânica como alguns dos famosos que recorrem às redes como Instagram, Facebook e Twitter para publicar seus próprios conteúdos. Ela também menciona o fotógrafo designado à família real pelo jornal *The Sun*, Arthur Edwards, em entrevista ao jornal *Financial Times* (2016), que rebate a decisão da realeza: “O Palácio de Kensington pensa que pode controlar tudo eles mesmos.

Querem ignorar os jornais - mas os jornais não vão à lugar nenhum. Vamos permanecer aqui quando o Twitter acabar”.

A “regra do tapete vermelho” é lembrada por Samuelson (2017, p. 10) como um “acordo não oficial” entre a realeza e os paparazzi em que é permitida a captura de imagens dos membros da família em eventos oficiais, mas é esperado que respeitem sua privacidade nas demais situações.

Embora alguns membros da imprensa e da comunidade de direito de mídia possam argumentar que a extensão da expectativa de privacidade da família, por exigir repetidamente respeito e decoro de fotógrafos e tomar atitudes contra esses indivíduos que tomam vantagem de seus status, a realeza ajudou a impor uma consciência coletiva na imprensa. Isso, entre outras coisas, é legado de Diana. (SAMUELSON, 2017, p. 10)

A vida de Diana Frances Spencer, Princesa de Gales, foi a principal fonte de notícias dos jornais sensacionalistas desde seu namoro com o Príncipe Charles, herdeiro do trono britânico. Com paparazzi seguindo seus passos a cada vez que saía de casa - muitas vezes nem precisando estar fora da residência para que isso acontecesse, a princesa viu-se obrigada a conviver com esses intrusos que feriam seu direito à privacidade. A situação agravou-se tal ponto que culminou no fatídico acidente em Paris, em 31 de agosto de 1997. 20 anos depois, esperava-se que estes veículos, que sob o preceito do interesse do público pelo conteúdo publicado, tivessem aprendido e adotado uma conduta muito mais ética e respeitosa.

No próximo capítulo, serão estudadas - através de matérias da Folha de São Paulo - as mudanças dentro da abordagem dos meios de comunicação sensacionalistas em relação à família real britânica após o acidente de Diana e a relação desses veículos com suas duas noras Catherine Elizabeth Middleton e Rachel Meghan Markle, duquesas de Cambridge e Sussex, respectivamente.

## 4 FAMÍLIA REAL VISTA PELA MÍDIA

Neste capítulo final, apresentamos contextualização e análise das biografias das personagens trabalhadas, sendo elas Princesa Diana, Kate Middleton e Meghan Markle, comparando as abordagens dos meios de comunicação sobre suas vidas públicas e privadas.

A construção deste quarto capítulo é feita através da consulta aos autores Stumpf (2011), Moreira (2011) e Fonseca Júnior (2011) a respeito dos procedimentos metodológicos. Quanto às biografias e contextualização, recorre-se a Morton (2013 e 2018), Ramonet (1999), Barnett (2017) e Samuelson (2017), e por fim, a análise dos conteúdos da Folha de São Paulo referentes a cada uma das personagens citadas.

### 4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Os procedimentos metodológicos utilizados para reunir dados para este estudo incluem a pesquisa bibliográfica e análise documental.

A pesquisa bibliográfica, segundo Stumpf (2011, p. 54), consiste em “identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário”. Essa metodologia contribui na composição de repertório a respeito dos assuntos abordados, bem como auxilia na obtenção de documentos e informações analisadas a partir das demais metodologias.

A segunda técnica, a análise documental, de acordo com a definição de Moreira (2011, p. 271-272), envolve a “identificação, a verificação e apreciação de documentos para determinado fim”. A autora ainda salienta que a análise elaborada a partir desse método “constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos” (2011, p. 271-272).

A análise documental, muito mais que localizar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (MOREIRA, 2011, p. 276).

Para estudo das matérias jornalísticas selecionadas, a técnica aplicada neste capítulo é a análise de conteúdo. Fonseca Júnior (2011, p. 280) a descreve como um

“método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa“.

Os conteúdos dos documentos analisados devem relacionar-se entre si, tendo o mesmo assunto ou mesmo gênero, bem como “ser adequados aos objetivos da pesquisa em todos os aspectos: objeto de estudo, período de análise e procedimentos” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 293).

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. É também confiável - ou objetiva - porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar à mesmas conclusões (LOZANO, 1994, citado por FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 286)

Dentro da comunicação, Fonseca Júnior (2011, p. 291) salienta a contribuição da análise de conteúdo para esse núcleo. O autor afirma que, em detrimento da relação de troca de mensagens entre dois ou mais indivíduos, serve para “explicar as causas e os efeitos inerentes a essa mediação simbólica, como a existência de patologias, o aparecimento de conflitos e de consenso ou mesmo a transformação de uma cultura material”.

A técnica selecionada que se adequa ao estudo foi a de análise de relações, onde é feita a relação entre elementos em uma mensagem. “Considera que o mais importante não é o número de vezes em que certas palavras, temas ou tipos de personagens aparecem, mas sim *como* eles estão organizados entre si, ou seja: está associado a quê?” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 302).

Para Bardin (2011, p. 263), a análise de relações, ou “coocorrências” é relevante pois “parece ter utilidade para clarificar as estruturas da personalidade, as ‘preocupações latentes’ individuais ou coletivas, os estereótipos, as representações sociais e as ideologias”.

O critério utilizado para estabelecer uma relação das ocorrências entre as matérias selecionadas do jornal Folha de São Paulo através de elementos como:

- a) modo como é praticado o jornalismo nos três momentos que envolvem as três personalidades (considerando ética, método de busca de informação)
- b) ocorrência de invasão de privacidade (perseguição de paparazzi, recursos eletrônicos, quebra de sigilo);
- c) o que alegam os tabloides para justificar o cerco constante à realeza;
- d) como as personalidades reagem à insistente busca por notícias da mídia;

- e) o que mudou no comportamento da mídia entre o período da primeira matéria analisada (1997) e a última (2019)

As amostras consistem em conteúdos referentes às celebridades selecionadas (no caso, a Princesa Diana e as duquesas Kate Middleton e Meghan Markle), mostrando momentos que culminaram no ápice da invasão de suas privacidades em nome do jornalismo de entretenimento. Assim, pode-se estabelecer uma análise e compreensão aprofundada dos materiais coletados providos pelo jornal em uma relação entre eles.

Das três matérias escolhidas são:

- a) A primeira é sobre Lady Di: o caderno especial publicado no impresso um dia após sua morte - 1º de setembro de 1997, edição número 24988). Nele, constam diversas notícias referindo à perseguição midiática sofrida pela princesa e relacionando a sua morte.
- b) A segunda é sobre Middleton: a notícia do portal online do jornal do dia 19 de setembro de 2018 relata sobre a revista francesa *Close* ter sido condenada a pagar uma multa pela publicação de fotos captadas sem o consentimento da duquesa em um momento privado durante sua lua de mel.
- c) Por fim, a matéria do dia 1º de agosto de 2019 aborda o desagrado dos tabloides em relação à Markle e como a tornaram um alvo para obsidiar.

## 4.2 O JORNALISMO DA FOLHA

Em 1921, Olival Costa e Pedro Cunha fundaram o jornal vespertino Folha da Noite<sup>13</sup>, que circulava oferecendo matérias que estivessem mais próximas do público leitor, menos extensas e escritas com clareza. O formato teve grande aceitação, resultando na publicação de um segundo jornal do grupo, a Folha da Manhã, em 1925. 24 anos depois, em 1949, foi criada a Folha da Tarde.

Os três jornais foram incorporados em 1960, formando a Folha de S. Paulo, como é conhecido o jornal diário até hoje.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4)

Há três décadas o jornal é líder em circulação no país. Em março de 2019, segundo dados coletados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), o número de exemplares, entre edições impressas e digitais foi de 332.415 diários<sup>14</sup>.

A Folha de São Paulo foi escolhida como veículo para análise de conteúdo por sua relevância no âmbito jornalístico nacional. Além disso, o jornal possui uma editoria especial em seu portal online para matérias de entretenimento (F5), mas que não usam dos exageros nas narrativas, nem apelos demasiados ao emocional do leitor, dando maior credibilidade ao que é publicado.

Outro fator que contribui para a escolha do jornal é a disponibilidade de um acervo<sup>15</sup> online, com edições anteriores que podem ser acessadas na íntegra de forma gratuita, contribuindo para a pesquisa da análise.

Os materiais selecionados para a análise noticiam a abordagem sensacionalista e pouco ética dos tabloides a respeito de Diana e as duas duquesas. Portanto, o objeto de análise é a relação dos tabloides ingleses sensacionalistas de entretenimento com as três personalidades da realeza. Devido às dificuldades de acesso aos arquivos na íntegra destes veículos, a Folha de São Paulo é utilizada uma vez que reproduz os aspectos mais destacados da cobertura feita pelos tabloides.

#### 4.3 DIANA: A PRINCESA DO POVO E DA MÍDIA

Diana Frances Spencer, nascida em 1º de julho de 1961, na aldeia de Sandringham, na Inglaterra, foi a terceira, de quatro filhos, de Edward John Spencer, oitavo Conde Spencer e Frances Ruth Burke-Roche.

Com uma infância solitária após o divórcio dos pais, estudando em internatos e contando com a companhia na hora de dormir de um hipopótamo verde de pelúcia (com medo do escuro, Diana pintava os olhos do brinquedo com tinta fluorescente, para que brilhassem quando as luzes do quarto estivessem apagadas) (MORTON, 2013), a jovem Lady Spencer não era uma estranha da realeza. O irmão mais novo, Charles Spencer é afilhado da Rainha Elizabeth II e a avó - Ruth Burke Roche - foi

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

dama de companhia da monarca<sup>16</sup>. Os príncipes Andrew e Edward também faziam visitas a sua residência.

Diana não se saía bem em matérias como matemática e ciências, mas tinha talento especial para esportes e artes, especialmente dança. No período em que estudou em West Heath School, inclusive fugia de seu dormitório para praticar piano e *ballet* (MORTON, 2013, p. 34). A futura princesa sabia conciliar um comportamento exemplar quando necessário, com as travessuras típicas de criança:

Eu não era uma criança boazinha, era uma diabinha. Estava sempre procurando confusão. Sim, eu era popular. Não gritava as respostas na sala de aula porque achava que não as sabia. Mas sempre soube me comportar. Havia uma hora para ficar quieta e outra para fazer barulho. Sempre soube distinguir qual era a hora certa. (SPENCER, citada por MORTON, 2013, p. 34).

A escola encorajava as alunas a realizar visitas de caridade a doentes e idosos, onde, embora algumas colegas sentiam-se apreensivas em visitar os hospitais, Diana percebia um jeito natural para isso, ajudando-a inclusive com sua autoestima: “Estabelecia um contato instintivo com muitos pacientes; seus esforços lhe proporcionavam um sentimento concreto de realização. Isso fez maravilhas por seu amor próprio” (MORTON, 2013, p. 103).

Enquanto solteira, morando em um apartamento dividido com amigas em Londres na adolescência, Diana mostrava seu espírito independente trabalhando como professora de *ballet* e fazendo limpezas em residências. Ela vivia uma vida pacata, muito diferente da que, anos depois, a mídia retrataria com exageros e inverdades sensacionalistas que usavam para se referir à princesa.

A vida de Diana em Londres era sossegada, quase rotineira. Não fumava e nunca bebia, preferia passar os momentos de folga lendo, assistindo à televisão, visitando amigos ou saindo para jantar em modestos bistrôs. As boates ruidosas, festas alucinadas e pubs enfumaçados nunca foram seu cenário. A “Disco Di” só existiu na imaginação de repórteres sensacionalistas, com uma tendência para a aliteração. Na realidade, Diana era uma solitária, por inclinação e hábito. (MORTON, 2013, p. 116)

Diana conheceu seu futuro esposo através da irmã, Sarah, com quem teve um breve relacionamento. Mas foi pela Spencer mais jovem que Charles demonstrou maior interesse. Após convites do príncipe para acompanhá-lo em diversos eventos,

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/celebrity/latest/g22549179/princess-diana-life-facts/?slide=3>

um romance entre os dois pareceu surgir. O namoro trouxe a Diana um presente pouco desejado: a mídia.

Apesar de ser familiarizada aos hábitos aristocráticos da família real, Diana ainda não havia experienciado a constante presença de câmeras ao seu entorno em razão de sua relação com a monarquia. A primeira ocorrência (MORTON, 2013, p. 133) deu-se uma tarde enquanto acompanhava Charles em sua pescaria às margens do rio Dee, no Castelo de Balmoral. Sem saber quem acompanhava Charles, o jornalista James Whitaker e os fotógrafos Ken Lennox e Arthur Edwards tentavam fotografar o casal. Diana os despistou escondendo-se em meios aos pinheiros da propriedade com um lenço no pescoço.

Mas o anonimato durou pouco tempo e os jornais descobriram sua identidade. Com a divulgação, o povo acabou se afeiçoando ao comportamento discreto e gentil da Lady Spencer. “O sorriso agradável, a atitude cativante e o comportamento impecável logo lhe valeram a simpatia do público” (MORTON, 2013, p. 134). O crescente interesse pela sua vida pública passou a agravar, também, o cerco da mídia.

Tudo começou a aumentar de proporção, no sentido de que a imprensa tornava tudo insuportável ao seguir cada um dos meus movimentos. Eu entendia que aquele era o trabalho deles, mas as pessoas não se davam conta de que eles usavam binóculos para me espionar o tempo todo. Eles alugaram um apartamento do outro lado da Old Brompton Road que tinha uma biblioteca com vista para o meu quarto, e isso não era justo com as meninas. Eu não podia deixar o telefone fora do gancho porque algum membro da família delas podia adoecer durante a noite. Os jornais costumavam me telefonar às duas da manhã – estavam apenas publicando mais uma história. “Você pode confirmar ou negar?” (SPENCER, citada por MORTON, 2013, p. 41)

Em 6 de fevereiro de 1981, Charles a pediu em noivado. A cerimônia de casamento ocorreu no mesmo ano, em 29 de julho. Como mencionado no segundo capítulo deste estudo, cerca de 750 milhões de pessoas assistiram à transmissão do evento real.

O público a via como uma personalidade humanizada, tornando-a próxima de si. Sendo assim, atitudes cotidianas de Diana, como fechar a própria porta do carro ao sair - e não deixar que seus seguranças o fizessem - ou sair para comprar um pacote de balas (MORTON, 2013, p. 156) eram noticiadas e consumidas como conteúdo relevante. A Princesa de Gales conquistava-se mais popularidade do que o príncipe herdeiro do trono. “Diana era enaltecida pelo simples fato de existir. Por ser, não por fazer”, relata o autor de sua biografia. Assim, ela ganhou o apelido de “Princesa do Povo”.

Com o passar dos anos, a situação de seu casamento e a relação com a mídia se deterioraram. Diana enfrentou sozinha, sem o apoio do marido ou da família dele, a presença das câmeras e jornalistas ao seu redor, bem como um caso crônico de bulimia em razão da pressão da vida na realeza.

Quando ela tentou explicar que sofria muito com os jornalistas, que seguiam cada movimento seu, o príncipe se mostrou completamente indiferente. “Ora, qual é o problema?”, murmurou ele em tom resignado, quando Diana falou sobre as circunstâncias de cumprir seus deveres públicos num clima como aquele. (MORTON, 2013, p.191)

Apesar de ter todos os olhos voltados para si nas páginas dos jornais, Diana ainda era uma pessoa solitária. Por isso, valorizava a companhia de seus amigos. Esse convívio era retratado com frequência pelos meios de comunicação sensacionalistas de uma forma deturpada, fazendo parecer que encontros amigáveis com pessoas como Philip Dunne e David Waterhouse eram casos extraconjugais da princesa.

O nome de Philip Dunne tornou a aparecer quando o indicaram de forma equivocada como o companheiro da princesa num show de David Bowie, no estádio de Wembley. Na verdade, foi David Waterhouse quem fotografaram a conversar com ela, enquanto o homem sentado ao seu lado, o visconde Linley, foi convenientemente cortado da foto. Diana chorou muito quando viu a foto nos jornais de segunda-feira. Ela sabia do interesse da imprensa por seus amigos do sexo masculino e por isso se irritou consigo mesma por permitir que David Waterhouse sentasse tão perto. (MORTON, 2013, p. 190)

Além dos amigos, Diana também prezava a convivência com os filhos, especialmente após a separação conturbada de Charles. Esse período fora ainda mais marcado pela presença da mídia ao seu redor. A princesa, que costumava tratar qualquer paparazzi de forma polida, passou a perder a paciência e revidar com a mesma agressividade que os profissionais se dirigiam à ela, especialmente quando também envolviam seus filhos. Morton (2013, p. 290) cita o caso em que os três saíram do cinema quando foram abordados por fotógrafos. “Vocês fazem da minha vida um inferno!” teria gritado a princesa, enquanto apontava o dedo para o rosto dos paparazzi. O autor também cita outra ocasião, em que Diana foi parada enquanto fazia compras, e respondeu gritando “por que vocês não estupram outra pessoa?” (p. 294)

Às vezes, também, aquela fachada de coragem desmoronava. Vários amigos confirmaram que ela se sentia “arrasada” pela cobertura, dizendo a uma pessoa de seu círculo que: “Se esse é o preço para ter uma vida pública, então é um preço que não estou disposta a pagar”. (MORTON, 2013, p. 269)

Diana passou a adotar estratégias para que os profissionais perdessem o interesse em fotos suas. Uma delas foi a de repetir inúmeras vezes o mesmo moletom com estampa da empresa aérea *Virgin Atlantic*<sup>17</sup> para ir à academia.

As imagens publicadas da lady, mesmo não sendo mais parte da família real, geraram lucros excessivos aos seus produtores. Segundo Samuelson (2017), uma foto com má qualidade poderia valer £500.000 (aproximadamente R\$ 2,5 milhões atualmente). O paparazzi Jason Fraser chegou a lucrar £1 milhão (R\$ 5,14 milhões) por uma foto de Diana com seu novo par: o empresário Dodi Al-Fayed. O casal tornou-se o alvo favorito da mídia perseguidora, que se interessava mais por eles do que pelo ativismo da Lady Spencer contra os campos contaminados por minas terrestres em Angola (MORTON, 2017, p. 318).

Quando o casal passou ao largo de Portofino, os batedores nefastos do jornalismo, os famosos paparazzi, fotografaram de longe os dois festejando no convés do Jonikal. (...) A intrusão deles provocou alarme, mas isso não evitou que fotografias da princesa tomando sol na plataforma de mergulho do iate fossem publicadas no mundo inteiro. (MORTON, 2013. p. 329)

Os acontecimentos da madrugada de 31 de agosto de 1997 parecem responder à indagação: até onde esse interesse poderia chegar?

Diana e Dodi, ao saírem do Hotel Ritz em que se hospedavam em Paris, foram seguidos por paparazzi. Em alta velocidade, o carro dirigido pelo *chauffeur* Henri Paul chocou-se contra uma pilastra do túnel da Ponte de l'Alma. Paul e Al-Fayed tiveram morte instantânea, enquanto o segurança Trevor Rees-Jones e Diana foram socorridos. Com lesões internas graves, a lady foi declarada morta duas horas mais tarde, no Hospital Pitie-Salpetriere<sup>18</sup>. O segurança foi o único sobrevivente do acidente.

Mesmo em seus minutos finais, a imprensa não a deixava em paz:

Os relatórios iniciais da polícia descreveram uma cena de desordem com “flashes de máquinas fotográficas disparando como tiros de metralhadora ao redor do lado direito traseiro do veículo onde a porta estava aberta”. O primeiro policial a chegar à cena teve de chamar reforços para lidar com os paparazzi truculentos, cujas ações ao perseguirem Diana, a princípio, indicavam que ela fora, literalmente, caçada até a morte. Sete fotógrafos foram presos e investigados formalmente por tentativa de homicídio e por omissão de socorro à vítimas de um acidente. (MORTON, 2013, p. 335)

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2019/07/famoso-moletom-usado-pela-princesa-diana-para-espantar-paparazzi-vai-leilao.html>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/morte-de-diana-a-princesa-do-povo-completa-20-anos-relembre-o-acidente-e-sua-repercussao.ghml>

O nono Conde Spencer acusou abertamente a mídia como responsável pela morte da irmã. Para ele, os editores dos jornais e seus proprietários que “pagaram para obter fotografias intrusivas e exploradoras dela, que encorajaram indivíduos ávidos e cruéis e arriscaram tudo para perseguir a imagem de Diana, também têm sangue nas mãos” (SPENCER, citado por MORTON, 2013, p. 337).

O público, que tanto a cultuava, ficou abalado.

A morte de Lady Di provocou uma agitação na mídia, onde os veículos impressos, de televisão e rádio “consagraram a este evento mais lugar do que a qualquer outro referente a uma pessoa física em toda a história dos meios de comunicação de massa” (RAMONET, 1999, p. 9). Nem o assassinato do presidente americano John Kennedy ou o atentado à vida do Papa João Paulo II, receberam tamanha atenção da mídia, cita o autor.

O funeral, em 6 de setembro, foi assistido por cerca de 2 milhões e meio de espectadores. “Centenas de milhares de pessoas velaram a noite inteira, por causa da diferença de fuso horário, para acompanhar a cerimônia ao vivo na telinha da televisão. [...] A morte de Diana desencadeou uma espécie de soluço mundial” (RAMONET, 1999, p. 9-10).

Diana não era um chefe de Estado, nem da Igreja,

antes de sua morte trágica, ela era principalmente a vítima de dos paparazzi, aqueles fotógrafos cuja profissão consiste em surpreender vedetes e celebridades na sua intimidade e cuja tarefa visa tornar público o privado, sobretudo quando se supõe que este privado deveria continuar privado. Os paparazzi são acusados de ter causado a morte de Diana, e muitos meios de comunicação [...] que também participam do sensacionalismo ambiente, por uma espécie de dor na consciência - como o ladrão que grita “pega ladrão!” - , se agarraram a esta ocasião contra os “caçadores de imagens”. (RAMONET, 1999, p. 10-11)

“Os paparazzi não são mais do que o resultado da situação geral da mídia, uma situação dominada pelo mercado e pelo lucro”, diz Ramonet (1999, p. 11). O autor ainda lembra que, embora os jornais acusassem os paparazzi como culpados pela morte da Princesa de Gales, ainda assim, conscientes do retorno financeiro, colocavam Diana na primeira página: “[...] não há um, mesmo entre os mais sérios, que não tenha publicado, antes deste drama, artigos sobre Dodi Al-Fayed e sua ligação com a princesa”. A vida (e morte) de Diana era um tema que facilmente se deslocava do interior das páginas de entretenimento sensacionalistas às manchetes de veículos principais.

Ramonet (2013, p. 12) intitula Diana como uma protagonista da imprensa “*people*” - aquela voltada ao povo, remontando às características da *penny press* e do jornalismo de entretenimento<sup>19</sup> - onde fatos do cotidiano são vividos por personalidades célebres. Isso fez da princesa alguém “próxima” ao seu público: “personalidades públicas, famílias reais e vedetes de todo tipo permitem ao leitor projetar-se num universo ao mesmo tempo totalmente diferente, mas também, em certos pontos, profundamente semelhante ao seu” (ANTOINE, citado por RAMONET, 1999, p. 12).

Diana se tornara uma das heroínas da mídia *people*, que havia construído [...] a partir de sua vida real, um personagem, no sentido fictício do termo: o da “princesa triste”, melancólica, que tem tudo para ser feliz (beleza, saúde, sucesso, riqueza), mas que não é amada por sua sogra, a rainha, que é abandonada por seu marido seduzido por uma “vilã” e que transfere seu excesso de amor aos seus filhos e a todos os infelizes do mundo. “Ela começou como Gata-Borracheira - diz Daniel Dayan - e acabou como Branca de Neve, sofrendo a malvadez de sua madrasta, a rainha Elizabeth. Por que não imaginar que ela venha tornar-se heroína de Walt Disney...?” (RAMONET, 1999, p. 12-13)

A Princesa de Gales, apesar de esbanjar simpatia e altruísmo para com o povo, vivia uma realidade triste e solitária. Entre as indiferenças com que era tratada pela família real, especialmente por seu marido, o Príncipe Charles, e a companhia constante da mídia, que virtualmente, e de maneira peçonhenta, até que seu veneno provocou sua morte, preenchia a solidão de sua vida. Restava-lhe amar os filhos, William e Harry. Diana não viveu para ver sua prole - atualmente casados com, respectivamente, Kate Middleton, duquesa de Cambridge e Meghan Markle, duquesa de Sussex - constituir suas próprias famílias, e, conseqüentemente, também não viveu o bastante para ver se suas noras teriam um tratamento diferenciado do que recebeu da imprensa. Este relacionamento é examinado no decorrer da análise presente neste capítulo.

#### 4.4 KATE MIDDLETON E MEGHAN MARKLE

Catherine Elizabeth Middleton, ou apenas Kate Middleton, é natural da cidade de Reading, na Inglaterra. Os pais, Michael e Carole Middleton, eram, respectivamente, piloto de avião e aeromoça, antes de rumarem para o ramo de festas

---

<sup>19</sup> Capítulo 2

infantis com a empresa Party Pieces<sup>20</sup>. A atual Duquesa de Cambridge iniciou sua trajetória como uma cidadã comum, sem títulos nobres.

O fato de ter nascido sem laços com a Coroa, não a privou de receber uma boa educação em colégios particulares até a faculdade - assim como Diana, Kate se saía muito bem nos esportes, onde cursou História da Arte na universidade de Saint Andrews. Ali foi onde conheceu seu atual marido, Príncipe William.

Segundo o portal de notícias da BBC (2010)<sup>21</sup>, Kate e William, além de dividir o mesmo curso, também compartilharam durante quatro anos um apartamento com outros dois amigos na universidade. No início do relacionamento, enquanto ainda eram estudantes, o Palácio estabeleceu um acordo de privacidade com os tabloides para os dois. O acordo, porém, não durou muito tempo, especialmente depois da formatura, quando se mudou para Londres.

O silêncio da mídia não durou muito, e Kate foi trazida pela primeira vez à atenção do público depois de inúmeros tabloides a fotografarem ao lado do Príncipe William e Príncipe Charles em um resort de esqui nem Klosters, na Suíça, em 2005. As fotografias apareceram, mesmo com os esforços dos assessores para manterem as férias privadas. [...] Em outubro de 2005, depois da publicação de uma foto mostrando Kate olhando pela janela de um ônibus em Londres, seus advogados escreveram para os editores de jornais e revistas pedindo por respeito e por sua privacidade. Eles alegavam que fotógrafos a seguiam noite e dia desde que saiu da universidade. (BBC<sup>22</sup>, 2010)

Tanto William, como seu pai Charles, pediram aos jornais que os paparazzi parassem de segui-la (BBC, 2010). Alguns concordaram, mas ainda assim, em março de 2007, Kate recorreu novamente aos advogados, fazendo uma reclamação sobre a publicação de uma foto sua no jornal Daily Mirror, em que aparecia indo para o trabalho com um copo de café e as chaves do carro na mão.

Neste período, Middleton trabalhava para a loja de roupas e acessórios Jigsaw. Também foi naquele ano que o casal rompeu brevemente, se reaproximando oficialmente em 2008 (BBC, 2010).

Em 10 de novembro de 2010 foi anunciado pelo Palácio o noivado de William e Kate. O casamento aconteceu em 29 de abril do ano seguinte, com uma audiência global de aproximadamente 2,5 bilhões de espectadores. Na cerimônia, receberam da

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/quem-e-kate-middleton-a-plebeia-que-fisgou-o-principe-william/>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-11767308>

<sup>22</sup> Livre tradução desta autora.

Rainha Elizabeth II os títulos de Duque e Duquesa de Cambridge. O casal possui três filhos: George, Charlotte e Louis, nascidos em 2013, 2015 e 2018, respectivamente.

Kate está ligada a causas sociais envolvendo a saúde mental, principalmente de crianças, e bem-estar emocional (THE ROYAL FAMILY, 2019<sup>23</sup>)

A duquesa salienta a necessidade de conversas abertas e honestas a respeito do tema da saúde mental, para tentar combater seu estigma e também a importância de uma intervenção antecipada com suporte para pessoas jovens, enfrentando o problema em seu estágio mais precoce, para que as crianças tenham os futuros mais brilhantes possíveis, como elas merecem. (THE ROYAL FAMILY, 2019)<sup>24</sup>.

Apesar da vida discreta e pacata - quando seu nome aparece em alguma manchete no jornal, normalmente é algo relacionado a um de seus filhos - a Duquesa de Cambridge também já teve sua privacidade invadida, além dos contatos habituais com paparazzi. Uma das vezes, Kate Middleton foi retirada de seu direito à intimidade durante sua lua de mel, caso esse que será abordado no decorrer da análise seguinte dentro deste capítulo. Outro momento, ocorreu quando seu telefone foi hackeado em busca de informações.

De acordo com o jornal The Guardian (2014), uma investigação da Polícia Metropolitana de Londres constatou que inúmeras personalidades famosas do Reino Unido tiveram seus telefones grampeados pelo jornal News of the World. Um dos telefones era o de Kate Middleton, hackeado 155 vezes pelo jornalista Clive Goodman. O jornal foi fechado ao fim das investigações.

Em 2016, Kate Middleton conheceu sua cunhada, Meghan Markle.

Meghan, atual Duquesa de Sussex, é casada com o filho mais novo de Charles e Diana, Príncipe Harry. A ex-atriz é o oposto de Kate: americana, birracial (filha de pai branco, Thomas Markle e mãe negra, Doria Ragland) e divorciada. Mas compartilha com a cunhada o interesse sobre as causas sociais, sendo ativista desde muito jovem.

Morton (2018, p. 48-49) relata que, aos 11 anos, Meghan, revoltada com o cunho machista de uma propaganda de produtos domésticos, escreveu cartas com reclamações para a empresa e também para Hillary Clinton (primeira dama na época), Linda Ellerbee (âncora do programa *Nick News*) e Gloria Allred (advogada de direitos das mulheres). Ela recebeu respostas motivadoras de Clinton, Ellerbee e Allred, mas

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.royal.uk/the-duchess-of-cambridge>

<sup>24</sup> Livre tradução desta autora.

nenhuma da empresa em questão. Porém, quando a propaganda foi novamente ao ar, percebeu que a mudança sugerida - substituir a frase “Mulheres de toda América estão lutando contra panelas e frigideiras engorduradas” por “Pessoas de toda América estão lutando contra panelas e frigideiras engorduradas” - havia sido feita. “Foi naquele momento que me dei conta da amplitude das minhas ações. Aos onze anos, eu havia criado um pequeno nível de impacto ao me posicionar em prol das igualdades”, diz Meghan (citada por MORTON, 2018, p. 49).

Desde então, seu interesse por essas ações cresceu, defendendo a igualdade de gênero, racial e social com afinco - sendo convidada para discursar no fórum ONU Mulheres. Isso aconteceu pelo fato de Meghan ver-se dentro destes cenários de desigualdade, seja enquanto ainda buscava sua carreira de atriz, submetendo-se a papéis que valorizavam apenas sua aparência, e não seu talento, conta Morton (2018), seja pelas injúrias raciais que sofria (e via a mãe sofrer), desde bastante jovem, ainda que escondidas atrás de comentários sarcásticos por a considerarem “branca demais” para ser birracial.

Ela conta a história de uma noite em que foi com a mãe a concerto. Conforme Doria dava a ré em seu Volvo para sair de uma vaga de estacionamento, outro motorista gritou com ela, a chamando de “preta”. Meghan enrubescceu e sentiu a pele formigar de frustração, partilhando da dor e da raiva de Doria. Ela olhou para a mãe e viu seus olhos marejados. Meghan sussurrou as únicas palavras que conseguiu articular: “Está tudo bem, mamãe”. Mas não estava bem. As duas foram para casa em silêncio, o sangue latejando nas orelhas de Meghan, e os dedos de Doria segurando o volante com força. (MORTON, 2018, p. 79)

A infância e adolescência de Markle não foi marcada apenas pelo ativismo. Ela também já idealizava sua carreira artística enquanto acompanhava o pai em seu trabalho como diretor de iluminação em estúdios de gravação.

A jovem atuava em peças de teatro durante o período escolar e, na faculdade, participou como figurante em gravações de videoclipes. Após uma graduação dupla em Artes Dramáticas e Relações Internacionais, Meghan decidiu por definitivo tentar construir uma carreira sólida como atriz.

Entre testes fracassados para papéis e outros com êxito, mas igualmente decepcionantes como apenas uma fala em cena ou ainda gravar um episódio piloto inteiro de uma série e nunca ir ao ar (Morton, 2018), Meghan conseguiu um emprego no programa *Deal or No Deal* como uma das “garotas da mala”, responsáveis por segurar durante o jogo todo as malas com o valor em dinheiro que seriam escolhidas pelos participantes. Havia um certo desconforto da parte de Markle, tanto pelos

figurinos curtos e decotados demais, quanto por aquele não ser o trabalho que imaginava como atriz, por isso seguiu usando seu tempo livre para continuar à procura de trabalhos melhores. Neste período, também conheceu o diretor e produtor Trevor Engelson, com quem se casou mais tarde.

Enquanto Meghan ficava por horas e mais horas tentando não tremer de frio, com os pés doloridos por causa dos saltos altos e um sorriso falso no rosto, ela só pensava no cachê que receberia no fim da semana. Não era o que ela tinha em mente quando resolveu seguir a carreira de atriz, mas, aos vinte e cinco anos, estava ganhando mais do que havia ganhado a vida inteira, e a agenda de filmagens era perfeita: longos blocos de gravações seguidos de semanas de sossego, o que lhe dava a oportunidade para fazer mais audições e viajar com o homem que ela, carinhosamente, chamava de Trevity-Trev-Trev, um apelido que ele recebera originalmente do rapper LL Cool J. (MORTON, 2018, p. 93)

Em 2011, Meghan finalmente conseguiu um papel de maior relevância no elenco principal da série *Suits* como a assistente jurídica Rachel Zane. Naquele mesmo ano, casou-se com Trevor com uma celebração na Jamaica, mas o casamento não durou tanto quanto sua participação na série: em 2013 o casal se divorciou, enquanto a atriz deu vida à personagem até a sétima temporada, em 2018.

A razão de Markle ter de deixar a série foi seu relacionamento com o Príncipe Harry. Entre idas e vindas de Londres a Toronto - onde Meghan morava -, o casal manteve longe da mídia o relacionamento durante quatro meses, em 2016.

Morton (2018, p. 189) relata que a relação entre o príncipe e a atriz veio a público somente através de um furo de reportagem da editora Camilla Tominey, do *Sunday Express*. A partir daí, e diferentemente de Kate, que teve de lidar com um número excessivo de paparazzi ao seu redor quando seu relacionamento com William veio a público, além disso, Markle precisou enfrentar comentários agressivos, racistas e preconceituosos a seu respeito por meio dos veículos de comunicação.

As histórias pareciam um soar de trombetas abrindo a temporada de caça por meio de uma enxurrada de abusos racistas de valentões virtuais. Em questão de dias, Meghan vivenciou racismo e sexismo em níveis que ela jamais enfrentou na vida. Embora ela vivesse debatendo e escrevendo sobre tais assuntos nos últimos anos, nada se aproximava dessa carnificina. Meghan, a ativista, a humanitária e a mulher, sendo reduzida a uma criatura bidimensional. Como escreveu o biógrafo Sam Kashner: “As críticas a Markle eram recheadas de pedantismo, racismo e desinformação”. (MORTON, 2018, p. 192)

A solução encontrada pelos irmãos Harry e William, que diferentemente do pai, que preferia manter-se em silêncio durante essas situações, foi emitir uma declaração oficial declarando preocupação com a segurança de Meghan e solicitando que não

houvessem mais publicações - seja por veículos oficiais ou comentários em redes sociais - desse gênero. “Eles têm um histórico de usar a lei de maneira agressiva em busca de reparos contra fotógrafos e outros meios de comunicação inoportunos que invadem sua privacidade” (MORTON, 2018, p. 193). Segundo o autor, Harry inclusive teria sugerido que um agente aposentado da Scotland Yard fosse contratado para cuidar de Meghan. A atriz descartou a ideia.

O anúncio do noivado, em 27 de novembro de 2017, abrandou o modo como os jornais falavam sobre Meghan, que agora noticiavam o designer de seus vestidos, ou ações cotidianas, assim como Diana (por exemplo, fechar a própria porta do carro).

Em 19 de maio de 2018, Harry e Meghan casaram-se na Capela de St. George. O casal atualmente possui um filho, Archie Harrison.

Contudo, Meghan novamente tornou-se o alvo favorito dos tabloides britânicos. Essa abordagem fará parte da análise a seguir, juntamente com os conteúdos referentes à Princesa Diana e a Duquesa de Cambridge no presente capítulo.

#### 4.5 ANÁLISE: A MORTE QUE ABALOU O MUNDO, TOPLESS E A DUQUESA QUE NÃO AGRADOU A MÍDIA

O primeiro bloco de texto a ser examinado compreende cinco matérias menores do caderno especial “Diana”, publicado pela Folha de São Paulo após a morte da Princesa de Gales.

O segundo objeto da análise refere-se ao caso de Kate Middleton, fotografada em 2012 por paparazzi, fazendo *topless* enquanto desfrutava de férias privadas com o marido na França. A matéria do jornal noticia o desenvolvimento judicial do caso, entre 2017 e 2018.

Por fim, o terceiro objeto é uma matéria, publicada em 2019, onde desenvolve a respeito da forma como a mídia britânica - especialmente os tabloides - aborda Meghan Markle.

##### 4.5.1 Folha de São Paulo: Caderno especial - “Diana”; 1º de setembro de 1997 (edição número 24988)

No dia seguinte à morte de Lady Diana, em 31 de agosto de 1997, a Folha de São Paulo publicou um caderno especial intitulado “Diana”<sup>25</sup> junto ao jornal do dia contendo notícias exclusivamente sobre a Princesa do Povo.

Entre as matérias, encontra-se sua história, o momento do acidente, a culpabilidade e reações da imprensa e declarações de outras personalidades de relevância. Destas, foram selecionadas sete para análise.

Figura 1: Capa do caderno especial dedicado à morte de Diana

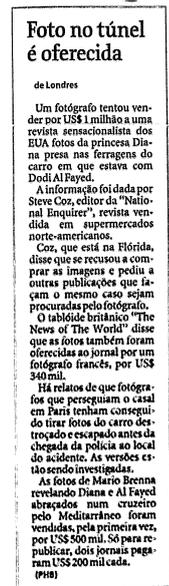


Fonte: acervo digital do jornal Folha de São Paulo

Uma das matérias, intitulada “Foto no túnel é oferecia”, presente na terceira página do caderno, discorre a respeito da recusa de dois tabloides (*National Enquirer*, dos Estados Unidos, e *The News of the World*, tabloide britânico) de comprar imagens do corpo da princesa preso às ferragens do carro no momento do acidente. O valor pedido pelo paparazzo que obteve a fotografia era de U\$ 1 milhão.

<sup>25</sup> O caderno completo encontra-se ao final da pesquisa, junto aos anexos.

Figura 2: Notícia sobre a venda de fotografias de Diana no momento do acidente



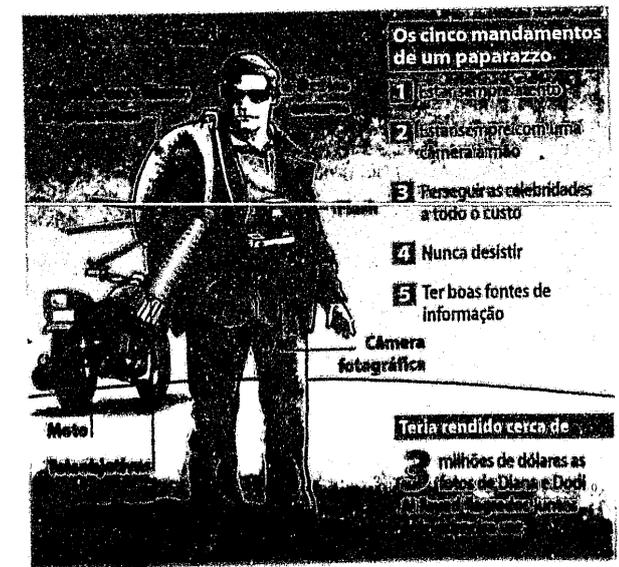
Fonte: Acervo digital do jornal Folha de São Paulo

A decisão de ambos os jornais de não comprarem e publicarem as imagens, tendo Steve Coz, editor do National Enquirer pedido aos demais tabloides que, caso procurados pelo fotógrafo, não aceitassem a oferta, foi ética e respeitosa para com a memória de Diana, algo pouco frequente nos meios jornalísticos sensacionalistas até então.

Porém, a repentina consciência da importância de um tratamento respeitoso em relação à pessoas de um modo geral, mas especificamente neste caso, às celebridades como a princesa, que, apesar de uma vida pública, ainda possuem seus direitos à privacidade, surge tardiamente. Na mesma matéria, a Folha de São Paulo cita o valor a que foram vendidas imagens de Diana e Dodi Al-Fayed em um passeio de barco (U\$ 500 mil), reafirmando o que foi apresentado no segundo capítulo da pesquisa a respeito da comercialização da notícia, independente de seu conteúdo.

O conteúdo seguinte a ser analisado é constituído por uma imagem que descreve os "5 mandamentos de um paparazzo" (p. 8).

Figura 3: Os cinco mandamentos de um paparazzo



Fonte: Acervo digital do jornal Folha de São Paulo

Os cinco elementos essenciais para exercer a profissão, segundo o jornal seriam:

1. “Estar sempre alerta
2. Estar sempre com uma câmera na mão
3. Perseguir celebridades a todo custo
4. Nunca desistir
5. Ter boas fontes de informação”

Estes itens, bem como o paparazzo em si, podem ser classificados como elementos que compõem uma invasão de privacidade, especialmente o de número três “perseguir celebridades a todo custo”, pois ferem o direito legal do indivíduo de exercer sua privacidade. No Brasil, é assegurado pela Constituição Federal e na Europa, pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos (presentes no terceiro capítulo, “Direito à Privacidade”).

Os outros itens presentes na imagem, como a motocicleta e câmera fotográfica, também fazem parte dessa construção, pois são recursos úteis na execução da profissão: as câmeras que captam as imagens de momentos privados da vida de celebridades que serão vendidos aos tabloides (como aconteceu durante toda a vida de Diana) e a motocicleta, que facilita a mobilidade em meio ao trânsito, e consequentemente, a perseguição.

A resposta dos tabloides aos acontecimentos da madrugada do dia 31 de agosto de 1997 pode ser observada na matéria “Tabloide pede que imprensa não seja responsabilizada por mortes”, presente na página nove do caderno especial.

Figura 4: Manchete da notícia a respeito da reação dos tabloides



Fonte: Acervo digital do jornal Folha de São Paulo

A notícia apresenta a opinião do tabloide *The Sun*, jornal sensacionalista de maior circulação no Reino Unido, que pedia que a culpa do acidente não recaísse sobre a mídia (apesar de não negar uma parcela de responsabilidade dos paparazzi franceses), bem como manifestou-se contra a criação de leis específicas na época que protegessem a privacidade de pessoas públicas. A matéria também contém trechos do discurso do irmão de Diana, Charles Spencer, culpando abertamente a mídia, alegando que editores que exploravam sua imagem teriam “sangue nas mãos”.

Mesmo compreendendo e reconhecendo a natureza prejudicial dessa abordagem compulsiva pela busca de conteúdo, o jornal sensacionalista negou-se a abrir mão dela, muito provável em razão de seu retorno financeiro pelo interesse do público nessa temática a respeito de celebridades. Caso houvesse interesse genuíno em adotar uma abordagem ética, o tabloide deveria apoiar a decisão de um acréscimo na legislação em relação ao direito à privacidade, além de uma mudança própria condizente com essa decisão.

Quanto às opiniões dos próprios paparazzi, a matéria presente na página 8, “Fotógrafos criticam profissão e casal”, informa.

Figura 5: Imagem de Diana cercada de fotógrafos ilustra a manchete



Fonte: Acervo digital do jornal Folha de São Paulo

Na matéria, o fotógrafo italiano Tazio Secchiaroli afirma que “o limite dos fotógrafos deveria ser o bom gosto. Há um momento em que alguém deveria dizer ‘parem’. As coisas não deveriam ir tão longe” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997, p. 8). Porém, Secchiaroli também culpa o casal pelo acidente, alegando que celebridades não deveriam fugir dos paparazzi e deixar que os fotografassem. Elio Sorci, outro paparazzo, declara, concordando com o anterior, que colocar vidas em risco para fugir de fotógrafos era inaceitável e por isso não deveriam culpá-los pelo ocorrido.

O fato de celebridades sentirem necessidade de esquivar-se de fotógrafos intrusivos por estarem desconfortáveis com sua presença insistente é o suficiente para contestar essas alegações. Cabe à vítima permitir ou não que seja fotografada em sua vida privada. Caso negue e mesmo assim os profissionais insistirem, é uma violação de privacidade

Os valores arrecadados pelo paparazzo Mario Brenna de U\$ 3 milhões, citado na reportagem, pelas fotografias mencionadas anteriormente de Diana e Dodi em uma viagem pelo mar Mediterrâneo explica, porém não justifica, o comportamento destes profissionais e a necessidade de depositar a culpa em suas vítimas, mas não neles próprios.

Ainda nesta matéria, a Folha de São Paulo menciona que Diana recorreu a uma resposta jurídica apenas em duas situações: em 1993 para que fotos suas se

exercitando e tiradas sem consentimento fossem impedidas de serem publicadas e uma ordem de restrição ao paparazzo Martin Stenning, em 1996. Além de ir contra os hábitos da família real de apenas ignorar os acontecimentos, por mais frequentes e desagradáveis que fossem, o Reino Unido não possuía, até então, uma legislação específica a respeito disso.

A reportagem seguinte, “Políticos discutem lei sobre privacidade”, elabora uma solução buscada para isso após o acidente em um debate político entre a criação de uma lei específica de proteção de privacidade e a incorporação da Convenção Europeia de Direitos Humanos à legislação. O deputado Roger Gale defendeu seu argumento: “talvez essa tragédia faça com que as pessoas acordem para o poder excessivo da imprensa e para a necessidade de regulamentação nacional e internacional”.

Figura 6: Manchete e notícia a respeito da solução buscada pelo Parlamento britânico

## Políticos discutem lei sobre privacidade

de Londres

A morte da princesa Diana deu origem a pedidos para que a privacidade seja mais protegida pela lei. “Perguntas sérias terão de ser feitas sobre se a intrusão agressiva em sua privacidade contribuiu para essa tragédia”, afirmou o chanceler britânico, Robin Cook.

O deputado Roger Gale, vice-presidente do comitê de mídia do Partido Conservador, descreveu as mortes de Diana e de Al Fayed como consequência da atitude da imprensa em relação ao casal.

“Talvez essa tragédia faça com

que as pessoas acordem para o poder excessivo da imprensa e para a necessidade de regulamentação nacional e internacional.”

O chefe do comitê da Câmara dos Comuns sobre assuntos culturais disse que o Partido Trabalhista vai estudar a necessidade de criar legislação de proteção à privacidade.

No Reino Unido, não há leis específicas sobre o trabalho da imprensa. Um órgão auto-regulatório, a Comissão de Reclamações Contra a Imprensa, foi criado em 1991 para disciplinar a atividade.

Até agora, o primeiro-ministro Tony Blair se diz contrário à criação

de leis sobre o tema.

Ele se comprometeu a incorporar à legislação do país a Convenção Europeia de Direitos Humanos, que implicaria limitação.

Ironicamente, o acidente ocorreu na França. O país possui uma das legislações de proteção à privacidade mais severas do mundo.

“Não faz sentido pensar que depois deste grande desastre podemos resolver os problemas com mudanças na lei”, disse o conservador Teddy Taylor. Para ele, o público que compra os tablóides é, em última análise, responsável por sua atitude intrusiva. (PHB)

Fonte: Acervo digital do jornal Folha de São Paulo

Até o ano do acidente, o Reino Unido não oferecia à população um amparo legal que lhe garantisse o seu direito à vida privada. Essa regulamentação serviria para garantir uma resposta das vítimas, como Diana com os jornais sensacionalistas em 1993, mesmo sem uma lei específica, evitando a publicação de fotos suas. Caso estivesse em vigor anos antes, poderia ter evitado, talvez, inúmeros momentos inconvenientes na vida princesa causados pela imprensa.

O Reino Unido aderiu a legislação da Convenção Europeia dos Direitos Humanos apenas em 2000, três anos após o acidente.

#### 4.5.2 Folha de São Paulo: “Revista que publicou fotos de topless de Kate Middleton terá que pagar multa”; 19 de setembro de 2018

Em 2012, Kate Middleton foi fotografada em Luberon, no sul da França, sem a parte de cima de seu biquíni durante um momento relaxado de sua lua de mel com o príncipe William. As fotos foram publicadas na revista francesa *Close*.

A matéria publicada em 19 de setembro de 2018 no portal online de entretenimento “F5” do jornal Folha de São Paulo relata a confirmação da justiça francesa da condenação efetivada no ano anterior das multas pagas pelos envolvidos no caso.

Figura 7: Manchete da notícia a respeito da condenação da revista francesa e imagem ilustrativa de Kate Middleton

### Revista que publicou fotos de topless de Kate Middleton terá que pagar multa

A Justiça francesa manteve os valores determinados na decisão de setembro de 2017



A revista francesa foi a primeira a publicar a imagem em que Kate, sem a parte de cima do biquíni, fotografada em 2012 - AP

Fonte: F5 (Folha de São Paulo)

Segundo a agência de notícia Reuters (2017), os advogados de defesa da revista buscavam justificar a publicação das imagens como “interesse do público” e que “refutava rumores circulando na época de que Kate estava anoréxica”. Essas alegações por meio dos representantes legais do jornal não apenas culpam o público por sua atitude antiética de publicar imagens capturadas situações privadas da duquesa, mas também utilizaria o texto que acompanha como “justificativa” para a publicação.

Este comportamento e modelo de narrativa sensacionalista, trazendo supostos problemas de saúde de Kate Middleton, apelam a uma resposta emocional do público leitor. Mesmo que irreal, ele se vê compelido a consumir esse conteúdo, seja para comentar as fotos (ilegalmente obtidas) da duquesa em sua privacidade, ou para “informar-se” a respeito de um possível distúrbio alimentar.

A privacidade de Catherine foi transposta pelos recursos mais tradicionais utilizados por paparazzi: entrada ilegal em propriedade privada e captura e venda de imagens sem consentimento da figura em questão através do uso de lentes teleobjetivas em suas câmeras, possibilitando fotografias a uma distância significativa, mas mantendo uma qualidade de foco. Estes métodos eram utilizados anteriormente, especialmente em relação à Lady Diana.

Discreta, a Duquesa de Cambridge frequentemente é citada em manchetes a respeito de suas escolhas *fashion* em eventos e apoio a causas sociais. Matérias como a publicada pela revista *Closer* são atípicas, e, conforme análise, não podem ser configuradas como “escândalos” ou algo prejudicial à duquesa. A exposição de fotos suas em um momento privado e descontraído fere sua privacidade, um direito seu, assim como de qualquer outra pessoa - celebridade ou não. Retomando o que foi citado no terceiro capítulo por Machan (1997): “Sabemos que se uma pessoa, celebridade ou não, está fazendo algo digno de uma matéria em sua residência privada, a imprensa não tem direito de entrar em sua propriedade para investigar”.

Figura 8: Exemplo de manchete a respeito de Kate Middleton, comparando-a à Diana



Fonte: Vogue (2019)

Diferente de Diana, que não possuía amparo legal exclusivamente a respeito de sua privacidade, seu filho William e a esposa Catherine recorreram, neste caso, a advogados contra o veículo francês. De acordo com a notícia selecionada, a revista foi condenada a pagar a pagar €100 mil em perdas e danos, enquanto seus editores, Laurence Pieau e Ernesto Mauri, devem pagar €45 mil cada. Por último, cabe a cada um dos fotógrafos que realizaram a captura de imagens desembolsar €10 mil na condenação. O casal alegou que a atitude foi tomada por ser uma “violação grave de privacidade”.

Com isso, pode-se perceber que quanto ao comportamento da mídia, pouco ou nada mudou 22 anos após o acidente que culminou na morte da Princesa do Povo. Seus métodos de obtenção de conteúdo ainda vão contra os códigos de ética da profissão, ultrapassando barreiras legais, como a invasão de privacidade, apenas para conseguir imagens de celebridades, como a Duquesa de Cambridge, em momentos privados, sob a justificativa de estarem fornecendo ao povo algo de seu interesse. Da mesma forma que paparazzi estiveram presentes durante as férias do casal real, em 1982, Diana experienciou a mesma situação enquanto estava com Charles nas Bahamas: fotógrafos dos tabloides britânicos *The Sun* e *The Star* os seguiram até as praias do Caribe para capturar imagens da princesa, grávida de seu primeiro filho, William. Segundo o portal de notícias *E! News* (2012), a Rainha Elizabeth II considerou o fato como o “dia mais escuro na história do jornalismo britânico”.

A mudança, entretanto, aparece na forma como as personalidades reagem a esse tratamento. Usufruindo do amparo legal, Middleton e o marido William, com o auxílio de advogados, recorreram à justiça britânica para dar fim ao caso que feriu sua privacidade. Mais reativas, as celebridades - em especial a família real - já não “deixam de lado” os acontecimentos, como era costume, mas buscam uma resposta ao abuso que sofreram.

#### **4.5.3 Folha de São Paulo: “A duquesa difícil’: Por que os tabloides britânicos odeiam Meghan Markle”; 1º de agosto de 2019**

A terceira e última matéria a ser analisada traz considerações a respeito do modo como a imprensa retrata Meghan Markle, Duquesa de Sussex, em conteúdo publicado no portal voltado ao entretenimento (F5) da Folha de São Paulo, em 1º de agosto de 2019.

O jornal disserta, a respeito do ano de 2017, quando Meghan era considerada a “queridinha” da mídia britânica, porém, dois anos depois, tornou-se o alvo das críticas dos mesmos veículos.

Na primavera e no verão de 2019, a duquesa de Sussex se viu pintada como vilã pela imprensa britânica. Dois anos atrás, a imprensa a tratou com grande simpatia, mas agora Meghan está sendo atacada, acusada de ser incapaz de lidar com seus deveres como integrante da família real. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

O jornal cita como justificativa dos tabloides desde os gastos realizados pela duquesa na reforma de sua residência, ao seu comportamento mais reservado e um suposto desentendimento familiar entre os irmãos William e Harry e as cunhadas Kate e Meghan.

Figura 9: Manchete acompanhada de imagem ilustrativa sobre Meghan Markle

### **'A duquesa difícil': Por que os tabloides britânicos odeiam Meghan Markle**



Príncipe Harry e Meghan Markle anunciaram o noivado em novembro de 2017 - BBC News/AP

Fonte: F5 (Folha de São Paulo)

As críticas à Markle compõem uma narrativa desrespeitosa e pouco ética, como as mencionadas no objeto de análise, em que a criticavam por seus gastos na reforma de sua residência ou por estar constantemente enviando e-mails aos funcionários reais com suas demandas, resultando no apelido “Duquesa Difícil”. Isso acaba por criar uma perseguição tanto literal, invadindo sua privacidade, quanto figurada, em

uma busca incansável por encaixá-la em suas acusações, tornando sua imagem em algo vil.

Como outro exemplo disso, recentemente a duquesa e seu marido, príncipe Harry, foram criticados por terem realizado uma viagem com o filho, Archie Harrison, em um avião particular ao sul da França. O uso da aeronave, segundo os tabloides, iria contra os ideais do casal, por sua exagerada emissão de dióxido de carbono, em relação a um voo comercial.

Em sua defesa, o cantor e compositor Elton John - amigo próximo de Diana - manifestou-se em sua conta pessoal no Twitter a favor do casal. O artista afirmou que cedeu sua casa na França à Meghan e Harry e também providenciou a aeronave para a viagem, que, de acordo com ele, era carbono neutro. Suas afirmações comprovam uma falta de comprometimento por meio dos jornais envolvidos, pecando na apuração, bem como no princípio jornalístico do compromisso com a verdade, apenas para deixar em evidência uma crítica à duquesa.

Figura 10: Tweets de Elton John a respeito da viagem de Harry e Meghan



Fonte: Twitter (@eltonofficial)

E eu estou profundamente alarmado com o relato distorcido e malicioso da imprensa no dia de hoje sobre a estadia privada do Duque e da Duquesa de Sussex em minha casa em Nice, na semana passada.

A mãe do Príncipe Harry, Princesa Diana de Gales, foi uma de minhas amigas mais queridas. Tenho um profundo sentimento de obrigação em proteger Harry e sua família da intrusão desnecessária da imprensa que contribuiu para a morte de Diana.

Após um ano agitado, continuando seu trabalho e dedicação à caridade, David e eu queríamos que a jovem família tirasse férias privadas na segurança e tranquilidade de nossa casa. Para manter um alto nível de proteção necessária, nós providenciamos para eles um voo em jato particular.

Para apoiar o comprometimento do Príncipe Harry com o meio ambiente, garantimos que o voo fosse carbono neutro, fazendo a contribuição apropriada para Carbon Footprint™.

Respeito e aplaudo ambos Harry e Meghan por seu comprometimento com a caridade e estou chamando a atenção da mídia para parar com o incessante e irreal assassinado de seu caráter que é falsamente criado diariamente. (JOHN<sup>26</sup>, 2019)

Um recurso previamente mencionado no capítulo anterior a esta análise e utilizado cada vez mais por celebridades para controlar o que é divulgado a seu respeito são as redes sociais. Assim como o Duque e a Duquesa de Cambridge, os Sussexes também compartilham contas oficiais no Instagram e Twitter. Porém, mesmo que seja viável para um controle de sua privacidade, realizando publicações de eventos ou mesmo pessoais, a imprensa ainda encontra razões dentro do conteúdo publicado para novamente criticar a duquesa, sem real embasamento.

A matéria em análise cita a foto publicada pelo Instagram oficial do casal (@sussexroyal) no dia das mães. Para os tabloides britânicos, a foto era “errada”, pois mostrava “pouco” do bebê Archie Harrison: apenas os pés nas mãos da mãe. A imprensa, assim como no caso da divulgação das imagens de Kate Middleton, justifica a afirmação através do interesse do público, criticando a discrição de Meghan Markle quanto ao filho, incluindo o batizado realizado sem a presença de repórteres e fotógrafos.

(Os fãs) não querem uma foto artística no Instagram do pé de Archie três dias depois. As fotos que eles divulgam são muito estilizadas. As pessoas só querem ver Harry, Meghan, o bebê, a roupa e os padrinhos, é tudo. É tradicional. Não há nada de errado com um pouco de tradição quando se trata de um bebê real. (DAILY MIRROR, citado pela FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

---

<sup>26</sup> Livre tradução desta autora

Figura 11: Foto publicada pela conta oficial do casal no dia das mães



Fonte: Reprodução Instagram (@sussexroyal)

Esse tipo de comentário negativo partindo da mídia é incoerente, pois, ainda que o público deseje consumir um conteúdo com imagens mais explícitas e pessoais, ainda é um direito por parte da personalidade em questão decidir se quer ou não as divulgar. Criticá-la por exercer sua privacidade é contraditório em relação ao seu privilégio.

Não apenas cruel em suas críticas, a imprensa também recorre a artifícios para tecê-las. Estes recursos, assim como os mencionados nas análises anteriores, são formas de obtenção de conteúdo através de invasão de privacidade. Entre eles estão a presença de paparazzi (em caso citado em outra matéria da Folha de São Paulo<sup>27</sup>, o príncipe Harry foi indenizado pela publicação não autorizada de imagens de sua residência obtidas por fotógrafos em helicópteros) e quebra de sigilo de correspondência.

O jornal *The Mail on Sunday* publicou uma carta privada que Meghan enviou ao seu pai, Thomas Markle. Em resposta, Harry publicou em um site oficial<sup>28</sup> uma declaração em que afirma que o casal recorreu a advogados em um processo contra o jornal e também acusando-o de uma perseguição contra Meghan, assim como a mídia fez com sua mãe, Diana, manipulando informações e divulgando inverdades.

Essa ação legal específica depende de um incidente em um padrão longo e perturbador de comportamento da mídia tabloide britânica. O conteúdo de

<sup>27</sup> Folha de São Paulo (2019). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/mundo/2019/05/principe-harry-e-indenizado-por-publicacao-de-fotos-de-sua-residencia-particular.shtml>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://sussexofficial.uk/>

uma carta particular foi publicado ilegalmente de maneira intencionalmente destrutiva para manipular você, o leitor, e promover a agenda divisória do grupo de mídia em questão. Além da publicação ilegal deste documento particular, eles propositadamente o enganaram ao omitir estrategicamente parágrafos selecionados, sentenças específicas e até palavras singulares para mascarar as mentiras que haviam perpetuado por mais de um ano.

[...] Embora essa ação possa não ser a mais segura, é a correta. Porque meu medo mais profundo é a história se repetindo. Vi o que acontece quando alguém que eu amo é comoditizado a ponto de não ser mais tratado ou visto como uma pessoa real. Perdi minha mãe e agora vejo minha esposa sendo vítima das mesmas forças poderosas. (DUQUE DE SUSSEX, 2019)

Esse tipo de reação, onde as personalidades afetadas vêm a público manifestar-se contra ao que foram submetidos pelos veículos de comunicação é uma resposta discrepante ao costume anterior da realeza. Além disso, assim como Kate e William, Harry e Meghan também optaram por buscar auxílio legal quanto à questão de sua invasão de privacidade por meio dos veículos de comunicação. Tanto uma resposta, quanto a outra, não eram opções disponíveis durante o período de perseguição à Diana, pois a lei específica foi integrada apenas após sua morte, bem como o protocolo real era apenas “ignorar” os acontecimentos.

Em relação a abordagem da mídia, pouco mudou entre 1997 e 2019. Embora números excessivos de fotógrafos ávidos por imagens da Princesa Diana não sejam tão comuns na atualidade, os paparazzi ainda são figuras presentes na vida da família real, em específico das duquesas Catherine e Meghan, ultrapassando barreiras legais em busca de seu conteúdo.

Além disso, a ética é uma prática ainda pouco adotada pelo jornalismo sensacionalista dos tabloides britânicos, onde prezam a venda de suas notícias - muitas vezes, inverossímeis - acima do respeito para com as personalidades mencionadas, perseguindo-as com matérias acusatórias. Esse tipo de abordagem leva as vítimas a um limite emocional, como visto no recente documentário produzido pela ITV “*Harry & Meghan: An African Journey*” (2019) onde, à beira de lágrimas, Markle reconhece a respeito do tratamento da mídia britânica com ela, juntamente com as responsabilidades como membro da realeza e como mãe: “poucas pessoas me perguntaram se estou bem”.

Essa semelhança pode ser observada através da constante comparação entre o caso de Meghan Markle e Lady Diana, ambas alvos de uma perseguição por parte da imprensa, paralelo traçado inclusive por Harry em sua carta aberta (2019): “perdi minha mãe e agora vejo minha esposa sendo vítima das mesmas forças poderosas”.

## 5 CONCLUSÃO

A vida de reis, rainhas e princesas sempre foi assunto comentado e divulgado entre a população. Esse interesse do público pela informação a respeito de seus monarcas e a nobreza levaram a um crescente e deliberado proveito por parte da indústria de comunicação, resultando em ganhos econômicos para todos os elos que formam a cadeia de negócios de entretenimento.

A temática do entretenimento dentro do jornalismo - onde se encaixa a família real e celebridades de uma forma geral - é frequentemente encontrada inserida em veículos chamados como “tabloides”, ou seja, seguem as características da mídia sensacionalista. Como apresentado no segundo capítulo desse estudo, essa vertente é caracterizada pelos excessos: uma narrativa construída com exageros que apelam ao emocional de seus leitores e telespectadores, buscando, através dela, que estabeleçam uma conexão empática com o tema, e, conseqüentemente, voltando a consumir no futuro.

Porém, esse tipo de abordagem e busca de conteúdo transpõe, muitas vezes, barreiras éticas, em especial as que dizem respeito à privacidade de indivíduos (conferida também como direito legal).

Apesar de ser um conceito que se firmou mais recentemente, incorporado pela sociedade apenas após o século XVIII, a intimidade e vida privada são, atualmente, direitos universais assegurados pela ONU na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além disso, o respeito a essas concepções são citadas no Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo, elaborado pela UNESCO e no Código de Ética do Jornalismo brasileiro, que, em tese, seriam essenciais para exercer a profissão de forma respeitosa. Porém, na prática esses direitos são frequentemente ignorados quando o sensacionalismo retrata pessoas públicas. As três personalidades analisadas - Diana Spencer, Catherine Middleton e Meghan Markle - são provas disso.

Diana era a princesa que não viveu um conto de fadas. Escondia a tristeza de não ter o amor correspondido do seu marido, não se encaixava na família real e disfarçava a solidão por trás de um véu de altruísmo e compaixão com seu povo, conquistando o público. Porém, a avidez deste público em buscar sentir-se próximo de sua princesa favorita, a Princesa do Povo, encontrou-se com a avidez da mídia em vender essa proximidade em forma de matérias e fotos.

Desconsiderando por completo o direito de Lady Spencer à vida privada - na

época, ainda não assegurado por uma legislação britânica específica, mas ainda assim, um direito universal -, paparazzi e jornalistas acompanharam além de eventos oficiais, mas em momentos íntimos de sua vida, sem que houvesse consentimento. A análise realizada no quarto capítulo constata este fato, apresentando desde os altos valores obtidos com a venda das fotos da Princesa à relação dos tabloides com sua morte em um acidente de carro em Paris, em 31 de agosto de 1997, o ápice dos absurdos cometidos pela mídia para obter fotografias suas.

21 anos após o incidente que abalou milhares de fãs da Princesa no mundo todo, esperava-se que a posição e comportamento da mídia sensacionalista mudaria. Não são vistos mais enxames de jornalistas e fotógrafos ao redor dos membros da família real, todavia, a ética ainda é algo em falta em sua abordagem. As análises referentes às duquesas de Cambridge e Sussex, através das matérias do jornal Folha de São Paulo, são provas disso.

Paparazzi ainda usam lentes objetivas para capturar momentos privados de Kate Middleton durante suas férias com o marido e a mídia britânica ainda faz de Meghan Markle seu alvo de críticas. A maior mudança, porém, é vista na forma como essas personalidades reagem ao serem vítimas de um comportamento antiético dos meios de comunicação.

Ambas as duquesas recorreram aos seus advogados para usufruírem da proteção legal a sua privacidade. Além disso, utilizaram canais públicos, como a publicação de uma carta aberta e entrevistas para manifestarem-se contra às ações a que foram submetidas. Outro fator a considerar a respeito dessas mudanças é que as celebridades, atualmente, incluindo a realeza, encontraram opções para controlar divulgações de imagens e conteúdos pessoais, através da administração de perfis oficiais em redes sociais, fornecendo ao público algo para que consumam, mas tendo total controle sobre isso.

A Folha de São Paulo, jornal utilizado como objeto de análise, é uma fonte secundária, noticiando a forma como os tabloides britânicos abordam e retratam personalidades como a família real. Nos conteúdos utilizados para embasar o estudo, o jornal já apresenta um enquadramento a respeito dessa invasão de privacidade, porém, são fundamentais para que as mudanças citadas em relação ao passado vivido por Lady Diana Spencer com o presente de Meghan Markle e Kate Middleton possam ser observadas e salientadas.

Esse tipo de posicionamento por parte dos jornais sensacionalistas contribui para a adversidade com que o núcleo de entretenimento é visto perante o jornalismo “tradicional”. Porém, a responsabilidade pelo ato de transpor a privacidade dessas personalidades não é apenas da mídia, buscando e fornecendo o conteúdo elaborado a partir dessa abordagem, mas sim em parte do público, por consumir o que é produzido, tornando este um ciclo que não se fecha, onde um lado alimenta o outro.

O povo, sob os encantos de um ideal de uma vida em castelos, vestidos extravagantes e casamentos assistidos por milhões de pessoas, mas que também é próximo de si, por sofrerem com desilusões amorosas, escândalos de família e divertirem-se de (ou sem) biquíni em suas férias, consome esses materiais da mídia. Fomentados por isso, os meios de comunicação procuram, sob qualquer circunstância, suprir essa demanda através de fotografias invasivas e textos, por vezes, ofensivos ou fictícios (ou ambos) a respeito dessas pessoas públicas, transpondo limites éticos e legais.

O estudo realizado permite tecer considerações a respeito do modo como celebridades são tratadas pelos veículos de comunicação e suas respostas. Apesar da fundamentação dos princípios éticos, a mídia nacional (no caso da brasileira), como internacional, quando se trata das personalidades, acaba ignorando completa ou parcialmente o respeito à privacidade. Essa invasão hoje pode ser ainda mais ousada com recursos tecnológicos disponíveis (como drones) e acontece de diversas formas, mas principalmente com publicação de imagens captadas sem consentimento. Entre os casos analisados, pouca mudança é constatada a respeito da abordagem às pessoas públicas pelos meios de comunicação, bem como o interesse do público a seu respeito. A diferença é que, cansados de serem alvos marcados pelo seu *status* de celebridade, as personalidades estão mais reativas atualmente e fazem uso do amparo legal para preservar sua vida privada.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo. **Entretenimento**: valor notícia fundamental. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano V - n. 1, 2008, pp. 13-23.

ALACH, Patrick J. **Paparazzi and privacy**. 28 Loyola of Los Angeles Entertainment Law Review, 2008. Disponível em:  
<<https://digitalcommons.lmu.edu/elr/vol28/iss3/1/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

ARBEX Jr., José. **Shownarlismo: a notícia como espetáculo**. 3.ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em:  
1<<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 17 nov 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BBC NEWS. **Can celebrities expect privacy?** 15 jul. 2011. Disponível em:  
<<https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-14151678>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Kate Middleton among those targeted by jailed officer**. 05 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-22786961>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Meghan closes a car door**. 26 set. 2018. Disponível em:  
<<https://www.bbc.com/news/av/uk-45650976/meghan-closes-a-car-door>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Meghan sues Mail on Sunday over private letter**. 02 out. 2019. Disponível em: <[https://www.bbc.co.uk/news/amp/uk-49901047?\\_twitter\\_impression=true](https://www.bbc.co.uk/news/amp/uk-49901047?_twitter_impression=true)>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Phone-hacking trial**: Kate Middleton 'hacked 155 times'. 14 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-27413632>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Royal baby**: Meghan, Harry and the fine line between public and private life. 06 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/news/amp/uk-48079417>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BBC NEWS. **Royal wedding: The Kate Middleton Story**. 16 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-11767308>>. Acesso em 17 out. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CALDAS, Pedro Frederico. **Vida Privada, liberdade de imprensa e dano moral**. São Paulo: Saraiva, 1997.

CBS NEWS. **"Not many people have asked if I'm OK": Meghan Markle gives emotional interview in new documentary**. 09 out 2019. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/meghan-markle-interview-duchess-of-sussex-opens-up-about-being-new-mom-in-itv-documentary-with-prince-harry-2019-10-19/>>. Acesso em: 09 nov 2019.

COUNCIL OF EUROPE. **Convenção Europeia dos Direitos Humanos**. 1953. Disponível em: <[https://www.echr.coe.int/Documents/Convention\\_POR.pdf](https://www.echr.coe.int/Documents/Convention_POR.pdf)>. Acesso em 17 out. 2019.

CURRY JR., Richard J. **Diana's Law, Celebrity and the paparazzi: the continuing search for a solution**. In: Journal of Competence and Information Law. Issue 4. 2000. Disponível em: <<https://repository.jmls.edu/jitpl/vol18/iss4/3/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fabia Angelica. **Infotimento**. São Paulo: Paulinas, 2006.

DUCHARM, Jamie. **Why people are obsessed with the royals, according to psychologists**. In: TIME. 2018. Disponível em: <<https://time.com/5253199/royal-obsession-psychology/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

ESTADÃO. **Diana contra as minas: a causa de uma princesa que mudou o mundo**. 23 abr. 2017. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,diana-contra-as-minas-a-causa-de-uma-princesa-que-mudou-o-mundo,70001747616>>. Acesso em: 31 out. 2019.

E! NEWS. **Kate Middleton's Pregnant Bikini Pics Not First Royal Leak: Sneak Attack on Princess Diana Called "Blackest Day" by Queen**. 13 fev 2013. Disponível em: <<https://www.eonline.com/news/388062/kate-middleton-s-pregnant-bikini-pics-not-first-royal-leak-sneak-attack-on-princess-diana-called-blackest-day-by-queen>>. Acesso em: 09 nov 2019.

FARIAS, Edilson Pereira de. **Colisão de direitos: a honra, a intimidade, a vida**

privada e a imagem versus a liberdade de expressão e comunicação. 3.ed. Porto Alegre: safE, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. **'A duquesa difícil'**: Por que os tabloides britânicos odeiam Meghan Markle. 1 ago. 2019. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/08/a-duquesa-dificil-por-que-os-tabloides-britanicos-odeiam-meghan-markle.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **História da Folha**. Disponível em:

<[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4)>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Kate e William fazem voo econômico após Harry e Meghan serem criticados por usar jatinho**. 23 ago 2019. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/08/kate-e-william-fazem-voe-economico-apos-harry-e-meghan-serem-criticados-por-usar-jatinho.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Meghan Markle processa jornal britânico por bullying, e Harry lembra perseguição à Lady Di**. 2 out. 2019. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/10/meghan-markle-processa-jornal-britanico-por-bullying-e-harry-lembra-perseguiacao-a-lady-di.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Príncipe Harry é indenizado por publicação de fotos de sua residência particular**. 16 mai. 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/amp/mundo/2019/05/principe-harry-e-indenizado-por-publicacao-de-fotos-de-sua-residencia-particular.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Revista que publicou fotos de topless de Kate Middleton terá que pagar multa**. 19 set. 2019. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/09/revista-que-publicou-fotos-de-topless-de-kate-middleton-tera-que-pagar-multa.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2019.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

GAÚCHAZH. **Por que a relação de Meghan Markle e a imprensa britânica está cada vez mais delicada**. 09 out. 2019. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/10/por-que-a-relacao-de-meghan-markle-e-a-imprensa-britanica-esta-cada-vez-mais-delicada-ck1hycvpq041501r26spuo3jo.html>>. Acesso em: 17 out. 2019.

INDEPENDENT. **Princess Diana**: How the tabloid press treated her in the run up to her death. 29 ago. 2019. Disponível em:

<[https://www.independent.co.uk/news/long\\_reads/princess-diana-death-tabloid-press-treatment-media-prince-charles-divorce-affairs-children-royal-a7918581.html](https://www.independent.co.uk/news/long_reads/princess-diana-death-tabloid-press-treatment-media-prince-charles-divorce-affairs-children-royal-a7918581.html)>.

Acesso em: 17 out. 2019.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

LADY Di: **Suas Últimas Palavras**. Direção: Direção: Tom Jennings. Produção: David

Tillman. London: Channel 4, 2017. 1 vídeo (113 min). Disponível em:

<<http://www.netflix.com>>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MACHAN, Tibor R.. **Parazzi and public property**. 1 dez. 1997. Disponível em:

<<https://www.independent.org/news/article.asp?id=1354>>. Acesso em: 17 out. 2019.

MARSHALL, David. Intimately intertwined in the most public way.. In: MARSHALL, DAVID (editor). **Celebrity culture reader**. Abingdon: Routledge, 2006.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. **Ética, mídia e comunicação**. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

MIRA, Maria Celeste. **Invasão de Privacidade? Reflexões sobre a exposição da intimidade na mídia**. In: Lugar Comum. N.5-6, 1999, pp. 97-116.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

MORTON, Andrew. **Diana**: sua verdadeira história. 3.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

MORTON, Andrew. **Meghan**: A princesa de Hollywood que conquistou a Inglaterra. São Paulo: Seoman, 2018.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A sociedade do espetáculo**. 25 jan. 2005.

Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/speculum/a-sociedade-do-espetaculo/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Jornalismo de celebridades, para quê?** 16 fev. 2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/jornalismo-de-celebridades-para-que/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**. 1983. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>>. Acesso em 17 out 2019.

PENA, Felipe. **A vida é um show: celebridades e heróis no espetáculo da mídia** In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXV, nº 1, janeiro/junho de 2002

PEOPLE. **Elton John Blasts Criticism of Meghan Markle and Prince Harry as He Reveals He Paid for Private Jet**. 19 ago. 2019. Disponível em <<https://people.com/royals/elton-john-tweets-prince-harry-meghan-markle-nice-france-vacation/>> Acesso em: 17 out. 2019.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Florianópolis: Vozes, 1999.

RAMOS, Roberto José. **Os sensacionalismos do sensacionalismo** : uma leitura dos discursos midiáticos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

REUTERS. **French magazine found guilty over topless photos of British Duchess**. 5 set 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-britain-royals-france-photos/french-magazine-found-guilty-over-topless-photos-of-kate-middleton-idUSKCN1BG1Q7>>. Acesso em: 09 nov 2019.

SAMUELSON, Kate. **The Princess and the Paparazzi: How Diana's Death Changed the British Media**. In: Time. 27 ago. 2017. Disponível em: <<https://time.com/4914324/princess-diana-anniversary-paparazzi-tabloid-media/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

SHREIBER, Anderson. **Direitos da personalidade**. São Paulo: Atlas, 2014.

SIMÕES, Paula Guimarães. **A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica**. In: LOGOS 31: Comunicação e Universidade. Ano 17 - n. 30, 2009, pp. 67-79.

SIMÕES, Paula Guimarães. **Celebridades na sociedade midiaticizada: em busca de uma abordagem relacional**. In: ECO-Pós. Vol. 16 - n. 1, 2013, pp. 104-119.

SMITH, Robin Callender. **Celebrity privacy and the development of the judicial concept of proportionality: How English law has balanced the rights to protection**

and interference. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centre of Commercial Law Studies, Queen Mary University of London, Londres, 2014.

SOLOVE, Daniel J. **Understanding Privacy**. Cambridge: Harvard University Press, 2008. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1127888](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1127888)>. Acesso em 17 out. 2019.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

SUSSEX OFFICIAL. **Statement by His Royal Highness Prince Harry, Duke of Sussex**. 01 out 2019. Disponível em <<https://sussexofficial.uk/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

THE GUARDIAN. **News of the World royal editor: I hacked Kate Middleton 155 times**. 14 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2014/may/14/news-world-kate-middleton-phone-hacking-trial>>. Acesso em: 17 out. 2019.

THE GUARDIAN. **Now you see us, now you don't**. 8 jan. 2001. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2001/jan/08/law.media>>. Acesso em: 17 out. 2019.

THE HOLLYWOOD REPORTER. **Scarlett Johansson Suffers Paparazzi Scare After 'Jimmy Kimmel Live!' Taping**. 09 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/scarlett-johansson-suffers-paparazzi-scare-1200408>>. Acesso em: 17 out. 2019.

THE ROYAL FAMILY. **About The Duchess of Cambridge**. Disponível em: <<https://www.royal.uk/the-duchess-of-cambridge>>. Acesso em: 13 nov 2019.

THE STORY of **Diana**. Direção: Rebecca Gitlitz. Produção: Jennifer Albanese. Música: Jared Gutstadt. American Broadcasting Company, 2017. 2 partes (240 min). Disponível em: <<http://www.netflix.com>>.

THE SUN. **Duke & Duchess of Sussex – An Apology**. 29 set. 2019. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/clarifications/10031408/duke-duchess-of-sussex-an-apology/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

TOFOLI, Luciene. **Ética no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

VEJA. **Quem é Kate Middleton, a plebeia que fogueou o príncipe William**. 16 nov. 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/quem-e-kate-middleton-a-plebeia-que-fogueou-o-principe-william/>>. Acesso em: 31 out. 2019.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Entretenimento, a utopia e o discurso mitigado**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-Compós, Brasília. Vol. 18 - n. 1, 2015.

ANEXO A - EDIÇÃO NÚMERO 24988 - 1º DE SETEMBRO DE 1997

# diana

Especial ★ Página 1 ★ FOLHA DE S. PAULO ★ São Paulo, segunda-feira, 1º de setembro de 1997

ENTREVISTA Pág. 8  
*'Imprensa é feroz, não perdoa', afirmou a princesa dias antes de morrer*

REPERCUSSÃO Pág. 5  
*Morreu a 'princesa do povo', diz Blair com a voz embargada*

INVESTIGAÇÃO Pág. 3  
*Polícia prende sete fotógrafos e procura o que teria imagem de Diana acidentada*

## A REALEZA PERDE O ENCANTO

Diana Frances Spencer,  
princesa de Gales  
(1961-1997)



O príncipe Charles acompanhou ontem o corpo de sua ex-mulher, a princesa Diana, 36, de Paris a Londres. A mãe dele, a rainha britânica, Elizabeth 2ª, decide hoje como será o funeral.

A polícia busca um fotógrafo que estaria envolvido no acidente de carro em que Diana e o namorado dela, o egípcio Dodi al Fayed, 41, morreram, na madrugada de ontem, em Paris.

Sete fotógrafos já foram presos. Na noite do acidente, o carro de Diana supostamente fugia do assédio deles.

Os filhos de Diana, os príncipes William, 15, e Harry, 12, entraram em estado de choque ao receber a notícia da morte da mãe. O príncipe Charles e a rainha se disseram "profundamente chocados". Charles Spencer, irmão da princesa, afirmou que a imprensa tem "sangue nas mãos", por promover uma "caçada fotográfica" às celebridades.

O cirurgião brasileiro Leonardo Esteves Lima, 32, integrante da equipe que tentou salvar Diana, disse ser "surpreendente que ela tenha sobrevivido até chegar ao hospital".

CERIMÔNIA Herdeiro do trono britânico vai à França com irmãs de Di; detalhes do funeral são divulgados hoje

# Charles acompanha o corpo da princesa Diana de volta a Londres

PAULO HENRIQUE BRAGA de Londres  
MARTA AVANCINI de Paris

Desde o príncipe Charles, o marido de Diana, a tarefa de libertar o cenário que trouxe o corpo da princesa Diana ao Reino Unido.

A corpo chegou a base militar de Norfolk, a noroeste de Londres, pouco antes das 19h (18h em Brasília). Charles veio de Paris em um jato da Força Aérea Real (RAF) com as irmãs da princesa, Jane Frances e Sarah McCorquodale. O grupo foi recebido pelo primeiro ministro Tony Blair.

A chegada, enfeitada pelo estandarte real, que simboliza a monarquia britânica, foi conduzida em um jato por um oficial da RAF. As irmãs, em um helicóptero, foram para a casa da família real em Sandringham, em Norfolk.

A chegada ao Reino Unido para uma cerimônia de enterro não teve o mesmo caráter de uma celebração, como o discurso de Blair, o primeiro-ministro britânico, e a presença da família real e a presença de milhares de pessoas.

A chegada ao Reino Unido para uma cerimônia de enterro não teve o mesmo caráter de uma celebração, como o discurso de Blair, o primeiro-ministro britânico, e a presença da família real e a presença de milhares de pessoas.

No final da tarde, 2.000 pessoas lotaram a catedral de Saint Paul, no centro da cidade, para um culto em homenagem à princesa.

A igreja, local do casamento de Charles e Diana, ficou aberta até as 20h para que os admiradores que não puderam entrar no culto acendessem velas no local.

Charles e as duas irmãs de Diana chegaram ao hospital La Pitié-Salpêtrière por volta das 17h30.

O grupo chegou em cortejo acompanhado por um frete apertado de segurança. Eles foram a Paris no avião da família real britânica e desembarcaram no aeroporto militar de Villacoublay, ao sul da capital francesa.

Charles estava sozinho em um jato da embaixada britânica em Paris. As irmãs de Diana estavam em outro jato, que seguia atrás do ocupado pelo príncipe. Uma milícia, estimada em 10 mil pessoas, pela polícia, aguardava a chegada em trem ao hospital.

Charles foi recebido pelo presidente da França, Jacques Chirac, e sua mulher, Bernadette.

Após receber as condolências do chefe de Estado francês, ele sobiu ao quarto no primeiro andar do palácio nacional de saúde, onde o corpo da princesa estava enterrado.

Os príncipes britânicos e as irmãs de Diana permaneceram no quarto durante 20 minutos aproximadamente. Segundo testemunhas, o rosto da princesa estava abrigado.

Após uma breve cerimônia religiosa, o corpo foi retirado do hospital por quatro homens. Junto com o santo foram colocados dois sacos de flores no carro que o transportou até o aeroporto de Villacoublay.

Em seguida, Charles e as irmãs de Diana deixaram o hospital para retornar ao aeroporto. Nisso, o carro foi atacado, duas vezes, pela polícia, que transporta o corpo com o corpo de Diana.

Todos retornaram ao aeroporto Villacoublay, onde embarcaram para a Inglaterra. O voo partiu por volta de 19h em Paris (18h em Brasília). Charles e as irmãs de Diana foram no mesmo avião. O ministro das Relações Exteriores da França, Hubert Vedrine, e o secretário de Estado para o Sudoeste, Bernard Kouchner, também estiveram no hospital.



O reverendo Martin Draper acompanha caixão da princesa Diana, ao sair do hospital Salpêtrière, em Paris

### CRONOLOGIA

do Banco de Deuses

- 1946 - Diana Spencer nasce em Park House, condado de Norfolk, filha de John Spencer, então visconde de Althorp, e de Frances Roche.
- 1968 - Frances foge com o milionário Peter Shand-Kyle. Diana é internada na St. Mildred School, escola aristocrática do condado de Norfolk.
- 1975 - O pai de Diana casou-se com Raine, condessa de Darnley.
- 1978 - Diana muda-se para Londres e emprega-se como professora. Divide um apartamento com outras três garotas.
- ago.80 - Inicia namoro com Charles a quem já conhecia desde criança, por que a prospeidade da família Spencer em Norfolk era próxima da família real.
- fev.81 - Charles pede Diana em casamento.
- 29.jul.81 - Diana e Charles se casam. A cerimônia, conduzida pelo arcebispo de Cantuária, tem a presença dos príncipes herdeiros de Estado do mundo.
- 21.jun.82 - Nasce William, o primeiro filho do casal.
- 15.set.84 - Nasce o príncipe Harry, o segundo filho de Diana e Charles.
- 1989 - Pela primeira vez, o casal se separa em suas viagens oficiais. Diana vai para Nova York e o príncipe, para Edimburgo.
- 1990 - Um pacote com uma bomba incendiária, descoberto pela segurança do palácio de Buckingham. O artefato é desarmado antes de explodir.
- 1991 - O casal real vem ao Brasil para uma visita de seis dias.
- jun.92 - O livro "Diana: Sua Real História" diz que a princesa tentou o suicídio cinco vezes por desavenças no casamento.
- dez.92 - O então príncipe John Major anuncia a separação do casal.
- set.94 - Charles admite um relacionamento extraconjugal com Camilla Parker-Bowles.
- out.94 - O livro "Princesa Apaixoadas" conta a história do romance entre a princesa Diana e o major James Hewitt.
- nov.95 - Em entrevista à TV BBC, Diana confessa ter o relacionamento com Hewitt.
- jan.1997 - A princesa Diana viaja a Angola para ver vítimas de campos minados.
- jun.97 - Diana visita o militar brasileiro Rivaldo da Silva, que teve o pé direito amputado ao pisar em uma mina.
- jun.1997 - O leilão de roupas da princesa Diana rende US\$ 3,25 milhões para entidades que combatem a Aids e o câncer.
- jul.1997 - Diana passa férias com Dodi al Fayed, apontado como seu novo namorado.

### Filhos ficam em estado de choque

Os filhos da princesa Diana sofrem de morte da mãe quando o príncipe Charles, os acidentes não para dar a notícia.

Os príncipes William, 15, e Harry, 12, completam 13 em 15 de setembro - estão no Castelo de Sandringham, na Escócia, onde a família tradicionalmente passa a semana de férias.

Por suas ligadas a família real dizem que William e Harry haviam estado no dia em estado de choque.

18. pois que o príncipe Charles, a França para buscar o corpo de Diana, os dois garotos foram acompanhados dos avós, a mãe Elizabeth 2ª e o príncipe Philip.

Pela manhã, eles foram compa-

recido com os avós à igreja de Cristo, próxima a casa de verão e frequentada pela família real quando está de férias.

Após a missa, eles voltaram ao castelo de Balmoral, de onde não saíram mais ao longo do dia. Charles seguiria ao encontro deles depois de retornar à França.

"Boa mãe"

A princesa havia declarado a imprensa na última semana que não deixava a Inglaterra por causa dos filhos. William e Harry ficaram muito próximos de Diana depois que ela se separou de Charles.

Em um despacho de Camerbury Robert Franco, que celebrou o casamento de Charles e Diana em 1981 e lutou em filhos do casal, disse a rede de TV inglesa BBC que Diana "havia sido uma boa mãe".

### Dodi é enterrado no Reino Unido

O corpo do produtor de cinema Dodi al Fayed foi enterrado nesta noite em um cemitério de Woking, sul da Inglaterra.

A cerimônia ficou restrita aos amigos e à família de Al Fayed. À tarde, o caixão havia sido levado para a Mesquita Central de Londres, no bairro de Regent's Park.

Um porta-voz da loja de departamentos Harrods afirmou que o pai de Dodi, Mohamed al Fayed, decidiu enterrá-lo no Reino Unido, apesar de seus dois anteriores no país em concederem cidadania britânica a ele.

"O coração de sr. Al Fayed está aqui. Ele é muito patriota em relação a este país", disse o porta-voz. Fayed acede da morte do filho na madrugada de ontem. Ele estava

em Surrey, interior da Inglaterra, e foi de helicóptero para Paris.

Por meio de seu porta-voz, ele também criticou o assédio da imprensa sobre o caso.

"Não há dúvida na mente do sr. Fayed de que esta tragédia não teria ocorrido se não fosse pelos fotógrafos que os estavam perseguindo nas últimas semanas."

O empresário disse que vai processar os fotógrafos envolvidos no acidente assim que a polícia francesa concluir sua investigação.

Ele manifestou preocupação em relação aos filhos da princesa, William e Harry, ao príncipe Charles e a toda a família real. Sobre Diana, disse que ela é "insubstituível".

O porta-voz também citou o motorista da Mercedes morto no acidente, elogiando sua conduta como profissional. (P&F)



Observado por Jane Fellowes, irmã de Diana, Charles beija Sarah McCorquodale, também irmã da princesa

### Advogado dos Al Fayed diz que vai à Justiça

Um advogado francês de Mohamed al Fayed, o pai de Dodi al Fayed, disse que vai entrar com uma ação civil na Justiça, mas não disse contra quem.

Em entrevista à rede de TV LCI, Bernard Dartevielle afirmou que a família Al Fayed "sabia que corria riscos por causa dos fotógrafos tentando capturar imagens de Dodi e Diana em férias".

Sete fotógrafos estão presos por supostamente terem participado

do acidente que causou a morte de Diana e Al Fayed, na madrugada de ontem em Paris. Um oitavo está foragido.

Antes do acidente

O advogado disse que antes do acidente já havia sido instruído a iniciar uma ação legal por invasão de privacidade e atos perigosos por causa de vôos baixos de helicópteros sobre o lago e a casa de férias de Al Fayed na Riviera Francesa, onde Dodi e Diana estiveram durante a semana passada.

"A investigação está em boas mãos... sinto que o mínimo que eles (as autoridades judiciais francesas) podem fazer é iniciar uma investigação por homicídio culposo", afirmou Dartevielle.

Em 13 de agosto, os Al Fayed haviam formalmente pedido respeito a sua privacidade. Dartevielle não especificou a quem o pedido era dirigido, mas disse: "Mohamed al Fayed não entende que os jornalistas não respeitem um deteje claramente expressado por meio de um magistrado".

### Dodi é enterrado no Reino Unido

O corpo do produtor de cinema Dodi al Fayed foi enterrado nesta noite em um cemitério de Woking, sul da Inglaterra.

A cerimônia ficou restrita aos amigos e à família de Al Fayed. À tarde, o caixão havia sido levado para a Mesquita Central de Londres, no bairro de Regent's Park.

Um porta-voz da loja de departamentos Harrods afirmou que o pai de Dodi, Mohamed al Fayed, decidiu enterrá-lo no Reino Unido, apesar de seus dois anteriores no país em concederem cidadania britânica a ele.

"O coração de sr. Al Fayed está aqui. Ele é muito patriota em relação a este país", disse o porta-voz. Fayed acede da morte do filho na madrugada de ontem. Ele estava

em Surrey, interior da Inglaterra, e foi de helicóptero para Paris.

Por meio de seu porta-voz, ele também criticou o assédio da imprensa sobre o caso.

"Não há dúvida na mente do sr. Fayed de que esta tragédia não teria ocorrido se não fosse pelos fotógrafos que os estavam perseguindo nas últimas semanas."

O empresário disse que vai processar os fotógrafos envolvidos no acidente assim que a polícia francesa concluir sua investigação.

Ele manifestou preocupação em relação aos filhos da princesa, William e Harry, ao príncipe Charles e a toda a família real. Sobre Diana, disse que ela é "insubstituível".

O porta-voz também citou o motorista da Mercedes morto no acidente, elogiando sua conduta como profissional. (P&F)



INVESTIGAÇÃO Sete paparazzi que perseguiram de moto Diana e Al Fayed antes do acidente foram presos

# Polícia busca fotógrafo que teria imagem de Di no local do acidente

## Foto no túnel é oferecida

de Londres

Um fotógrafo tentou vender por US\$ 1 milhão a uma agência especializada dos EUA fotos da princesa Diana presa nas ferragens do carro em que estava com Dodi Al Fayed.

A informação foi dada por Steve Cot, editor da "National Enquirer", revista vendida em supermercados norte-americanos.

Cot, que está na Flórida, disse que se recusou a comprar as imagens e pediu a outras publicações que façam o mesmo caso sejam procuradas pelo fotógrafo.

O tabloide britânico "The News of The World" disse que as fotos também foram oferecidas ao jornal por um fotógrafo francês, por US\$ 360 mil.

Os relatos de que fotógrafos que perseguiram o casal em Paris também conseguiram tirar fotos do carro destruído e escapado antes da chegada da polícia ao local do acidente. As versões estão sendo investigadas.

As fotos de Mario Brenna revelando Diana e Al Fayed abraçados num cruzeiro pelo Mediterrâneo foram vendidas, pela primeira vez, por US\$ 500 mil. Só para republicar, dois jornais pagaram US\$ 200 mil cada. (PH)



Os paparazzi que perseguem o carro em que estavam a princesa Diana e Al Fayed em carro da polícia

de Paris

A polícia francesa procura um dos fotógrafos que perseguiram a princesa Diana na madrugada de ontem. Ele teria fugido após tentar fotografar o carro acidentado, segundo testemunhas ouvidas pela rede de televisão CNN.

Testemunhas que passavam pela região da praça de l'Alma disseram à TV ter visto fotógrafos e cinegrafistas filmarem imagens do carro batido com as vilas dentro.

A rádio France Info também divulgou que pelo menos um fotógrafo teria registrado o acidente e fugido com as imagens.

A polícia francesa está investigando a participação de sete fotógrafos no acidente que resultou na morte da princesa Diana na madrugada de ontem em Paris.

Os fotógrafos foram detidos nas imediações da praça de l'Alma, que fica próximo ao túnel onde o acidente ocorreu, na margem direita do rio Sena, região oeste da cidade. As detidos foram feitos nas horas seguintes ao acidente.

Eles teriam participado de uma perseguição que resultou na colisão com quem estava no carro, Dodi Al Fayed e o motorista do Mercedes-Benz em que estavam. Os fotógrafos usavam motocicletas para perseguir o veículo.

A partir de depoimentos de testemunhas, a polícia está trabalhando com a hipótese de que os fotógrafos não foram diretamente responsáveis pelo acidente. Eles estavam cerca de 100 m atrás do carro, que circulava a uma velocidade estimada entre 120 km/h e 160 km/h para fugir do assalto deles.

A polícia não divulgou a identidade dos detidos. De acordo com a rádio France Info, seis dos sete detidos seriam franceses. A lei local

permite que suspeitos sejam detidos por 48 horas sem acusação.

Os equipamentos dos fotógrafos e cerca de 20 filmes que estavam com eles foram apreendidos. Também foram confiscadas diversas motocicletas encontradas na região onde ocorreu o acidente.

Os fotógrafos podem ser denunciados por homicídio culposo, por não terem prestado assistência às vítimas e por terem fugido do local do acidente. Segundo analistas jurídicos, é mais provável que os fotógrafos sejam indiciados por não terem ajudado as vítimas.

A pena por omissão de socorro pode chegar a dez anos de prisão.

## Perseguição

A perseguição que resultou no acidente teria começado quando Diana e Al Fayed saíram do hotel Ritz, um dos mais luxuosos de Paris e que pertence ao pai de Dodi, Mohamed Al Fayed.

Os dois jantaram no restaurante do hotel após terem chegado a Paris no final da tarde de anteceder.

Os fotógrafos já estavam seguindo Diana e Al Fayed desde que eles chegaram à cidade.

Depois do jantar, os dois estavam se dirigindo a uma das residências de Al Fayed na região oeste de Paris.

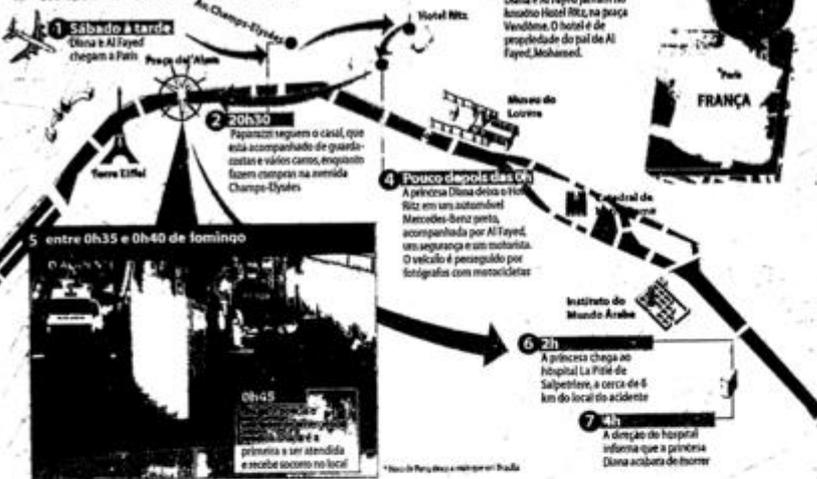
O carro estava sendo dirigido por um membro da equipe de segurança do Ritz conhecido como senhor Paul, e não pelo motorista do hotel.

Este teria saído com um outro carro e se dirigiu a outra região de Paris na tentativa de despojar os fotógrafos.

Um antigo funcionário do Ritz disse que, devido à falta de experiência, Paul pode não ter sido capaz de controlar o carro.

Com ajuda de imagens aéreas

## O último dia de Diana\*



## Força especial investiga colisão

de Paris

As investigações do acidente que resultou na morte da princesa Diana estão sendo realizadas pela Brigada Criminal em parceria com a Polícia Judicial.

A Brigada é uma divisão da polícia especializada em terrorismo e em crimes que resultam em morte. Em casos de acidentes, as investigações costumam ser feitas exclusivamente pela Polícia Judicial.

O envolvimento da Brigada revela a disposição das autoridades francesas em investigar minuciosamente o caso. A capital do governo francês, inclusive o presidente do país, Jacques Chirac, está acompanhando o andamento das investigações. (PH)

## Brasileiras viram 1º carro de polícia chegar

de Paris

A chegada do primeiro carro de polícia ao túnel da ponte de Alma, local do acidente que resultou na morte da princesa Diana, foi presenciada por duas brasileiras.

"A gente estava atravessando a avenida, na faixa em frente à saída do túnel, quando vimos um carro de polícia chegar. Obedi para o túnel e vi uma coisa preta, encostada na parede", disse a jornalista Lilian Cunha, 26, à Folha.

Lilian estava acompanhada da psicóloga Milla Avancini, 26. As duas estavam retornando de um passeio de bicicleta até a torre Eiffel e passaram pela região do acidente por volta de 06h5. Elas estavam em Paris a turismo e desistiram a cidade ontem.

A torre Eiffel fica na margem es-

querda do rio Sena, lado oposto ao do acidente, e fica a cerca de 300 metros do túnel da ponte de Alma.

Segundo a jornalista, havia dois policiais dentro do carro.

"Eles passaram perto da gente. Parecia que estavam tentando achar a maneira mais rápida de entrar no túnel. A gente estava no meio da pista, na faixa de pedestres, para atravessar. Quando a polícia entrou no túnel, o interior ficou mais claro por causa da luz da sirene e deu para ver que era um carro", disse Milla.

Lilian contou que as duas tiveram vontade de entrar no túnel, mas que elas ficaram com medo. "Deu para perceber que era algo muito grave. Parecia que tudo ia explodir. A gente também achava que a polícia não ia deixar a gente entrar", disse.

Em seguida, contaram as testemunhas, chegaram um carro de bombeiros, as primeiras unidades do Samu — serviço de atendimento de Paris — e outros carros de polícia.

"Quando chegamos ao local, tudo estava tranquilo, não havia outros carros dentro do túnel. Mas como a polícia começou a bloquear o acesso ao túnel, começou a formar uma fila", disse Lilian.

Elas permaneceram no local durante cerca de 15 minutos e depois resolveram voltar para a região do Marais, centro de Paris, onde estavam hospedadas.

O túnel onde ocorreu o acidente se transformou num local de peregrinação durante todo o dia de ontem. Turistas e parisienses depositaram flores brancas na entrada do túnel e no pé do pilar em que o Mercedes bateu. (MA)

## Saiba como é realizada a perícia

de Reportagens Local

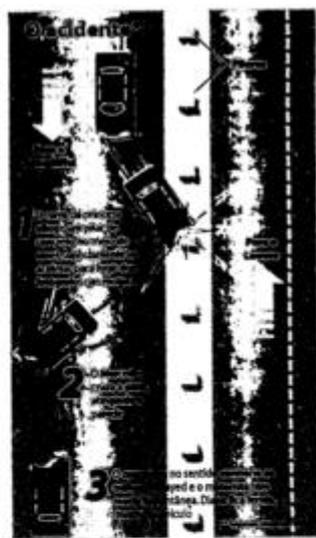
O trabalho de apuração da perícia técnica da polícia para determinar as causas de um acidente como o que envolveu a princesa Diana depende da reprodução detalhada de como ocorreu o acidente.

São feitas fotografias do carro, dos corpos e do local do acidente em todos os ângulos, e recolhidos possíveis fragmentos que estejam próximos ao local.

A perícia analisa visualmente a pintura do carro — e, depois, leva porções para análise laboratorial — para saber se há alteração na cor ou na composição da tinta — indicio de colisão com outro veículo.

Depois do trabalho da perícia no local, o carro é levado para análise de possíveis falhas mecânicas e os corpos conduzidos para o Instituto Médico Legal local.

O exame das lesões corporais das vítimas auxilia nas conclusões sobre o acidente. Para isso, exames sobre os cadáveres e no sobrevivente do acidente não são necessários.





REAÇÃO Para premiê, Diana era a 'princesa do povo'; ex-primeira-ministra diz que 'se apagou uma luz'

# Tony Blair e Thatcher travam disputa com frases de efeito

## REPERCUSSÃO

**Fernando Henrique Cardoso, em nota do Palácio de Planalto** - "O presidente expressou suas sinceras condolências à família da princesa e ao povo do Reino Unido neste momento de dor pelo perda de uma pessoa jovem e querida, que se dedicou com generosidade a temas sociais e causas humanitárias."

**John Major, ex-primeiro-ministro britânico** - "Sempre achei que a princesa tinha um bom coração."

**Lionel Jospin, primeiro-ministro da França** - "É profundamente triste que esta bela jovem, querida por todos, tenha morrido tragicamente na França."

**Boris Ieltsin, presidente da Rússia** - "A princesa era muito conhecida e querida pelos russos. Todos conhecem sua grande contribuição para ações de caridade."

**Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro israelense** - "A princesa era uma mulher nobre e carinhosa."

**Jean Chrétien, primeiro-ministro do Canadá** - "A princesa Diana, em sua posição oficial e na sua capacidade pessoal, trouxe uma extraordinária contribuição não só para o país, como para o mundo."

**Carlos Menem, presidente da Argentina** - "É profundamente triste a notícia de uma jovem e nobre mulher humanitária e sua contribuição concreta à promoção do entendimento entre as nações lhe deram o afeto e o respeito do mundo inteiro."

**Hosni Mubarak, presidente egípcio** - Apresentou suas condolências ao Reino Unido e a Mohamed al-Fayed, pai de Dodi.

**Harij Stajdic, dirigente bósnio** - Expressou a gratidão de seu país pela luta de Diana contra as minas anti-pessoais e "sua determinação de mostrar o perigo que representam".

**Mawaz Sharif, primeiro-ministro do Paquistão** - "A morte de Diana foi uma perda imensa."

**Kofi Annan, secretário-geral da Organização das Nações Unidas** - "Ela trouxe uma contribuição essencial para aliviar os sofrimentos, especialmente os dos pobres, os dos deficientes mentais e doentes de todo o mundo."

**Madre Teresa de Calcutá** - "Ela me ajudou a ajudar os pobres e isso é coisa mais importante. Ela era como uma mãe de casa comum. Era uma boa mãe de crianças órfãs e sua atitude em relação aos pobres era boa."

**Sarah Ferguson, duquesa de York** - "Perdi uma irmã. O mundo perdeu a mais valerosa das pessoas humanitárias."

**Michael Jackson, cantor** - "Cancioneiro um show na Bélgica porque disse que teria uma difícil performance devido à morte repentina."

**Elton John, cantor**, confiado por Diana durante a funeral do estilista Gianni Versace - "Perdi uma amiga especial."

**TV brasileira** - "Diana era um dos elementos de desgraça moral da corte britânica."



Primeiro-ministro Tony Blair diz estar triste e chocado com a morte de Diana, em sua casa em Trindon, perto de Newcastle, no Reino Unido

das agências internacionais

O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, disse ontem que Diana era "a princesa do povo" e que os britânicos nunca esqueceriam Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra do país, disse que "com a morte trágica da princesa, apagou-se uma luz".

Thatcher, do Partido Conservador, governou o Reino Unido de 1979 a 90, e foi sucedida pelo também conservador John Major. Blair, trabalhista, venceu as últimas eleições, de maio deste ano, trazendo seu partido de volta ao poder após 18 anos de governo conservador.

O premiê, com a voz embargada, disse sobre Diana: "Eles a amavam e a tinham como uma pessoa do povo. Ela era a princesa do povo e como ela será lembrada, nos nossos corações e na nossa memória para sempre".

Blair afirmou que se sentia com todas as pessoas do país, "totalmente devastado". "Nos vemos hoje uma razão em estado de choque, numa tristeza que é profundamente dolorosa para nós".

Um comunicado do Palácio de Buckingham afirmou que a rainha Elizabeth e o príncipe Charles ficaram profundamente chocados com a morte da princesa.

### Líderes estrangeiros

Nelson Mandela, presidente da África do Sul, afirmou que ele e seus companheiros estavam "devastados" pela notícia. "Ela é honra de encontrar a alguns anos e fiquei tremendamente impressionado", disse.

"Eu a considerava muito agradável, inteligente e ideal a causas valiosas. Instigamos muito dela e admirávamos seu trabalho", disse Bill Clinton, presidente dos EUA.

"Eu sei que é uma hora muito difícil para milhões de pessoas do Reino Unido. Os americanos em vias suas condolências", disse Clinton e sua mulher Hillary foram avoados quando estavam em uma festa. Depois foram para a frente da TV com outros convidados assistir às notícias do acidente. Em seguida, deixaram a festa.

"O presidente da Rússia Boris Ieltsin está profundamente chocado com as notícias de Paris e com a trágica perda da princesa Diana", disse declaração oficial. "Ela era bem conhecida e amada pelo povo russo. Todos conhecem a grande contribuição da princesa Diana para o trabalho de caridade e não apenas no Reino Unido".

Houve profunda tristeza na Austrália, de republicanos e monarquistas. "Em nome do governo e da população australiana, quero demonstrar a mais profunda simpatia, particularmente aos seus dois jovens filhos que sofreram o trauma de um casamento desfeito e agora perderam a mãe na idade precoce de 36 anos", disse o líder australiano, John Howard.

Muitos ficaram tribulados pelo seu papel humanitário. Brian Khan, um antigo próximo da princesa, disse que ela deixara um legado de serviço aos necessitados. Ela "trouxe a serviço da humanidade", disse. Diana visitou o Paquistão em maio para ajudar Brian Khan e sua mulher, Jemima Goldsmith, a conseguir mais de US\$ 12 milhões para um hospital de câncer.

O presidente francês, Jacques Chirac, disse: "Foi com tremenda dor que eu soube da perda brutal de Lady D. Ela era uma jovem do nosso tempo, entusiasmada, cheia de vida e de generosidade. Sua morte trágica será profundamente sentida porque ela era uma figura familiar para todos".

O chanceler alemão (premiê), Helmut Kohl, considerou Diana "vítima da miséria e mesquinha competição de parte da mídia. Esse terrível acidente e sua morte deveria finalmente dar à mídia uma razão para se refletir".

Na Suécia, a porta-voz da casa real, Elisabeth Thara-Wallberg, disse: "Quando você leva alguém à morte por fazer dinheiro com fotografias, as coisas foram muito longe".

O chanceler dinamarquês, Niels Helweg Petersen, também criticou a mídia. "O fundo do poço foi alcançado para aquele que os jornalistas podem fazer."

## AMIZADE

### Lúcia Flecha de Lima viaja para o enterro

da Secretaria de Brasília

A embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, mulher do embaixador do Brasil em Washington, Paulo Tasso Flecha de Lima, disse ontem que ela e sua família estavam inconsoláveis com a morte da princesa Diana. Segundo ela, a princesa era considerada parte de sua família.

Lúcia embarcou na 1913 (horário de Brasília) de ontem para Londres, onde participará do enterro da princesa. Enquanto aguardava o avião no aeroporto internacional de Guarulhos, em São Paulo, a embaixatriz esteve acompanhada de seu médico particular e dos filhos Luis Antônio e João Pedro. "Ela está bem, mas muito triste", disse Lúcia.

A embaixatriz soube do acidente na madrugada de domingo pela chefe do protocolo da Casa Branca, Mel French. Pouco depois, recebeu do secretário particular de Diana, Michel Gibbins, a informação da morte da princesa.

"Passamos a noite em claro. Estamos muito abalados com o que aconteceu", disse o embaixador. O último contato de Diana com a família Flecha de Lima foi há uma semana. O enterro da princesa não foi revelado. Lúcia não foi apresentada a Dodi al Fayed.

Diana esteve com a família Flecha de Lima pela última vez há três meses e comentou que gostaria de voltar ao Brasil. Antes de viajar, Lúcia leu a seguinte nota: "Paulo Tasso, meus filhos e eu estamos chocados e inconsoláveis com a trágica morte da princesa Diana. A princesa nos honrou com sua amizade e carinho e foi, ao longo desses anos, uma pessoa maravilhosa e solidária". (RS com a Reportagem Local)



Lúcia Flecha de Lima acompanha a amiga princesa Diana, dentro de um carro durante visita a Londres

## Embaixatriz e Diana ficaram amigas em 91

CARLOS EDUARDO LINS e SILVA de Washington

A amizade entre Lúcia Flecha de Lima e a princesa Diana teve início durante a visita desta ao Brasil em 1991.

Lúcia foi encarregada de acompanhar e durante um voo entre Brasília e Rio de Janeiro, o avião enfrentou várias turbulências devido a uma tempestade. A princesa se impressionou com a segurança com que a embaixatriz o acalmou.

Paulo Tasso Flecha de Lima havia sido recentemente nomeado embaixador do Brasil junto à corte de St. James e a amizade entre Diana e Lúcia se fortaleceu nos anos seguintes.

O casamento dos príncipes de

Gales estava entrando em sua crise definitiva e a princesa, que nunca teve relação fluida com a mãe, fez da embaixatriz sua mais influente conselheira.

A transferência do casal Flecha de Lima para Washington (EUA) em 1993 não diminuiu a intensidade da relação entre Lúcia e Diana. As duas se falavam pelo telefone com frequência e Diana visitava os Flecha de Lima pelo menos duas vezes por ano.

Quando o embaixador sofreu um derrame cerebral em 1995, a princesa veio no mesmo dia para Washington e ficou junto ao casal até a situação de saúde de Flecha de Lima se estabilizar.

As primeiras visitas de Diana a Washington foram íntimas. A situação conjugal entre ela e Car-

los ainda estava indefinida e a princesa passava a maior parte de seu tempo na capital dos Estados Unidos na casa do embaixador brasileiro, em conversas com Lúcia.

As visitas mais recentes tiveram maior caráter social. Ela esteve em diversas festas promovidas por grandes damas da sociedade, como a do jornal "The Washington Post", Katherine Graham.

Na última vez em que esteve em Washington, Diana gostou muito dos elogios de jornalistas pelo seu empenho na campanha contra minas. Ela falou a congressistas dos dois partidos políticos norte-americanos e esteve com a presidente da Cruz Vermelha dos EUA, Elizabeth Dole.



Diana no verão de 1970, aos nove anos de idade



Antes do seu casamento, Diana aparece com a princesa Grace de Mônaco, que morreu num acidente de carro em 83



FRASES

"E mirrai alhos!"  
 Sobre seu pai, visto como príncipe Charles, dois meses depois do casamento, em entrevista para a TV britânica.

"Neta a maior prostituta do mundo!"  
 O seu pai, da época, para Andrew Morton, sobre Diana, sua filha mais velha. A declaração se referia ao seu papel dentro da família real.

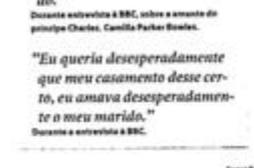
"Aquele cariz para merecer isso? Eu sinto que estão-me destruindo!"  
 Para o repórter Richard Kay, de tablóide Daily Mail, sobre o acidente de imprensa de que teria passado vítima ao nascimento de amor (Charles III).

"Como mãe, peço-lhe que deixe meus filhos em paz!"  
 A um fotógrafo que a perseguia na Rússia, em 1995, quando ela estava com seus filhos.

"Sim. Eu o adorava. Eu estava apaixonada por ele."  
 Durante entrevista à BBC, ao admitir que teve um romance extracônjugal com o professor de equitação James Hewitt.

"Éramos três nesse casamento, então estava um pouco lotado."  
 Durante entrevista à BBC, sobre o aninho do príncipe Charles, Camilla Parker Bowles.

"Eu queria desesperadamente que meu casamento desse certo, eu amava desesperadamente o meu marido."  
 Durante a entrevista à BBC.



Em visita ao Brasil em 1991, Diana se encontra com a então primeira dama Rosane Collor; ao lado, a princesa conversa com o presidente da África do Sul, Nelson Mandela, em março deste ano



Diana, ao entrar em um carro, em junho último



Diana fala com pacientes de missionárias de caridade em Calcutá, durante visita à Índia, em fevereiro de 92



# Lady Di deixou a virar ícone do fim

JOÃO BATISTA NATALI  
 da Reportagem Local

Lady Diana Frances Spencer (1961-1997) foi ao mesmo tempo a adolescente tímida, a princesa disciplinada e a mulher independente. As três acabaram morrendo no mesmo acidente de automóvel. Ela conseguiu agarrar — ou foi agredida por elas — sucessivas mitologias ao personagem que encarnou. Foi a filha virginal, a mãe do herdeiro do trono britânico e a patrona de pequenas causas filantrópicas, que se tornou protetora de crianças atípicas.

Em suma, uma "raíza dos corações", conforme o termo saturo que atribuiu a si mesma. Em definitivo, superou a imagem da mulher amargurada pela infidelidade do marido, com cinco tentativas de suicídio nos momentos de maior depressão. Mas também deu o troco: há quatro nomes na lista de seus supostos ou quase

comprometidos amantes. Protagonista do "casamento do século" (1981) e do "divórcio do século" (1996), entrou naquilo que alguns provavelmente não chamam de o desastre automobilístico do século 20.

Essa soma de superlativos levava nos e o sintoma de algo mais complicado. A mulher nascida em julho de 1961 e morta na madrugada de ontem era ao mesmo tempo a própria e outros significados que lhe foram acrescentados.

Denota o amonestado para simbolizar a monarquia britânica. O salto foi rápido e intenso. Misturava-se, antes disso, a outras moças de famílias aristocráticas que, como ela, trabalhavam como voluntárias em benefícios beneficentes. A monarquia não é mais, no Reino Unido, uma fonte política de poder. As dinastias foram perdendo pelo caminho a capacidade de impulsionar a massa de cidadãos. O fim do poder político foi con-

templado pelo garbo de poder um século. E veio alimentado por mitos e imagens. Diana Spencer poderia surgir como lady Di. A mala reproduz e realimenta o processo. Ela se desartou em abundância sobre o fato de uma história ao adquire significado se situada num contexto de referências que a liga a outras histórias anteriores.

Diana foi em primeiro lugar a noiva de um "vício de talas" — que acrescenta aos rituais um novo tempo aristocrático, o ato de ser noivo ao casamento — bem a volutar como personagem de um enredo que não era exclusivamente seu. Novo tempo, desta vez correm os valores paterfamilias da classe média.

Na mesma linha de repetição de enredos anteriores, mas com o nome próprio inédito, está o caso extracônjugal de seu marido com Camilla Parker Bowles.

"Havia três pessoas naquele casamento: era gente de mais", dita na única entrevista em que mencionou a existência da antiga amante do príncipe de Gales.

O troco viria com a revelação de que ela também exercera seu "direito ao adultério". Três nomes foram avançados como seus possíveis namorados: James Gilbey, James Hewitt e Will Carling, produtor do milionário em companhia do qual morreu em Paris.

O adultério não era mais, depois do nascimento dos príncipes William e Henry, um fato que poderia adquirir a importância de Estado. O Império Otomano (1299-1922) foi o que mais levou a sério o perigo do nascimento de bastardos que deslegitimassem a linha sucessória do califa. O harém foi justamente o instrumento político para assegurar ao monarca o monopólio da reprodução biológica.

O fato é que, consumados o separação e o divórcio, Diana, segundo o jornal "The Independent", procurou conduzir a mudança de sua



Diana visita hospital de pacientes com câncer no Paquistão, em 94



Lady Di conversa com vítimas das minas terrestres durante visita a Angola, em janeiro deste ano



Aqui, Charles e Diana se beijam na cerimônia de casamento em 29 de julho de 81; acima, com William, ainda bebê, em dezembro de 82



Lady Di em visita ao Vaticano para junto ao papa João Paulo II em abril de 85 (abaixo)



# anonimato para o século

...sua imagem. Alisou-se de cima de um tráfego filarmático de que participava como um membro da família Windsor.

Em lugar delas, escreveu outras coisas que passaram a persegui-la. As coisas, as vitórias pela Anit estavam em primeiro lugar. Sua popularidade voltava a crescer fora da vista da família real. Espalçou-se, em seguida, pela destruição de suas heresias.

Os dois temas são objeto de uma atenção pública, mas não oficial. A destruição das suas poderosas negociações diplomáticas do Foreign Office, John Major, então primeiro-ministro, acusou-a publicamente, por um conjunto de fatores, de "procurar manipular a imprensa".

A suposta "manipulação" ocorreria igualmente de outras formas. Depois de sua entrevista à BBC, em que admitiu ter tido o marido (novembro de 1995), passou a frequentar ostensivamente pessoas apontadas por seu mais próximo biógrafo, Andrew Morton, como amigos de um de seus amantes.

A partir de agora, Diana Spencer rompia não apenas com a imagem anterior, a da princesa do conto de fadas, mas afastava-se de forma radical da adolescente apontada aos ingleses como a possível futura noiva da rainha Elizabeth 2ª.

Sua imagem recente também sintetizou, num só rosto, um dos mais importantes ícones desse final de século. Milhões de bebês receberam nos últimos 18 anos o seu nome. Seu penteado foi imitado nos salões burgueses e nas periferias. Um personagem da moda.

Um dos princípios próprios à autoridade e à soberania de um monarca, está na inviolabilidade de seu corpo. O acidente que dilacerou e matou lady Diana Frances Spencer — ex-mulher de um sucessor do trono e mãe de um possível futuro rei — é forte em termos simbólicos.



Diana e seus filhos, Harry e William, passeiam de carruagem durante viagem à Áustria, em março de 94



O casal real, Charles e Diana, observa multidão durante uma visita oficial à Coreia, em novembro de 92



Em 10 de agosto, Diana junto a soldados franceses, em Sarajevo



Diana e Dodi al Fayed numa lancha em Saint Tropez, em 22 de agosto

NÚMEROS

**100 mil** cartas desejando felicidades foram enviadas ao casal Charles e Diana antes do casamento

**60 mil** dólares custou o anel de noivado, com safiras e diamantes, que Charles deu a Diana

**2.500** convidados assistiram ao casamento, na catedral de Saint-Paul, em Londres

**21,1** milhões de britânicos assistiram à entrevista à BBC, em que Diana admitiu ter cometido adultério

**78%** dos britânicos disseram, depois da entrevista, que a família real havia maltratado a princesa

**750 mil** dólares foram gastos em 1994 pela revista espanhola "Holla" na compra de 16 fotos da princesa de topless, na Espanha. A revista anunciou depois que não as publicaria



Com a mulher de Sting, Trudy Styler, em missa para Versace, em julho



DESABAFO Ao 'Le Monde', a princesa contou seus planos de engajamento em causas humanitárias

# 'A imprensa é feroz, não perdoa', disse Diana dias antes de morrer

1961-1997

da Redação

Esta é talvez a principal revelação de uma das últimas entrevistas da princesa Diana publicada em sua morte, em 27 de agosto passado no jornal francês 'Le Monde', sob o título 'A princesa diz grande coisa'.

ANNICK COHAIN da Le Monde

... e eu e ela a enfrentar. E eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

... e eu não sou tão boa, então a sequei e a deixei mais agitada e a deixei chorar, com azul real um brilho de tristeza deprecativa.

ela vivia que a convocaram para sua abordagem era correta, que ela possuía o dom do cinema. Há alguns valores dos quais a mãe do futuro rei não abre mão. É uma jovem mulher determinada quem fala. Uma princesa de 36 anos que ainda não sabe que tanto tomara sua vida pessoal, mas que pretende dar continuidade a seu engajamento. "Viver permanentemente sob o olhar do público me impõe uma responsabilidade toda especial. Especialmente a de causar impacto com fotos para transmitir uma mensagem, sensibilizar o mundo para uma causa importante." Embaixadora? Por-que não? Talvez não seja papel, eu o descreveria de preferência como o de "embaixadora".

Mas quantas controvérsias, humilhações, discussões? Depois de uma visita a um centro de sem-teto ela é acusada de querer causar desconforto ao governo conservador.

"A imprensa é feroz. Não perdoa nada, não dá destaque aos erros. Cada erro é amplificado, cada gesto é examinado. Acho que no exterior é diferente. São tomadas com gentileza, as pessoas me tomam pelo que sou. No Reino Unido, e o contrário. Acho que qualquer pessoa lá, em mais lugar, teria desconfiança em relação a mim. Tenho medo disso."

Quando mais marcante provavelmente foi sua viagem para Argélia, no início do ano, com intenção de chamar atenção para o drama das vítimas de minas antipessoas e defender a campanha mundial. A mesma intenção.

Quando Diana foi vista passando pelo túnel os depoimentos de vários militares pelas mãos, de militares, de integrantes das equipes de resgate, de militares.

Mas em Londres que desencadeou as manchetes, e foi a política, mas uma vez, que tomou a dianteira. Os meios conservadores se aguçaram. Para um deputado, sua intervenção foi "um cambio que entoaçoou".

O governo se manteve oficialmente calado, mas seu mal-estar ficou evidente, tendo em vista sua obstinação em considerar um certo tipo de minas "éticas, necessárias novas Forças Armadas". Diana não escondeu sua alegria diante da decisão imediata do governo trabalhista de convocar os países firmantes a proibição total das minas. "Sua posição em relação a esse assunto sempre foi clara. Ela vai fazer um trabalho formidável. Seu antecessor era tão desprezador. Espero que consigamos convencer os EUA."

ATRAS DAS LENTES



A princesa de Gales, Diana, cercada por fotógrafos em Londres, no dia em que foi oficializado em decreto seu divórcio do príncipe Charles

## Fotógrafos criticam profissão e casal

Paparazzo vê falta de bom senso; autor de fotos de Di e Al Fayed diz estar triste com morte

de "Renter" e da Redação

O italiano conhecido como "senhor Paparazzo" disse que a morte de Diana prova que sua profissão perdeu os limites do bom senso, mas culpou a princesa e Dodi al Fayed por estarem aparentemente fugindo dos fotógrafos.

Tazio Secchiarelli, 72, inspiro-o personagem Paparazzo no filme "La Dolce Vita", de 1960. "O limite dos fotógrafos deveria ser o bom gosto. Há um momento em que alguém deveria dizer 'parem', as coisas não deveriam ir tão longe", afirmou Secchiarelli, agora aposentado.

O fotógrafo também culpou o casal. "Mas de outro lado, eu não entendo por que as celebridades tentam fugir dos paparazzi. Até certo ponto, eles deveriam se deixar fotografar", afirmou.

Quatro modelos paparazzo, Elio Sorci, 65, disse que a culpa é de Diana e de Al Fayed. "É trágico, mas colocar a culpa nos fotógrafos parece absurdo para mim. Colocar um perigo a vida de alguém para fugir dos fotógrafos é algo que eu não consigo entender", afirmou.

O mundo dos paparazzi conheceu há pouco semanas sua própria celebridade — o italiano Mario Ippolito trouxe a público o romance entre Di e Al Fayed.

Brenna foi o autor da foto que tablóides britânicos estamparam no dia 13 de julho em que os dois apareciam abraçados durante um cruzeiro pelo Mediterrâneo.

"O 'The Sunday Mirror' pagou cerca de US\$ 500 mil para publicar em primeira mão. O 'Daily Mail' e o 'The Sun' pagaram US\$ 200 mil cada um para republicação. Seguiram-se as vendas para jornais não-britânicos. Estima-se que Brenna já tenha ganho mais de US\$ 3 milhões.

O paparazzo se disse profundamente triste com a morte de Diana. "Eu me lembro de duas pessoas felizes. Ouvir de repente que elas não existem mais é uma tragédia", afirmou Brenna.

Em 1995, ele conseguiu evitar na Justiça que fosse suas fazendo jurídica lutas publicadas. No mesmo ano, relatório do comitê que apura abusos jornalísticos no Reino Unido concluiu que Charles e Diana usavam a imprensa.

No ano passado, quando negociava o divórcio do príncipe Charles, Diana processou um paparazzo, Martin Stening, 36, que usava uma motocicleta para seguir-la diariamente. Ele foi condenado a ficar sempre a uma distância mínima de 300 metros da princesa de Gales.

Em uma mesma noite em 1958, os paparazzi immortalizaram o rei egípcio deposto Farouk virando uma mesa de restaurante e um ator norte-americano encurruado com um fotógrafo e o flagrou tentando com Ava Gardner.

Fellini viu algumas das fotos e saiu em busca de Secchiarelli. Cria o personagem Paparazzo e criou a nova "classificação" de "Renter" e da Redação.

Sua filmografia eram antiguidades — uma velozes, lentos, as máquinas, descehadas. Quarenta anos depois, eles têm muitos semelhantes de da corrida, helicópteros, câmeras que tiram dez fotos por segundo e lentes tão caras quanto um carro.

Mas os atos dos paparazzi continuam os mesmos — os ricos e famosos, que tanto fogem deles quanto os corriqueiros.

### Sites debatem a morte

CBS GUTKOSKI do Universo Online  
A Internet proporcionou aos fãs da princesa Diana um canal universal de comentários e de protesto contra os paparazzi.  
O site http://royalnetwork.com/diabd1.cmlb1 contém de mensagens enviadas por e-mail da Giustina, Paquirán, Dinamarca, República... Um texto da Argentina compara a perda de Lady Di com a de Eva.  
No site oficial da monarquia britânica (http://www.royal.gov.uk), em que também havia um canal para o envio de condolências, descobriu-se que a agenda de Diana estava ocu-

pada até 29 de janeiro de 98. O site da CNN (http://www.cnn.com) trouxe entrevistas com estrelas como Tom Cruise e Arnold Schwarzenegger relatando a perseguição dos paparazzi.  
O site Zero (http://www.zerone.com/cgi-bin/WebX), revista on line de fotografia, debata a profissão.  
Um dos protestos mais enérgicos está no endereço http://www.gocities.com/Pais/LefRank/4158/boycott.html.  
O Universo Online abriu ontem à noite um fórum sobre a morte de Diana (http://www.uol.com.br/forum).

O cinco mandamentos de um paparazzo:

- 1) Perguntar repetidamente o título do carro
- 2) Nunca desistir
- 3) Ter boas fontes de informação
- 4) Clamar fotografias
- 5) Ter um veículo com 2 milhões de dólares de valor de Diana e Dodi

### Fellini projetou os paparazzi

Sua filmografia eram antiguidades — uma velozes, lentos, as máquinas, descehadas. Quarenta anos depois, eles têm muitos semelhantes de da corrida, helicópteros, câmeras que tiram dez fotos por segundo e lentes tão caras quanto um carro.



MÍDIA 'Sempre acreditei que a imprensa a mataria', diz irmão de Diana, que vê 'sangue nas mãos' de editores

# Tablóide pede que imprensa não seja responsabilizada por mortes

## Diana queria ser 'comum'

de agências internacionais

A princesa Diana queria abandonar a vida pública e viver como "uma pessoa comum", segundo entrevista publicada hoje pelo jornal britânico "Daily Mail".  
O jornal fez a última entrevista com a princesa, que foi concedida por telefone seis horas antes do acidente.  
Segundo o jornal, Diana desejava abandonar a vida pública nos próximos meses. A princesa manifestou a intenção de pôr fim às campanhas públicas de caridade até o final de novembro deste ano.  
Durante a entrevista, Diana afirmou o desejo de mudar

'radicalmente' de vida até o final do ano.  
"Quero poder viver como sempre quis. Não como um ídolo, mas como uma pessoa comum."  
Diana também afirmou em entrevista ao "Daily Mail" que pretendia continuar a ajudar obras de caridade, mas sem que isso fosse divulgado.  
A princesa também disse que estava com saudades dos filhos, que estavam de férias com o pai na Escócia.  
"Vou para casa amanhã de manhã e eles devem voltar da Escócia à noite. Poderia ficar com eles por alguns dias antes do início das aulas", disse a princesa.



Britânico lê jornal com a notícia da morte da princesa Diana em Piccadilly Circus, no centro de Londres

## Jornal destaca popularidade

de Redação

A notícia da morte da princesa Diana e de Dodi al Fayed foi publicada na capa de edição de ontem e hoje dos principais jornais do Reino Unido.  
O "Financial Times" dá maior destaque à popularidade da princesa. A manchete do jornal: "O mundo chora Diana".  
Os jornais de hoje no Reino Unido destacam a chegada do corpo da princesa a Londres. A manchete do "The Times" diz: "Princesa vem para casa com a princesa do povo".  
O "Daily Telegraph" circula com a manchete: "Princesa Diana para casa".  
Entre os jornais de ontem, apenas o "Independent on Sunday" mostra as fotos de Mercedes no qual estava a princesa.

O "The Sunday Telegraph" também traz reportagem sobre os fotógrafos persas.  
Entre os jornais franceses, apenas o "Libération" circula ontem com a notícia.  
A rede de TV CNN, a rede norte-americana Tom Cruise contou que já havia sido perseguido por paparazzi no mesmo túnel em que morreu Diana em Paris.  
Os jornais norte-americanos também destacam a morte da princesa na primeira página.  
O "Washington Post" publica fotos da princesa na capa com a manchete "Princesa escolhe corpo de Diana".  
"The New York Times" circula com a manchete "Charles leva corpo de Diana para casa". Já o "USA Today" circula com a manchete "A morte de uma princesa".

## Manchetes

- Edições de domingo**
- Uma morte em acidente - Independent on Sunday
  - Imerso em acidente de carro em Paris - The Observer
  - Princesa Diana e Dodi morrem em acidente de carro em Paris - Sunday Telegraph
  - Princesa Diana e amante Dodi morrem em acidente de carro em Paris - Sunday Times
  - Di está morto - Libération
  - Príncipe escolhe corpo de Diana - Washington Post
  - Charles leva corpo de Diana para casa - The New York Times
  - Morte de uma princesa - 1961-1997 - USA Today
  - Dodi morre, Diana gravemente ferida - The News of the World
  - Dodi morre, Diana ferida em acidente - The Sunday Mirror
- Edições de hoje**
- Mundo chora Diana - Financial Times
  - Uma morte em acidente de carro em Paris - The Times
  - Princesa Diana e amante Dodi morrem em acidente de carro em Paris - The Daily Telegraph

## Políticos discutem lei sobre privacidade

de Londres

A morte da princesa Diana deu origem a pedidos para que a privacidade seja mais protegida pela lei.  
"Perguntas sérias terão de ser feitas sobre se a intrusão agressiva em sua privacidade contribuiu para essa tragédia", afirmou o chanceler britânico, Robin Cook.  
O deputado Roger Gale, vice-presidente do comitê de mídia do Partido Conservador, descreveu as mortes de Diana e de Al Fayed como consequência da atitude da imprensa em relação ao casal.  
Até agora, o primeiro-ministro Tony Blair se diz contrário à criação

de leis que acordem para o poder excessivo da imprensa e para a necessidade de regulamentação nacional internacional.  
O chefe do comitê da Câmara dos Comuns sobre assuntos culturais disse que o Partido Trabalhista vai estudar a necessidade de criar legislação mais severa de proteção à privacidade.  
No Reino Unido, não há leis específicas sobre o trabalho da imprensa. Um órgão auto-regulatório, a Comissão de Reclamações Contra a Imprensa, foi criado em 1991 para disciplinar a atividade.  
Até agora, o primeiro-ministro Tony Blair se diz contrário à criação

de leis sobre o tema.  
Ele se comprometerá a incorporar à legislação do país a Convenção Europeia de Direitos Humanos, que implica limitações.  
Ironicamente, o acidente ocorreu na França. O país possui uma das legislações de proteção à privacidade mais severas do mundo.  
"Não faz sentido pensar que depois deste grande desastre podemos resolver os problemas com mudanças na lei, disse o conservador Teddy Taylor. Para ele, o público que compra os tablóides é, em última análise, responsável por sua atitude intrusiva. (9/8)

da Reportagem Local do "The Independent"

O jornal britânico "The Sun" publica hoje editorial pedindo que a imprensa não seja culpada pelo acidente que matou Diana.  
O "The Sun" é um dos principais tablóides sensacionalistas do Reino Unido. Sua edição dominical, "The News of the World", é o jornal de maior circulação no país — e um dos maiores do mundo.  
A publicação é contra a criação de uma lei que proteja a vida privada das pessoas famosas, mas não nega as responsabilidades dos fotógrafos no acidente. Segundo o "The Sun", a França possui "paparazzi selvagens".

A condenação mais amarga do suposto papel da imprensa na morte de Diana partiu do condôco Charles Spencer, irmão da princesa. "Eu sempre acreditei que a imprensa a mataria", disse dos portões da Terrington House, seu palácio residencial em Coventry, uma das residências mais caras da Cidade do Cabo, África do Sul.  
"Mas nem eu mesmo podia acreditar que a imprensa teria envolvimento tão direto na sua morte como parei e terido o caso."  
Spencer disse que "cada profissional em editor de publicações que tenha pago por fotos intrusivas e aproveitadoras, que encorajaram indivíduos gananciosos e insensíveis a arrastar tudo perseguindo a imagem de Diana, tem sangue em suas mãos".

O condôco pediu privacidade a morte. "A única consolidação é que Diana está agora num lugar onde nenhum ser humano pode alcançar a sua morte. Foi como para ela descansar em paz."  
Depois das declarações, ele deu as costas aos jornalistas que haviam acampado do lado de fora de sua casa desde as primeiras horas da manhã de ontem.  
Há muito tempo um crítico da invasão de privacidade praticada pela imprensa, ele não escondeu seu desprezo por aqueles que quem havia acabado de lidar.

O príncipe Spencer foi lida constante de noticiários no ano em que seu casamento chegou ao fim e se mudou para a África.  
Quando Diana o viu em 1996, ela descobriu que não havia como escapar dos paparazzi.  
Entre os jornalistas que se reuniram ontem do lado de fora da casa do condôco estava Fanie Jason, um paparazzo local que no ano passado se apresentou como empregado doméstico para conseguir entrar na residência de Spencer.  
Jason manteve a distância de 50 metros de Tarryvone, determinada pela Justiça após Spencer vencer uma ação contra ele.  
"Estou realmente abalado com o que ocorreu", disse o fotógrafo.

## NO AR

### Os culpados

NELSON DE SA  
da Reportagem Local

A morte veio aos poucos, na TV. Primeiro o acidente, nas planícies, depois a vigília de horas. Perdo de uma do maná, a Globo deu a morte, instantes antes da CNN.  
A Globo News cobria sem parar. A Manchete copiou a CNN sem traduzir. Um turista americano, antes do anúncio, já dizia ter visto fotografos no local, momentos depois do acidente. A investigação já era criminal. E assim vai.  
O irmão de Diana declarou que os editores de testes, não os fotógrafos, tinham sangue nas mãos. Na rua, um senhor discutiu com repórter.  
Os próprios jornalistas: um editor inglês acusou a solta, sem deixar sequer a CNN, que esperava que Diana ia para casa do "número 1". A redação mudou vocabulário e figurino, agiu negro.  
E seguiu o julgamento. Os jornalistas mataram Diana? dizia, sem forças, a CNN. Um

editor de tablóide americano informou que os paparazzi envolvidos vendiam fotos do acidente por US\$ 1 milhão.  
Uma tentativa de reação foi feita pela rede mundial, que falou em "hipocrisia", pois os que acusam são os mesmos que demandavam cenas de Diana. A Globo covosa.  
Outras alternativas foram exigidas. A culpa seria da própria morte, que usava os jornalistas. Um editor inglês lembrou o princípio, por não proteger Diana. Um repórter americano cita o amante de Charles. Alguns recordos a Mercedes, tanto as premas com cenas de testes e elogios ao "carro extraordinário". Outro ainda chegou a desviar dos médicos franceses.  
Na Globo, Faustão e outros agravavam-se à idia de "dois tipos" de jornalismo — sendo a dres, presumivelmente, não-sensacionalista, dico, "sem sangue nas mãos".  
De nada serviu. Domingo à noite, julgado e condenado, o jornalismo matou Diana.

## ANÁLISE

### Do conto de fadas à implosão da realeza, Diana foi exemplo de mulher que forjou a própria imagem

OTAVIO FRIAS FILHO  
Diretor de Redação

A princesa Diana é uma personagem tão carregada de símbolos que a violência de sua morte — análoga à de outra princesa "plebeia", Grace Kelly — irradiou sentidos em todas as direções. Eles podem ser reunidos em algumas perguntas que deverão ocupar o noticiário durante os próximos dias.  
Qual será a profundidade da revolta internacional contra supostos abusos da mídia? Qual o legado que a princesa deixa na mentalidade de milhões de mulheres que a tinham como modelo? Qual o efeito de sua morte sobre o ânimo dos ingleses, cansados de sustentar o aparato de uma realeza que só os decepciona?  
Ontem, na CNN, editores de tablóides sensacionalistas e de publicações tipo "People" (a matriz americana de versões locais como a revista "Lace")

empurravam a responsabilidade uns sobre os outros, flagelados por um repórter do "Washington Post" para quem a culpa é da indústria da fama como um todo. É ela quem sustenta o mercado negro de imagens "roubadas" pelos paparazzi.  
O que o repórter do "Post" não disse é que o público — todos nós — participa da cadeia de responsabilidades, está ali na base dela.  
É a curiosidade popular em torno dos "ricos e famosos" que paga milhões pelo trabalho de bibliotecas e infâmia pública. Não é fácil separar esta curiosidade da outra, a "legítima", aquela que cercou, por exemplo, o conto de fadas do casamento.  
Sua próprias celebridades também não estão isentas de culpa. Suas estratégias à imprensa invasiva são seletivas, limitando-se à divulgação de aspectos inócuos do dia.

Diana mesmo é um exemplo de mo-da mídia com vistas a moldar uma nova imagem, embaixatriz humanitária e "rainha dos corações", como ela quis ser chamada.  
Trajetória  
Além do evidente glamour, em contraste com uma família real massosa e apatética, a popularidade de Diana tem raízes na trajetória que sua imagem vinha cumprindo.  
Embora com pedigree aristocrático, ela era uma profissionalista primária que se casou com o príncipe, sua admiração na família real "modernizou" a realeza, que passou a exibir escândalos sexuais como qualquer família pensava.  
Casamentos reais sempre foram negócios, ficando os respectivos cônjuges livres para manter amores discretos. Dava era a regra do jogo. Somente o espírito burguês de Diana pôs em conflito no conto de fadas o, frustrada do esse sonho, demito, ser sua hi

poesia, saltando para o modelo da mulher profissional, madura e até calculista em relação ao futuro.  
Diana condensou, assim, o percurso psicológico de toda mulher, ou da maioria delas. Não é à toa que Tony Blair, com certo exagero de atuação teatral, procura capitalizar o trauma em favor do campo popular, tablóide, opondo o exemplo de vida ativa da princesa ao mouro de cerra da família real, ou do que ainda resta dela.  
O acidente pode parecer uma solução mágica para o problema sucessório, mas a dúvida é se vai haver sucesso.  
A rainha — úrica na família que parece pensar na "fama" — tem agido movida de sobre para só-ditar o troco nam esquisito.  
A esperança é "pular" Charles e torcer para que seu filho William tenha talento, evitando que os descendentes se tornem guias turísticos na Torre de Londres.



HISTÓRIA Tropas de Guilherme, o Conquistador, invadiram a ilha em 1066 e destronaram o rei Haroldo 2º

# Lendas dão nobreza a monarquia marcada por ocupação estrangeira

NELSON ANJOS  
da Equipe de Arqueologia

Os mais famosos dos historiadores ingleses do século XIX, como o filho de Shakespeare, acreditavam na existência de uma descendência comum de sua raça, a raça Britânica, e acreditavam nos melhores exemplos de monarquia que se tornaram, em 1707, o modelo da futura Inglaterra, suas pretensões de conquista e domínio da colônia do Brasil. Logo após, Moritz de Saxe, um filósofo alemão, criou o termo "raça britânica", dando origem ao significado que hoje se dá ao termo "raça britânica".

Em 1707, a Inglaterra e a Escócia foram unidas sob o mesmo rei, Jorge VI, e a nova monarquia britânica foi proclamada. A partir daí, a monarquia britânica passou a ser considerada a mais poderosa do mundo, e a Inglaterra passou a ser considerada a mais poderosa das ilhas britânicas.

Em 1707, a Inglaterra e a Escócia foram unidas sob o mesmo rei, Jorge VI, e a nova monarquia britânica foi proclamada. A partir daí, a monarquia britânica passou a ser considerada a mais poderosa do mundo, e a Inglaterra passou a ser considerada a mais poderosa das ilhas britânicas.



Sentados: Harry, Diana, William e Charles e rainha Elizabeth; de pé, rei Constantino (Grécia), lady Susan Hussey, princesa Alexandra (Grécia), duquesa de Westminster e Jorde Romney

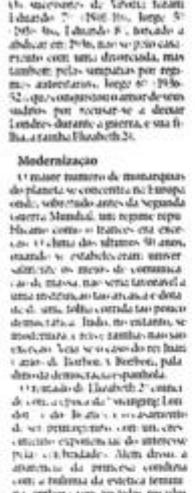
### Lendas

Para a maioria dos historiadores, a monarquia britânica é uma das mais antigas do mundo. Ela é considerada a mais antiga das ilhas britânicas, e a mais antiga das ilhas britânicas.

Em 1707, a Inglaterra e a Escócia foram unidas sob o mesmo rei, Jorge VI, e a nova monarquia britânica foi proclamada. A partir daí, a monarquia britânica passou a ser considerada a mais poderosa do mundo, e a Inglaterra passou a ser considerada a mais poderosa das ilhas britânicas.

Em 1707, a Inglaterra e a Escócia foram unidas sob o mesmo rei, Jorge VI, e a nova monarquia britânica foi proclamada. A partir daí, a monarquia britânica passou a ser considerada a mais poderosa do mundo, e a Inglaterra passou a ser considerada a mais poderosa das ilhas britânicas.

### Arvore genealógica da família real britânica



### Tragédia de Diana ameaça monarquia

Como a tragédia de Diana é a monarquia? Especialistas foram rápidos em dizer que não seria "nenhuma consequência legal". Tecnicamente, eles estão certos.

Mas a vida da princesa Diana como membro da família real mudou tudo para a monarquia. Ela fez o que era pessoal se tornar público. Do seu noivado ao divórcio e ao último romance, ela fez da questão emocional uma questão legal.

A sua história ainda não está terminada para a monarquia. Diana morta pode ameaçar fortemente a estabilidade da família real. A mulher mais famosa do mundo agora entra para a estrutura dos mitos modernos. Diana, "a sílfide", era um problema que o palácio poderia manejar, mas a santa Diana é algo com que o palácio nunca vai poder contar.

Diana continuará eternamente jovem e eternamente trágica. E seus inimigos no palácio real afundarão no culto da deusa Diana como vilões. Suas falhas, absurdos, contusões serão expostas na horível calmaria de sua morte.

Como o príncipe Charles vai poder competir com isso? Talvez os fãs da família real tenham pena dele. Ou talvez não. Charles pode se tornar o "rei demônio" para adoradores do culto da deusa Diana.

Tudo isso afeta a monarquia. Não há nenhum projeto republicano que mereça este nome. Os trabalhadores estão a favor da reforma da Câmara dos Lordes. Mas se a família real não mudar, a monarquia não vai sobreviver.

Só que o príncipe William, filho primogênito de Charles e Diana, está mais preparado para suportar a vida intensiva de um rei novo era criada para a mídia? A escolha é imensamente fútil. A história de Diana será usada e abusada de mil maneiras, mas sempre constante nas mãos dos inimigos de Charles ou Camilla. Se algum dia a monarquia finalmente findar, o lendário de Diana terá contribuído para isso.

### Estado legal de Charles continua o mesmo

A morte da princesa Diana não muda em nada o estado constitucional de Charles, seu ex-marido.

Do lado de Charles, não há possibilidade de ser mais impopular que Diana. Charles teria que enfrentar 90% da opinião pública britânica se quisesse mesmo ser rei e tornar Camilla rainha.

Além disso, o príncipe prometia uma série de "aproximações" entre a antiga amante e o público. Permite que a mesma mídia criticada pelo noivo de Diana fotografasse uma jóia que deu de presente a Camilla.

Com a morte de Diana, fica ainda mais impossível que Charles tente se casar novamente e virar rei ao mesmo tempo.

Além dos problemas legais, a pressão popular seria enorme.



Camilla, a amante do príncipe

no troco, seria necessária uma mudança constitucional (além, é claro, do morte de Elizabeth 2ª). Em setembro de 96, pouco depois de se divorciar de Diana, cre-

### Modernização

O maior número de monarquias do planeta se concentra no Hemisfério Sul, sendo mais de 200 no continente americano. Mas, em geral, elas não são mais do que símbolos de uma tradição, não têm mais o poder de antes. Hoje, o poder é exercido pelos governos democráticos. Isso, no entanto, não impede a existência de monarquias modernas. Elas são mantidas por tradição e por uma certa admiração da população. Além disso, a existência da princesa Diana com a rainha Elizabeth II, cria um contraste entre a tradição e a modernidade.

Com sua morte, a rainha britânica continua a ser assunto. A questão que há tempos se coloca intensamente é se a monarquia ainda existe, pois não são poucos os que, na opinião de muitos, consideram-na uma sobrevivência inútil e desnecessária. Já que a futurologia e um dos ramos que disputam o recorde de erros, talvez seja melhor deixar os propósitos com alguns que possa qualificar o rei Haroldo 2º, o rei Haroldo 2º, o último monarca inglês que, após ser deposto em 1066, prometeu que se retiraria para o exílio e se casaria com uma mulher estrangeira.

### Como a tragédia de Diana é a monarquia?

Como a tragédia de Diana é a monarquia? Especialistas foram rápidos em dizer que não seria "nenhuma consequência legal". Tecnicamente, eles estão certos.

Mas a vida da princesa Diana como membro da família real mudou tudo para a monarquia. Ela fez o que era pessoal se tornar público. Do seu noivado ao divórcio e ao último romance, ela fez da questão emocional uma questão legal.

A sua história ainda não está terminada para a monarquia. Diana morta pode ameaçar fortemente a estabilidade da família real. A mulher mais famosa do mundo agora entra para a estrutura dos mitos modernos. Diana, "a sílfide", era um problema que o palácio poderia manejar, mas a santa Diana é algo com que o palácio nunca vai poder contar.

Diana continuará eternamente jovem e eternamente trágica. E seus inimigos no palácio real afundarão no culto da deusa Diana como vilões. Suas falhas, absurdos, contusões serão expostas na horível calmaria de sua morte.

Como o príncipe Charles vai poder competir com isso? Talvez os fãs da família real tenham pena dele. Ou talvez não. Charles pode se tornar o "rei demônio" para adoradores do culto da deusa Diana.

Tudo isso afeta a monarquia. Não há nenhum projeto republicano que mereça este nome. Os trabalhadores estão a favor da reforma da Câmara dos Lordes. Mas se a família real não mudar, a monarquia não vai sobreviver.

Só que o príncipe William, filho primogênito de Charles e Diana, está mais preparado para suportar a vida intensiva de um rei novo era criada para a mídia? A escolha é imensamente fútil. A história de Diana será usada e abusada de mil maneiras, mas sempre constante nas mãos dos inimigos de Charles ou Camilla. Se algum dia a monarquia finalmente findar, o lendário de Diana terá contribuído para isso.



PERFIL Uma das pessoas mais ricas do Reino Unido, Diana arrecadava fundos e divulgava as campanhas

# Morte da princesa de Gales deixa rombo em ações humanitárias



A princesa Diana e o produtor egípcio de cinema Dodi al Fayed caminham em Saint Tropez, na Riviera Francesa, onde passaram férias juntos

de "The Independent"

Representantes de entidades humanitárias calculam que a morte da princesa Diana, uma das pessoas mais ricas do Reino Unido, vai abrir um rombo, e não apenas financeiro, no mundo das organizações voluntárias.

O déficit não veio principalmente de contribuições de pouca monta — ainda que elas sejam importantes, como um leilão recente de seus vestidos que levantou US\$ 5,6 milhões —, mas do poder de arrecadação de sua figura — um lugar ao seu lado em alguns eventos, como estafetas de filmes, podia custar US\$ 160 mil em doativos.

Em junho do ano passado, Diana mostrou sua capacidade de arrecadar fundos para crianças ao levantar US\$ 1,6 milhão em apenas dois dias nos Estados Unidos.

Já um ano, Diana rompeu formalmente seus elos com todas as organizações. Cálculos preliminares indicavam que a perda, ainda que apenas formal, da princesa geraria uma arrecadação de US\$ 40 milhões em menos.

Além da capacidade de arrecadação, o valor de Diana para as causas tinha um caráter de divulgação. Afinal, foi sua atividade que conseguiu atrair atenção para problemas importantes, como a Aids e as minas terrestres.

No caso da Aids, Nick Patridge, principal executivo de um fundo de doações, diz que "Diana retirou o estigma associado a Aids. Ela foi uma das primeiras e mais comprometidas orientadoras dessa causa".

Sobre as minas terrestres, um porta-voz da Cruz Vermelha Britânica diz que o apoio da princesa foi inigualável: "Para muitas pessoas, ela foi a própria campanha contra a maná".

Mas o papel de Diana como suporte dessas organizações ia além do apoio pessoal. A organização de apoio às crianças Childcare foi uma das beneficiadas pelos doativos pessoais de Diana, especialmente no início de suas operações.

As contribuições financeiras dadas pela princesa de Gales vieram de seu patrimônio pessoal avaliado em mais de US\$ 91,6 milhões.

Ainda que seu pai tenha dito que Diana não tinha "apelo pelo dinheiro", estima-se no Reino Unido que boa parte de seu patrimônio venha do acordo de divórcio feito com o príncipe Charles.

A soma do acordo vantajoso com a herança recebida do pai deixou a princesa com um patrimônio maior que o do príncipe herdeiro da coroa. Segundo a lista anual dos mais ricos do país publicada pelo "The Times", sua fortuna estava em 919º lugar no país.

Especulações da imprensa britânica colocam a fortuna pessoal de Diana na casa dos US\$ 60 milhões — o que lhe asseguraria, apenas em juros de investimentos, mais de US\$ 1,95 milhão ao ano.

O patrimônio pessoal de Diana cresceu a um ritmo que levou a herança de US\$ 200 mil recebida por ocasião da morte de seu pai, Frances York. Mas foi durante seu casamento que a maior parte de sua riqueza material foi acumulada.

Entre as principais aquisições, está o anel de casamento de safiras e diamantes, que poderia render US\$ 370 mil num leilão.

O conjunto de joias — o anel, as luvas, colares e braceletes — vale algo em torno de US\$ 40 milhões. Já o guarda roupa de Diana poderia valer US\$ 6,5 milhões. Ele é composto por 95 vestidos de baile, 126 vestidos, 128 saias e 54 casacos e cerca de 350 pares de sapatos.

## Al Fayed venceu Charles quando conheceu Diana

de Londres

O empresário Dodi al Fayed conheceu a princesa Diana há dez anos, durante uma partida de polo (em que os jogadores, a cavalo, utilizam tacos para bater numa bola de madeira). Ele estava no time que enfrentou e venceu a equipe do príncipe Charles.

O relacionamento com Diana, porém, só começou no início de julho de 1997, depois de ela ter ido com sua família para um cruzeiro pelo Mediterrâneo.

Dodi al Fayed, 41, era filho de Mohamed al Fayed, o dono da loja de departamentos Harrod e do hotel Ritz em Paris.

Produtor de cinema, o namorado de Diana já havia exibido algumas roupas famosas, como as estranhas Resolva Shiloh e Wynona Rider.

Era divorciado. Em 1986, casou-se com uma modelo em uma estação de esquí do Colorado (EUA). A união durou oito meses. Al Fayed foi educado na Suíça, antes de ingressar em uma academia militar do Reino Unido. Ele tinha autorização para viver em dois hotéis, mas possuía cidadania dupla, dos Emirados Árabes Unidos e do Egito.

Questões trabalhistas Depois de se firmar como atuante, iniciou sua carreira como produtor cinematográfico. Seus créditos incluem sucessos como "Carroçagem de Fogos", ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro, e "Hook", dirigido por Steven Spielberg.

Durante sua carreira, enfrentou 11 processos de funcionários que o

acusavam de quebra de contrato. As questões acabaram sendo resolvidas por meio de acordos extrajudiciais.

Blindado Depois de Los Angeles (Costa Oeste dos EUA), Al Fayed levava um estilo de vida extravagante. Gostava de festas e circulava pela cidade em um veículo blindado, comprado do Exército norte-americano.

Depois de tenado público o relacionamento com Diana, uma ex-namorada de Al Fayed entrou na Justiça contra ele.

A modelo norte-americana Kelly Fischer afirmou que Al Fayed havia prometido se casar com ela e pagaria US\$ 1 milhão de indenização.

Fischer disse também que Al Fa-

yed queria continuar seu relacionamento com ela paralelamente ao seu romance com Diana.

O pai de Dodi, Mohamed al Fayed, é considerado um dos homens mais poderosos do Reino Unido. A denúncia — feita por ele mesmo — de ter pago parlamentares para que representassem seus interesses no Parlamento desencadeou um dos maiores escândalos da história política do país.

Ele denunciou deputados do Partido Conservador, depois de ver negado seu pedido de cidadania britânica.

Acusou-se que o caso tenha contribuído para a derrota arrasadora sofrida pelos conservadores na eleição de 19 de maio, que reconduziu o Partido Trabalhista ao poder. (1998)

## Divórcio selou vitória de Diana

RUPERT CORNWELL

de "The Independent"

Diana Frances Spencer nasceu no final da tarde de 1º de julho de 1961 em Park House, Sandringham, terceira filha do visconde e da viscondessa Althorp.

Para seus pais, inicialmente, foi um desapontamento esperarem o nascimento de um filho homem para manter vivo o nome Spencer, próximo da corte britânica por mais de quatro séculos — apenas três anos depois, com o nascimento de seu irmão Charles, todas as condições estavam dadas para a família de se tornar.

Mas o sonho, sempre mais aparente do que real, logo. Segundo o biógrafo Andrew Morton, Diana sempre se lembrava de uma discussão violenta entre seus pais.

Em 1967, os Althorps se separaram depois de 14 anos de casamento. Com 6 anos, Diana se tornou uma peça num caso de divórcio. O pai conseguiu a custódia dos filhos. Para a garotinha, foi um trauma que marcaria sua vida.

Diana ia à escola Silfield, em King's Lynn e, 18 meses depois do divórcio dos pais, foi mandada para uma escola preparatória.

Ela era alegre, atrevida e rapidamente fez novos amigos. Em termos escolares, não se destacava. Adquiriu gosto por dançar e uma paixão pelos esportes que iria levar para a vida toda.

Em 1975, quando Diana tinha quase 14 anos, novas mudanças. Com a morte de seu avô, seu pai se tornou o oitavo duque Spencer, seu irmão Charles assumiu como visconde Althorp e ela e suas duas irmãs se tornaram ladies.

Com dinheiro herdado ao completar 18 anos, comprou um apartamento no bairro de Earl's Court.

Em 1979, passou a dar aula a pré-escolares.

O herdeiro do trono britânico encontrou sua futura princesa numa festa em Sandringham em janeiro daquele ano, para a qual Diana e sua irmã Sarah haviam sido convidadas. Sarah é quem seria a primeira presidente do príncipe.

Quase sem perceber, Charles foi ficando encantado pela alegre e simples irmã mais nova que estava se tornando uma bela e cativante mulher diante de seus olhos.

Aos 20 anos, Charles estava sob intensa pressão tanto do público quanto de seu pai para encontrar a futura rainha. Diana se encaixava perfeitamente. Era radiante, e, nas palavras de seu tio, lord Fermoy, "uma virgem de boa fé".

O casamento, no dia 29 de julho de 1981, foi um perfeito conto de fadas. Uma união feita no céu e selada em perfeitíssimo esplendor diante da congregação da catedral de São Paulo, em Londres.

Na verdade, essa foi uma união que nunca deveria ter acontecido. Desde o início, o fantasma vivo de Camilla Parker Bowles, a ex-namorada do príncipe Charles, rondava sua Diana.

Assim que o amor inicial ardeu, o casal descobriu que tinha pouco em comum: Charles era católico e tradicional, e Diana, evangélica e impetuosa, apaixonada por música pop, clubes noturnos e barulho.

Em menos de 11 meses, nasceu o filho e príncipe herdeiro, William Arthur Philip Louis, em 21 de junho de 1982. Pouco menos de dois anos depois, nasceu Harry.

Depois do nascimento de William, Diana teve uma severa depressão pós-natal, mas, mais meses por um instante, o casal tinha um interesse em comum. Embora de maneira imperceptível, o casamento começava a desmoronar.

Houve longas separações, insinuações veladas de divórcio alimentares e crises de depressão provocadas pela retomada da relação de Charles e Camilla. Em 1985, começaram a surgir as primeiras notícias de divórcio, mas o desastre só ficou claro com a biografia de Diana, "Sua Verdadeira História", de Andrew Morton (1992).

Escrita com o apoio da biografia, o livro revelou uma atriz de tentativas de suicídio. Também revelou que ela sofria de bulimia e anorexia. Cinco meses depois da publicação do livro, o primeiro-ministro John Major, para surpresa de ninguém, comunicou ao Parlamento a separação do casal.

Diana, no entanto, foi evidentemente a vítima no seu confronto com Charles. Quando estavam juntos, era para ela que se voltava as câmeras. Quando se separavam, a atenção do público focava no seu lado.

MODA

## Era a princesa que mora ao lado

Leilão de suas roupas exorcizou a realeza, fixando a imagem de modelo da mulher pós-moderna

ERIKA PALOMINO

Colunista da Folha

"Call me Diana", disse a princesa de Gales ao fotógrafo de seu material para a revista "Vanity Fair", por ocasião do leilão de seus principais vestidos usados durante o período de seu "retiro", por assim dizer, junto à casa de Windsor, em junho último.

"Me chame por Diana". A frase representa a resposta à inadequação do mundo diante da figura ímpar, original e simpática, depois da ruptura com a família real inglesa.

É que as imagens de Diana estão inscritas no imaginário do século 20, em nosso repertório pessoal, de cada um.

Estimados que fomos pelas tabuletas londrinas, quem não se lembra de Diana ainda professora, de suas infâncias transparentes na corrala e cabelo dispendiosamente repicado?

Pois esse repicado foi a primeira infância, a primeira insinuação para milhares de mulheres — no Reino Unido e em todo o

mundo. Para não somente aquelas que seguem os passos da monarquia britânica, mas também para as mesmas jovens mulheres que hoje compram revistas femininas em busca do último visual a ser copiado.

Mesmo antes do casamento com Charles, o cabelo Diana virou coqueado internacional. E o é até hoje em dia. Vinte jantar num restaurante em Londres e verá clones de Diana por toda parte, no mesmo estilo de pente, a totalidade de sua tinteira, a maquiagem com lápis preto por sobre as pálpebras e mesmo a maneira de entrar no ambiente — algo tímida, algo segura.

A vontade de Diana de voltar a nos acostumarmos a ver na TV e nas revistas. Como o vestido em cor-de-rosa bordado com pérolas falsas (1989), aquele outro com decote drapado cruzado na frente, usado numa recepção em 93 (o anel) o longo em veludo preto, o longo firme lúgido, datado de 94, o tomara-que-caia com forma de smoking masculino, da última temporada.

Cada um contando um mínimo de US\$ 5.000, numa iniciativa

ser uma mulher — e por isso exorcizar seu passado e sua vivência dentro de cada uma das 79 peças vendidas em leilão — ao mesmo tempo amble e resposta.

Foram para laços públicos aqueles vestidos a que nos acostumamos a ver na TV e nas revistas.

Como o vestido em cor-de-rosa bordado com pérolas falsas (1989), aquele outro com decote drapado cruzado na frente, usado numa recepção em 93 (o anel) o longo em veludo preto, o longo firme lúgido, datado de 94, o tomara-que-caia com forma de smoking masculino, da última temporada.

Cada um contando um mínimo de US\$ 5.000, numa iniciativa

sero precedentes na realeza — uma espécie de enciclopédia fashion, talvez. Outro diferencial é que, depois de conseguir escapar do controle do Palácio de Buckingham — Diana, a mulher — seguiu seu caminho como modelo de uma mulher dos nossos tempos. O dessa mulher "common" que se separa do marido, tem seus filhos para educar, sua vida pessoal e eventuais romances.

Com a visibilidade conferida às madonas e às princesas de Gales, Diana chegou finalmente ao universo das revistas de moda.

"Vogue", "Harper's Bazaar" e mesmo a "Vanity Fair" saíram então com reportagens e capas sobre "a nova princesa", com imagens então retabuladas pelos principais fotógrafos do mundo. Diana se encaixa perfeitamente nos modelos da mulher pós-moderna, como disse a poetisa "Vanity Fair".

Diana era a princesa "next door", ao lado, próxima e acessível. Da seu carisma, sua paixão e sua dor.

DRESSES

uma coleção de Diana - Fashion - 1981 - 1997



Catálogo do leilão de vestidos



Especial ■ 12 segunda-feira, 1º de setembro de 1997



Foto de Diana e flores, colocadas em frente aos portões do Palácio de Buckingham, em Londres, em homenagem à princesa, morta na madrugada de ontem

## Com cartões e flores, multidão se despede de princesa em frente ao palácio da rainha



População assiste a passagem do comboio com o caixão da princesa

de Londres

Em um clima de silêncio e luto, milhares de pessoas se aglomeraram em frente ao Palácio de Buckingham, no centro de Londres, a residência oficial e sede da monarquia britânica, para homenagear a princesa Diana.

Os moradores de Londres também acompanharam a chegada do cortejo que conduziu o corpo da princesa do aeroporto de Northolt à cidade.

Todos os portões do palácio ficaram tomados por flores deixadas por admiradores. Junto com elas, bilhetes endereçados a ela, a Dodi Fayed e aos filhos da princesa, os príncipes William e Harry.

Nos textos, um sinal do culto quase religioso que a notícia da morte desencadeou: alguns a compararam à Madre Teresa de Calcutá. Junto a um bispo, estavam retratos de Diana e da Virgem Maria.

"Não falta mais nenhum seja no paraíso", dizia uma das notas.

Houve quem atribuisse sua morte a uma conspiração, cujos arquitetos poderiam ser o governo britânico ou a própria família.

"Ela devia ser saído do país", afirmou uma britânica em frente ao palácio. "Todas essas coisas que aconteceram provaram que, no final das contas, eles (a família real) não são melhores do que os outros."

A multidão tornava difícil o acesso ao palácio. Alguns chegaram ao local nas primeiras horas da manhã, logo após receber a notícia da morte. Toda a área em frente ao Palácio de Buckingham estava cercada por equipes de TV que transmitiam as cenas ao vivo.

Várias fotografias foram agredidas verbalmente enquanto tentavam captar imagens de pessoas depositando flores.

Para os brasileiros que estão em Londres e foram aos Palácios de Buckingham e Kensington — onde Diana morava — para homenageá-la, a única comparação possível era com a morte do piloto Ayrton Senna.

"A tristeza que a gente viu aqui só é comparável à que o Brasil viveu na morte do Senna", disse Valéria Rothberg, que veio de Itauri (São Paulo), para conhecer a Europa junto com a mãe, Helena, e a irmã, Mônica.

Helena ficou emocionada ao ler as mensagens deixadas no portão do Palácio de Kensington. No local, Diana passaria o domingo com os dois filhos depois de regressar da capital francesa.

Helena lembrou que o trabalho assistencial da princesa aproximou-a da população do Terceiro Mundo. Os turistas afirmaram estar dispostos a acompanhar o funeral de Diana.

(PAULO HENRIQUE BRAGA)



Flores deixadas em frente ao Palácio de Kensington, moradia de Diana



Em Tóquio, japoneses pegam jornais com a notícia da morte da princesa



Franceses observam a entrada do túnel em que ocorreu o acidente



O tenista André Agassi, em minuto de silêncio por Diana no US Open

## ANEXO B – 19 DE SETEMBRO DE 2018

[< celebridades](#)

## Revista que publicou fotos de topless de Kate Middleton terá que pagar multa

A Justiça francesa manteve os valores determinados na decisão de setembro de 2017



A revista francesa foi a primeira a publicar a imagem em que Kate, sem a parte de cima do biquíni, fotografada em 2012 - AP

---



RECEBA AS NOTÍCIAS DO F5

Digite seu e-mail



19.set.2018 às 10h50

SÃO PAULO A Justiça francesa confirmou nesta quarta (18) que a revista Closer deverá pagar multa a Kate Middleton por ter publicado, em dezembro de 2012, fotos da duquesa fazendo topless durante sua lua de mel com príncipe William no sul da França.

Em setembro de 2017 os diretores da revista foram condenados a uma multa de 45 mil euros cada (R\$ 217 mil), o valor máximo previsto por lei. Além disso, os dois fotógrafos que fizeram os cliques deveriam pagar 10 mil euros cada (R\$ 48 mil). A defesa da revista recorreu da decisão, que foi mantida pelo tribunal segundo a AFP.

Além do valor pendente, a Closer já pagou 100 mil euros (R\$ 483 mil) em perdas e danos ao casal real, que solicitava uma indenização de 1,5 milhão de euros (R\$ 7,2 milhões), afirmando que houve uma "violação grave de sua privacidade."

A revista francesa foi a primeira a publicar a imagem em que Kate, sem a parte de cima do biquíni, aparece ao lado de William, à beira de uma piscina em uma luxuosa fazenda em Luberon, no sul da França. Os cliques foram feitos com uma lente teleobjetiva, que tem um grande zoom.

---

## ANEXO C – 1º DE AGOSTO DE 2019

[< celebridades](#)

## 'A duquesa difícil': Por que os tabloides britânicos odeiam Meghan Markle



Príncipe Harry e Meghan Markle anunciaram o noivado em novembro de 2017 - BBC News/AP

---



RECEBA AS NOTÍCIAS DO F5

Digite seu e-mail



1. ago. 2019 às 19h15

#### ANDREY KOZENKO

Em 6 de julho, [Archie Harrison](#), filho do príncipe Harry e da duquesa Meghan Markle, foi batizado em uma igreja perto do Castelo de Windsor. Ao contrário da tradição, [o evento foi realizado a portas fechadas](#).

Isso resultou em uma nova onda de críticas a Meghan.

Nesta semana, os tabloides não ficaram felizes com a participação da duquesa como editora convidada da revista Vogue. O tabloide The Sun criticou a duquesa por não incluir a rainha Elizabeth em uma lista de "pioneiros" e o Daily Mail a advertiu a se manter fora da política.

Na primavera e no verão de 2019, a duquesa de Sussex se viu pintada como vilã pela imprensa britânica.

Dois anos atrás, a imprensa a tratou com grande simpatia, mas agora Meghan está sendo atacada, acusada de ser incapaz de lidar com seus deveres como integrante da família real.

## A DUQUESA PERFEITA

Na primavera de 2017, [Meghan Markle era a queridinha da imprensa britânica](#). Desde sua primeira aparição pública com o príncipe, tabloides como The Sun publicaram chamadas como "Meghan Markle adota estilo casual para assistir a Harry jogar polo".

Diferente de seu estudioso irmão mais velho, William, o príncipe Harry já havia aparecido em matérias escandalosas sobre o uso de drogas e festas selvagens, mas a imprensa britânica estava disposta a perdoar e esquecer.

Eles gostaram de Meghan –ela representou a personificação de todas as mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos anos. O mundo estava aparentemente pronto para ela. No ano passado, os tabloides escreveram sobre as peculiaridades dela, mas mantiveram um tom simpático.

1 / 11 Archie, o filho de Meghan e Harry



Meghan e Harry apresentam o bebê real à imprensa, no castelo de Windsor, dois dias após o nascimento Dominic Lipinski/AFP



Primeiro, o pai de Meghan se recusou a ir ao casamento - oficialmente, devido a problemas de saúde. Então, a rainha a proibiu de usar a tiara que ela queria - porque acreditava-se que era de fabricação russa. Isso foi compreensível.

Considerando o pano de fundo do escândalo do envenenamento de Sergey e Yuliya Skripal (ex-agente russo e a filha dele) na Inglaterra, a família real optou por evitar possíveis associações negativas no dia do casamento.

No entanto, na primavera e no verão deste ano, apesar do nascimento do primeiro filho de Meghan e Harry, ela se tornou uma das pessoas mais criticadas nos tabloides britânicos. Agora, ela é perseguida por tudo - pelas reformas caras na casa, aparência, comportamento público e até pelo uso de redes sociais.

### **O ALVO IDEAL**

Em junho, a imprensa atacou o casal real devido aos custos da adaptação da residência deles, a Frogmore Cottage, em Windsor, nos arredores de Londres. Os valores chegaram a 2,4 milhões de libras (R\$ 11,4 milhões) - tudo pago com dinheiro público.

Citando uma fonte próxima à família real, o Daily Express informou que uma semana depois de se mudar, o casal supostamente jogou fora um "tapete luxuoso". Um dos cães da família estragou o tapete, e ele foi mais danificado pelos funcionários que tentaram salvá-lo.

A família teria ficado "indiferente" diante do custo adicional para substituir o tapete. Outras controvérsias envolveram o anel de noivado. Muito se comentou sobre a peça: a versão original foi projetada pelo próprio príncipe Harry.

O anel tinha três pedras –dois diamantes de sua mãe, a princesa Diana, e outra de Botsuana, onde o casal passou as primeiras férias juntos. Um ano após o casamento, Meghan decidiu reformá-lo, acrescentando mais diamantes e –de acordo com a imprensa– tornando o gesto de Harry sem sentido "por uma questão de moda".

Além disso, houve uma onda de pedidos de demissão. Primeiro, a assistente pessoal de Meghan, Melissa Toubati, deixou a função no outono de 2018. Depois, houve a demissão da ex-assistente pessoal da própria rainha Elizabeth, Samantha Cohen.

Finalmente, em março de 2019, veio a demissão de outra assistente pessoal –Amy Pickerill– que foi designada para Meghan desde o início. Era seu trabalho ajudar Meghan a integrar-se à família real. Agora, Meghan está sendo criticada por demitir três babás em um mês.

De acordo com os tabloides, os funcionários deram a ela dois apelidos –"Me-Gain" (em inglês, o som parece com "migraine", que significa enxaqueca) e "Duchess Difficult" (Duquesa Difícil)– por constantemente elevar sua voz, e por enviar e-mails com suas demandas nas primeiras horas da manhã.

#### **FOTOS "ERRADAS"**

O nascimento do primeiro filho do casal, em maio de 2019, não ajudou em nada a melhorar a imagem da família. Harry e Meghan escolheram publicar as primeiras fotos do recém-nascido no Instagram. O *Mirror* comentou que "(fãs) não querem uma foto artística no Instagram do pé de Archie três dias depois.

As fotos que eles divulgam são muito estilizadas. As pessoas só querem ver Harry, Meghan, o bebê, a roupa e os padrinhos, é tudo. É tradicional. Não há nada de errado com um pouco de tradição quando se trata de um bebê real."

A lista de reclamações cresce cada vez mais. No início de julho, o batizado de Archie Harrison foi adicionado à lista de críticas. Nem jornalistas, nem o público foram autorizados a participar do evento - que tradicionalmente é público. No entanto, o casal pediu desculpas e prometeu publicar as fotos mais tarde.

O Telegraph respondeu com uma coluna intitulada "Carta aberta a Meghan: por que o sigilo sobre o batismo de Archie? Dói a nós, o povo britânico". O Palácio de Buckingham não comentou o caso.

"A vida da família real é, por um lado, palácios e fama, mas sua principal diferença em relação à vida das estrelas é que também é uma responsabilidade. Você não pode simplesmente pegar um avião e voar no fim de semana. Essa vida tem regras", diz Jonny Dymond, o correspondente de assuntos da realeza da BBC.

A realeza não deve ter discussões públicas, mas Meghan e o Harry já foram vistos tendo uma "conversa intensa". Eles não deveriam assinar autógrafos, mas Meghan faz isso com prazer. Meghan parece ter decidido reescrever todas as regras - e algumas pessoas odeiam isso.

"A coisa mais importante a se entender sobre a família real britânica é que não se trata tanto de liderança, mas de criar a imagem perfeita que todo cidadão tem prazer em ver", explica Dymond. "Da forma como as coisas são hoje, mesmo que não tenha sido planejado, a família real se tornou parte da indústria mundial de celebridades. Há a rainha - um modelo de estabilidade, serviço e sacrifício. E depois há outras figuras - elas também têm obrigações reais, embora menores. Os rostos deles nas primeiras páginas ajudam a vender jornais, e Meghan Markle é a parte mais importante disso."

De acordo com Dymond, os tabloides são parcialmente responsáveis pela criação da imagem pública de Meghan. "A história começou com a chegada dela aqui. Eles precisam dessa narrativa para continuar", diz ele.

Ao mesmo tempo, é difícil ignorar a constante enxurrada de histórias negativas sobre a duquesa. "Vimos como Markle era exigente. Vimos que ela estava feliz em gastar o dinheiro da maneira que queria. Isso somado ao fato de que ela tinha um 'background' diferente - e foi assim que aconteceu a construção da atual imagem dela", diz.

Enquanto Harry é apenas o sexto na linha de sucessão do trono e é improvável que se torne rei, Meghan não pode evitar ser comparada à cunhada, Kate.

### **O VILÃO PERFEITO**

Colocar um membro da família contra outro é uma técnica que os tabloides costumam usar para criar conflitos. Da década de 1960 a 1980, a rainha Elizabeth 2ª foi retratada como impecável realizando seu serviço. Ao contrário, a irmã dela, princesa Margaret, tinha um amante, fumava, era frequentemente vista bebendo álcool, participava de festas e era até fotografada em traje de banho.

Na década de 1980, a imprensa adorou a modéstia da princesa Diana, mas não suportou sua amiga Sarah Ferguson quando se tornou a duquesa de York. Ela foi criticada por vir de uma família de plebeus, embora, a princípio, esses mesmos tabloides a saudassem como "princesa do povo". Ela foi acusada de não ter boas maneiras, aparecendo em público com outros homens e foi criticada por engordar após o parto.

Mais tarde, Ferguson admitiu ter lutado contra uma depressão séria depois que os jornais começaram a chamá-la de "Duquesa de Pork (porco, em inglês)". Agora, a mídia coloca o príncipe Harry e Meghan Markle contra o príncipe William e Kate Middleton.

Kate é retratada como perfeita e "nascida para ser mãe". Mas quando Meghan está em questão, uma citação do príncipe Philip é frequentemente lembrada: "Só se deve sair com atrizes, não se casar com elas".

A divisão final entre as duas famílias ocorreu em um episódio com uma instituição de caridade. Em junho, Harry e Megan anunciaram que deixariam de participar da Royal Foundation, fundada pelo príncipe William. Eles queriam criar sua própria fundação de caridade com foco em questões diferentes.

Assim, a narrativa já não era apenas sobre Meghan, mas sim sobre o conflito entre dois irmãos e entre duas famílias da corte. "Você não deve pensar que tudo nesta história é ruim para Markle", alerta Johnny Dymond. "Por décadas, membros da família real tiveram de provar sua capacidade de viver sob pressão e lidar com golpes."

"Simplesmente, nós, como nação e como cidadãos, estamos projetando na família real o que queremos ver em nós mesmos", continua ele. "Eles capturam nossa imaginação e, ao mesmo tempo, são nossa imagem espelhada. Isso diz muito sobre nós que somos tão parciais com essas histórias."



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)